

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
ÁREA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO**

**AMISTSON LOPES DA SILVA**

**O USO DO TERRITÓRIO NA CIDADE DE UNIÃO DOS PALMARES – AL: O  
CIRCUITO INFERIOR NAS SUAS ÁREAS CENTRAL E PERIFÉRICA**

**MACEIÓ, ALAGOAS  
2018**

**AMISTSON LOPES DA SILVA**

**O USO DO TERRITÓRIO NA CIDADE DE UNIÃO DOS PALMARES – AL: O  
CIRCUITO INFERIOR NAS SUAS ÁREAS CENTRAL E PERIFÉRICA**

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. ELIZA PINTO DE ALMEIDA**

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO INSTITUTO DE  
GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS PARA  
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM GEOGRAFIA NA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO  
SOCIOESPACIAL E DINÂMICAS TERRITORIAIS.**

**MACEIÓ, ALAGOAS  
2018**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 – 661

S586u Silva, Amistson Lopes da.  
O uso do território na cidade de União dos Palmares – AL: o circuito inferior nas suas áreas central e periférica / Amistson Lopes da Silva. – 2018.  
170 f.: il. color.

Orientador: Eliza Pinto de Almeida.  
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas.  
Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 161-166.

Apêndices: f. 167-170.

1. Geografia urbana – União dos Palmares (AL). 2. Uso do território urbano.  
3. Economia urbana. 4. Pobreza urbana. I. Título.

CDU: 911.375 (813.5)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
ÁREA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO**

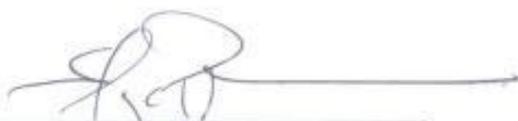
**AUTOR: AMISTSON LOPES DA SILVA**

**O USO DO TERRITÓRIO NA CIDADE DE UNIÃO DOS PALMARES – AL: O  
CIRCUITO INFERIOR NAS SUAS ÁREAS CENTRAL E PERIFÉRICA**

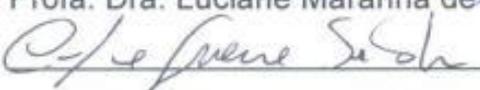
**ORIENTADORA: PROFA. DRA. ELIZA PINTO DE ALMEIDA**

**Aprovado em 31 de agosto de 2018**

**BANCA DE EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Eliza Pinto de Almeida – Presidente

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Luciane Maranhã de Oliveira Marisco – Titular Interno

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Cirlene Jeane Santos e Santos – Titular Externo

**Maceió, 31 de agosto de 2018**

Dedico este trabalho aos meus pais, Arlindo Lopes e Maria José (Mariínha), as minhas irmãs Arly e Ziane, a minha companheira e esposa Érica Morgana.

À memória do meu amigo e irmão Fernando Antônio da Silva, Doutor em geografia pela Universidade de Campinas – Unicamp, que nos deixou tão precocemente e de forma repentina. Além de um grande amigo foi um intelectual excepcional e muito solidário com as causas sociais. Foi um grande motivador e também principal influência para que eu pudesse desenvolver esta pesquisa. Que pena que não deu para você presenciar minha defesa meu querido amigo. Você se foi enquanto materialidade, mas continua mais vivo do que nunca em nossas mentes esperançosas por um futuro melhor.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer aos meus pais, Arlindo Lopes, um homem sonhador, bondoso, prestativo e amoroso e Maria José (Mariinha), uma mulher guerreira, batalhadora, amiga, parceira e acima de tudo Mãe. Agradecer pela criação exemplar, rígida e ao mesmo tempo flexível, mas principalmente pelo esforço de sempre me manter na escola desde as séries iniciais, de me fazer acreditar que, para nós de família pobre, o único caminho para “vencer na vida” e nos libertar das amarras imperiosas da ideologia hegemônica é a educação.

A minha companheira, amiga e esposa Érica Morgana. Por compreender minha ausência mesmo estando tão próximo. Por me incentivar nos momentos mais delicados e sensíveis que passei durante o curso. Por participar direta e indiretamente da construção do trabalho. Sem você, certamente este trabalho não teria sido concebido.

Às minhas irmãs, Arliziane Lopes e Arly Lopes, pelo carinho e afeto que sempre depositaram em mim. Ao Roberto, meu cunhado, pelo apoio e compreensão.

Aos amigos-irmãos que admiro e respeito muito: Felipe Paulino, por ter me acolhido em sua casa durante toda graduação e por ter contribuído com meu ingresso na Rede Adventista de Educação; Danilo Rafael, companheiro de trabalho no Núcleo Municipal de Endemias, que em 2006 praticamente me “obrigou” a prestar o vestibular para o curso de Geografia na UNEAL, mas acima de tudo pelos seus valorosos conselhos e amizade fraterna; Antônio Neto, pela amizade e cumplicidade na geografia e na vida; Fernando Antônio (*in memoriam*), um amigo-irmão querido que nos deixou tão precocemente, uma perda imensurável, foi o mentor e principal influenciador para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos agentes que responderam os questionários, relataram um pouco de seu cotidiano e permitiram que tirássemos fotografias de seus estabelecimentos durante o trabalho de campo.

A todos os alunos do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Alagoas, turma de 2016.

À professora orientadora Dra. Eliza Pinto de Almeida, a quem respeito e admiro muito. Pelas orientações e correções, mas principalmente por seu rigor acadêmico. Também as professoras que compuseram a banca de qualificação e da defesa da dissertação, Dra. Luciane Maranha de Oliveira Marisco e a Dra. Cirlene Jeane Santos e Santos, e que contribuíram de forma decisiva para o desenvolvimento do trabalho, com suas sugestões e correções.

À Universidade Federal de Alagoas – UFAL, em especial, ao Programa de Pós-graduação em Geografia – PPG do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente – IGDEMA, nas pessoas da Profa. Dra. Silvana Quintella e do Prof. Dr. José Vicente Ferreira, pelo apoio desde o início do curso.

Aos companheiros do Grupo de Estudos Territoriais – GETERRI, pelos debates, conversas e discussões, que sem dúvida contribuíram decisivamente para idealização e desenvolvimento deste trabalho. Em especial ao professor Dr. Reinaldo Sousa, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, coordenador e idealizador do Grupo.

Ao professor Dr. Clélio Cristiano dos Santos, da Universidade Estadual de Alagoas, pela motivação acadêmica durante toda graduação.

À Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, que me abriu as portas para a vida acadêmica e profissional, mas principalmente por ter colocado pessoas maravilhosas no meu caminho.

Enfim, a Deus nosso criador! Que nos concedeu Jesus Cristo, nosso Salvador! Professor maior, pois nos ensinou a amar e respeitar todas as pessoas, mas acima de tudo, deixou como principal legado, a ética conformada na compaixão, bondade, humildade, caridade e solidariedade humana.

*“Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-los em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria-inerte que seja trabalhada pelo homem mas não se volte contra ele; um espaço Natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado”.*

*Milton Santos, 2009c, p. 41.*

## RESUMO

A presente pesquisa busca compreender a dinâmica urbana de União dos Palmares – AL no período atual da Globalização a partir das atividades do circuito inferior da economia urbana, sobretudo o uso do território, sinônimo de espaço geográfico, pelos agentes dos pequenos negócios que animam a economia popular da cidade. Para tanto, com base na teoria dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos, proposta por Milton Santos (2008c), importante caminho teórico e metodológico para se entender a urbanização, selecionamos as principais parcelas do meio ambiente construído que a população utiliza para desenvolver o trabalho. A cidade aqui escolhida como situação geográfica (SILVEIRA, 1999) da pesquisa tem sua gênese ligada ao contexto regional de urbanização, movida pela expulsão de trabalhadores de suas terras, bem como pelas enchentes que acometeram a bacia do Mundaú nos últimos cem anos. Com a implantação de diversos serviços ao longo das últimas décadas, inclusive do setor público, a cidade vem se destacando como um importante centro urbano na região Serrana dos Quilombos, mas foi principalmente a partir da década de 1970 que se iniciou de fato o processo de expansão de grandes bairros periféricos, por meio de invasões, doações por parte do poder público, pela venda e pelos programas de reconstrução de habitações para os desabrigados das enchentes. Nesse contexto é conformada na cidade de União dos Palmares, uma população pobre, que busca sobreviver de diversas formas nas áreas central e periférica. Para compreendermos a manifestação da pobreza urbana, investigamos o comportamento do circuito inferior central e residencial nos maiores bairros da cidade: Centro, Roberto Correia de Araújo, Nova Esperança e Newton Pereira Gonçalves. Destarte, a compreensão dessas atividades econômicas revela como a pobreza urbana se manifesta nos lugares e demonstra, sobretudo, a necessidade de uma ação político-institucional que parta dos sujeitos sociais, de suas demandas para a economia e não o contrário.

**Palavras-chave:** Território usado; Circuito inferior; Pobreza urbana; União dos Palmares.

## ABSTRACT

This present search seek to understand the urban dynamics in the city of União dos Palmares - State of Alagoas, in the current period of Globalization, from the activities of lower circuit of the urban economy, especially the use about territory, synonymous with geographical space, by the agents of the small businesses that animate the popular economy of the city. Therefore, based on the theory of the two urban economy circuits in the underdeveloped countries, proposed by Milton Santos (2008c), an important theoretical and methodological way to understand urbanization, we selected the main plots of the built environment that the population uses to work. The city chosen here as a geographical situation (SILVEIRA, 1999) it has its genesis linked to the regional urbanization context, driven by the expulsion of workers from their lands, as well as by the floods that affected the Mundaú river basin in the last hundred years. With the implementation of several services over the last decades, including the public sector, the city has emerged like an important urban center in the mountainous region of Quilombos, but it was mainly from the 1970s that the expansion of large peripheral districts through invasions, donations by public authorities, by sales and by the housing reconstruction programs for the homeless. In this context is conformed in União dos Palmares city, a poor population, which seeks to survive in various ways in the central and peripheral areas. In order to understand the manifestation of urban poverty, we investigated the behavior of the lower central and residential circuit in the largest neighborhoods of the city: Center, Roberto Correia de Araújo, Nova Esperança housing and Newton Pereira Gonçalves housing. Thus, understanding these economic activities reveals how urban poverty manifests itself in places and demonstrates, especially, the political-institutional need that should be active from people to the economy, not the other way around.

**Keywords:** Territory used; Lower circuit; Urban poverty; União dos Palmares.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 MECANIZAÇÃO E NOVOS USOS DO TERRITÓRIO: DO MEIO NATURAL AO MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL</b> .....	15
<b>1.1 Território e Periodização – Uma breve discussão</b> .....	15
<b>1.2 Dinâmica territorial de União dos Palmares: uma proposta de periodização</b> .....	22
<b>1.3 Modernização, a cidade e o urbano de União dos Palmares</b> .....	39
<b>2 URBANIZAÇÃO E PERIFERIZAÇÃO DE UNIÃO DOS PALMARES</b> .....	48
<b>2.1 A Expansão Urbana</b> .....	48
<b>2.2 Periferização e circuito inferior da economia urbana</b> .....	52
<b>3 DINÂMICA ATUAL DO CIRCUITO INFERIOR NA ÁREA CENTRAL</b> .....	57
<b>3.1 Considerações acerca dos dois circuitos da economia urbana</b> .....	57
<b>3.2 Meio ambiente construído</b> .....	62
<b>3.3 Pulverização do circuito inferior na área central</b> .....	71
<b>3.4 Avanço das estruturas do circuito superior na área central</b> .....	86
<b>4 DINÂMICA ATUAL DO CIRCUITO INFERIOR NAS ÁREAS PERIFÉRICAS</b> ....	96
<b>4.1 Meio ambiente construído e os dois circuitos da economia urbana no bairro Roberto Correia de Araújo</b> .....	96
4.1.1 A dinâmica do circuito inferior nos bairros periféricos de União dos Palmares ...	96
4.1.2 Meio ambiente construído deteriorado como abrigo para o circuito inferior da economia urbana. ....	99
<b>4.2 Valorização seletiva do meio ambiente construído e circuitos da economia urbana nos bairros Newton Pereira e Nova Esperança</b> .....	123
4.2.1 Meio ambiente construído renovado e o circuito inferior da economia urbana ..	123
4.2.2 Diversidade do circuito inferior da economia urbana nos bairros Newton Pereira e Nova Esperança.....	130
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	157
<b>REFERÊNCIA</b> .....	160
<b>APÊNDICES</b> .....	167

## INTRODUÇÃO

Considerando-se a cidade como uma totalidade, podemos vislumbrar as contradições e conflitos inerentes as sociedades capitalistas. Desse modo, a análise da cidade e do urbano passa necessariamente pela compreensão de sua organização espacial e dos distintos usos que os diversos agentes fazem desse espaço urbano. Partimos da premissa que o espaço geográfico é uma instância social que condiciona a dinâmica das relações econômicas, sociais, culturais e históricas. O espaço geográfico formado por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações (SANTOS, 2008e) é sinônimo de território usado.

A partir da modernização tecnológica, a cidade passou por grandes transformações, ocorreram modificações nas formas de produção, distribuição e consumo (SANTOS, 2009b). Sob o ponto de vista da dinâmica econômica, a cidade não pode mais ser estudada como um bloco maciço, na qual existiria apenas um único sistema econômico, especialmente em países subdesenvolvidos, onde podemos reconhecer a coexistência de dois subsistemas antagônicos e ao mesmo tempo complementares, o circuito superior e o inferior da economia urbana.

No atual período, nos países periféricos, a dinâmica da pobreza corresponde à dinâmica de funcionamento dos circuitos da economia urbana, superior e inferior proposta por Santos (2008c). O nosso objetivo foi contribuir para a análise dos circuitos da economia urbana de União dos Palmares, localizada no interior do Estado de Alagoas. Desse modo, concentramos nossas problematizações sobre a pobreza, fora do contexto metropolitano, no qual se concentram os estudos sob a égide dessa teoria. Pensamos ser importante arriscar considerações e proposições acerca das atualizações dos elementos do circuito inferior na cidade de União dos Palmares, bem como das variáveis e características que esse circuito comporta hoje em dia.

Portanto, para compreender o sistema urbano de União dos Palmares, consideramos a indissociabilidade histórica e metodológica entre a formação “sócio-espacial” (SANTOS, 1977) e as cidades, já que “o espaço construído e a distribuição da população, por exemplo, não têm um papel neutro na vida e na evolução das formações econômicas e sociais” (SANTOS, 1977, p. 91). Daí compreendermos que nos países periféricos a pobreza manifestada nos lugares está relacionada à existência do circuito inferior da economia urbana, que é tratado como sinônimo de pobreza.

Nesse sentido, o problema da pesquisa partiu da seguinte indagação: Quais são as possibilidades fornecidas por esse meio ambiente construído, de forma desigual e intensamente diversificado, para os agentes do circuito inferior da economia urbana?

Buscamos explicar o problema a partir do conceito de território usado e da teoria dos dois circuitos da economia urbana. De acordo com esta teoria, proposta por Milton Santos no final da década de 1970, a cidade compreende um sistema urbano dividido em dois subsistemas econômicos, o circuito superior e o circuito inferior. O circuito superior é definido pelo alto grau de tecnologia, capital intensivo e organização, enquanto o circuito inferior apresenta baixa tecnologia, trabalho intensivo e poucas formas de organização (SANTOS, 2008c).

Os dois circuitos não são constituídos como sistemas fechados, são dialéticos e interligados por intensas relações contraditórias, complementares, concorrentes e de subordinação (SANTOS, 2008c), mesmo que o poder de uso do território mude de acordo com as feições dos lugares.

Essa população pobre que passa a migrar, desde então, mais fortemente para a cidade, em função da modificação nas relações de trabalho e da expropriação de suas terras, acessa a terra urbana através de doações de terrenos por parte da prefeitura, da igreja e por meio de ocupações espontâneas. Pensando sobre esse processo, propusemos uma periodização do espaço urbano palmarino, nela identificamos que a partir da década de 1970 se iniciou de forma mais intensa o processo de expansão da periferia urbana, com a criação do bairro Roberto Correia de Araújo e de outros bairros populares.

Assim, intensificou-se tanto a expansão urbana quanto as desigualdades sociais, uma vez que a população pobre, oriunda do campo, é abrigada de maneira desordenada nessas áreas distantes do centro. O processo de expansão urbana continuou na década de 1990 e nos anos 2000. Importante também é registrar que muitos desses bairros surgiram às margens do Rio Mundaú. Com as grandes enchentes, o poder público, nos últimos anos, tem sido o agente fundamental na construção de grandes bairros populares para os desabrigados.

Instigados por essas proposições, selecionamos para pesquisa de campo, quatro grandes bairros populares da cidade de União dos Palmares – AL, a saber, o Centro, e os três grandes bairros periféricos, o Roberto Correia de Araújo, com pouco mais de 10.000 habitantes e a grande periferia formada pelos bairros Newton Pereira Gonçalves e Nova Esperança, que juntos possuem uma estimativa de pouco mais de 15.000 moradores, estes foram construídos para atender os desabrigados da última grande enchente de 2010. Desse modo, vislumbrar-se-á compreender o espaço urbano de União dos Palmares a partir da análise de como o circuito inferior da economia urbana se utiliza destas áreas para animar o território e assim desvendar e entender como vive grande parte da população pobre no território palmarino.

Partimos da hipótese de que o circuito inferior da economia urbana, ao tempo que serve para a manutenção e reprodução da pobreza em União dos Palmares, também funciona como resposta ao circuito superior, frente à expansão de um meio ambiente construído e da seletividade espacial, que mesmo com as carências de tecnologias, organização e capital, o circuito inferior possui um comportamento bastante dependente das condições locais, no centro e na periferia.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, tratamos da importância da mecanização e dos novos usos do território para o processo de urbanização de União dos Palmares. Realizamos uma discussão, na qual ratificamos o território usado como uma categoria importante e necessário para a análise geográfica, uma vez que serve como abrigo e como recurso para a ação humana, é um híbrido de formas e ações sociais (SANTOS, 1996). Há uma proposta de periodização, do meio natural ao meio técnico-científico-informacional (SANTOS; SILVEIRA, 2010), para entendermos a influência das modernizações no processo de formação territorial e social, ou seja, na configuração da pobreza urbana na cidade. Analisamos a relação da difusão da modernização com a cidade e o urbano, em União dos Palmares. Nesse sentido, verificamos que os fixos geográficos de instituições públicas e privadas, instalados na cidade, são sistemas de objetos que se configuram em sistemas de ações na medida em que se articulam com os fluxos da região Serrana dos Quilombos.

No segundo capítulo, “Urbanização e periferização de União dos Palmares”, além do processo de expulsão dos trabalhadores do campo, da compra e venda de terrenos e doações por parte do poder público, apresentamos a repercussão das enchentes para a expansão urbana da área periférica, que convocou o Estado a ser mais efetivo na maneira de lidar com a reorganização do território. Como resultado, houve na verdade, uma grande expansão da área periférica, com enorme contingente populacional que de diversas maneiras usa o território para sobreviver.

Mostramos o potencial que o circuito inferior tem para explicar a teoria dos circuitos econômicos, bem como analisar a dinâmica urbana nas cidades dos países subdesenvolvidos pelas ações dos agentes do circuito inferior nas áreas central e periférica da cidade palmarina e a forma que se dá o uso do território no período técnico-científico-informacional.

O terceiro capítulo, denominado “A dinâmica atual do circuito inferior na área central”, apresenta as principais características do circuito inferior central, o avanço do circuito superior nas últimas décadas e a relação dialética entre os dois circuitos com o meio ambiente construído. O comportamento e o funcionamento do circuito inferior na área central

são bem mais dinâmicos e diversos do que na periferia de União dos Palmares. Neste capítulo, verificamos que a abrangência do mercado do circuito inferior contribui para reafirmar a cidade como centralidade urbana na região Serrana dos Quilombos.

No quarto capítulo, “Dinâmica atual do circuito inferior nas áreas periféricas”, investigamos as características e o comportamento do circuito inferior residencial nos maiores e mais populosos bairros periféricos: Roberto Correia de Araújo; Newton Pereira Gonçalves e Nova Esperança. Com abordagens da questão da formalização e da organização técnica e pouco burocrática das atividades, constatamos que o circuito inferior contribui com a sustentação da máquina pública por meio de pagamentos de impostos, em contrapartida, seus agentes recebem bem menos benefícios.

O método que conduziu a pesquisa foi o materialismo histórico dialético, por ser considerado o caminho mais adequado no processo de compreensão da totalidade das relações contraditórias e combinadas que se dão no espaço geográfico. Quanto à classificação, a pesquisa é de natureza bibliográfica e descritiva, mas também experimental, pois aplicamos questionários nos quatro bairros escolhidos para o estudo de campo, a fim de produzir dados primários para compreender o comportamento do circuito inferior tanto na área central quanto nas áreas periféricas.

Cabe ressaltar a insuficiência dos dados estatísticos concernentes ao circuito inferior da economia urbana, devido às estatísticas oficiais não levarem em conta as atividades da economia dos pobres das cidades, por isso, é de suma importância realizar a pesquisa de campo. Tais estatísticas não consideram o circuito inferior por falta de entendimento teórico e pelo equívoco de confundi-lo com o setor informal da economia (SANTOS, 2008c). Há ainda que lembrar a grande dificuldade em identificar holisticamente os dois circuitos da economia urbana, o superior e o inferior. Por isso, como o circuito inferior se apresenta como um dos elementos indispensáveis para apreendermos a realidade urbana, “cabe, então, ao próprio pesquisador atenuar tais deficiências, fazendo as pesquisas necessárias no campo” (SANTOS, 2008c, p. 25).

Nesta perspectiva, para apreender as principais características, o comportamento e o funcionamento das atividades desenvolvidas pela população pobre da cidade, realizamos registros de depoimentos e aplicamos questionários. Dessa forma, foram aplicados 73 questionários aos proprietários das atividades do circuito inferior, 26 na área central e 47 nas áreas periféricas, entre 12 de julho e 17 de setembro de 2017. Foram abordadas questões relacionadas à trajetória profissional, trajetória da atividade, relação das atividades com o meio ambiente construído – já que os circuitos incorporam as características do lugar em que

estão instalados –, organização e formalização, finanças, créditos e consumo. Com base nos dados primários obtidos com os questionários e nos dados secundários pesquisados nos sites e instituições oficiais, foram elaborados gráficos, mapas, quadros e tabelas com o objetivo de representar as características e a lógica de funcionamento do sistema urbano palmarino, sobretudo das atividades desenvolvidas pelos agentes proprietários do circuito não moderno.

Assim, o circuito inferior possui uma racionalidade própria, pois se apresenta fortemente na dinâmica econômica da classe pobre dos países subdesenvolvidos e em especial no Brasil, funciona como válvula de escape para uma parcela significativa da população, que muitas vezes não tem oportunidade de consumir e trabalhar no circuito superior. Sobre a dinâmica do circuito inferior da economia urbana de União dos Palmares – AL, versa este trabalho.

# 1 MECANIZAÇÃO E NOVOS USOS DO TERRITÓRIO: DO MEIO NATURAL AO MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL

## 1.1 Território e Periodização – Uma breve discussão

Os estudos da ciência geográfica passam a cada momento por transformações na busca de melhor compreensão do mundo. O território é um fator importante e necessário para a análise geográfica. Ele pode ser empregado para investigar as alterações tanto na forma quanto no conteúdo de um determinado subespaço político, conforme buscaremos demonstrar a seguir. Para tanto, é necessário que o território seja estudado como um espaço socialmente apropriado.

O território, para Raffestin (1993), se expressa nas relações de conquista para satisfação das necessidades de cada grupo. Explicando-nos a definição do conceito, o autor afirma que o espaço preexiste ao território, visto que “o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Para ele, as estruturas criadas pelo Estado, tem uma duração maior do que as estruturas criadas pelos demais atores que produzem o território, mas “[...] toda construção da realidade, é um instrumento de poder e isso desde as origens do homem” (Idem, 1993, p. 145). O território expressa relações de poder, criadas no espaço, das quais participa não só o Estado, mas todos os atores implicados em tais relações.

Jean Gottmann (2012) chama a atenção para a importância histórica do território enquanto categoria fundamental para interpretar e compreender o espaço geográfico, objeto de estudo da ciência geográfica.

Território é uma porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo. Ele é o recipiente físico e o suporte do corpo político organizado sob uma estrutura de governo. Descreve a arena espacial do sistema político desenvolvido em um Estado nacional ou uma parte deste que é dotada de certa autonomia (GOTTMANN, 2012, p. 523).

Gottmann (2012, p. 523) entende “o território como uma conexão ideal entre espaço e política”, isto é, o território funcionaria como a base concreta de realização da dinâmica social, abrangendo desde a escala local até a escala nacional. Portanto, trata-se de um conceito político e geográfico, visto que a organização do espaço geográfico se dá tanto pelos arranjos materiais quanto pelos processos políticos.

[...] indispensável definir território como uma porção do espaço geográfico, ou seja, espaço concreto e acessível às atividades humanas. Como tal, o espaço geográfico é contínuo, porém repartido, limitado, ainda que em expansão, diversificado e organizado. O território é fruto de repartição e de organização. Tal como todas as unidades do espaço geográfico, ele deve ser, em teoria, limitado, embora seu formato possa ser modificado por expansão, encolhimento ou subdivisão (GOTTMANN, 2012, p. 525).

Antes, segurança e abrigo eram considerados funções essenciais para definir o conceito de território, hoje não mais, com a globalização, o território ganha novos conteúdos. Objetos técnicos cada vez mais modernos e pertencentes ao poder hegemônico são instalados de forma seletiva nos lugares e passam a usar o território como mercadoria. O território permanece uma preocupação fundamental da política contemporânea, uma vez que é a natureza do conceito que está mudando, novos princípios agora norteiam a organização do território (GOTTMANN, 2012).

Refletindo acerca da apropriação social do território, Gottmann (2012) propõe considerar o território como recurso e como abrigo. Para ele o território pode ser usado

[...] tanto como abrigo quanto como recurso, o território cria um dilema básico para seu povo. Ele pode tentar desenvolver os recursos como um sistema autocontido, tendo em mente o uso como abrigo. Pode também adotar uma atitude completamente diferente e usar o território para desenvolver os recursos próprios dos lugares, numa grande rede de relações diversas, com uma mentalidade expansionista. (GOTTMANN, 2012, p. 532)

É abrigo para os agentes hegemônicos, que buscam constantemente se adaptar ao meio geográfico local. O abrigo serve como condicionante da vida imediata que se desenrola no lugar, tem uma materialidade que condiciona as ações e as estratégias de sobrevivência da sociedade. Já para os atores hegemônicos o território é o recurso que garante as realizações de seus interesses e terminam por usar o território como mercado (SANTOS, 2000).

Desse modo, o rebatimento de suas ações conduz a uma constante adaptação de seu uso, com adição de uma materialidade funcional ao exercício das atividades exógenas ao lugar, aprofundando a divisão social e territorial do trabalho, mediante a seletividade dos investimentos econômicos que gera um uso corporativo do território. Por outro lado, as situações resultantes nos possibilitam, a cada momento, entender que se faz mister considerar o comportamento de todos os homens, instituições, capitais e firmas (SANTOS, 2000, p. 108).

Para Milton Santos (1996, p. 15) “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido”. Isoladamente, o território é equivalente à materialidade, as formas, mas o território usado é um híbrido de objetos e ações, portanto “sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (1996, p. 16). Este ponto de vista aponta o caminho mais eficiente para desenvolver a compreensão geográfica.

Segundo Cataia (2011), a leitura do território enquanto pré-requisito do Estado moderno, ou seja, de sua soberania na defesa de uma sociedade qualquer, permanece fundamental e indispensável. Contudo, concomitante a esta leitura, emerge outra compreensão do território, usado não só pelo Estado, expressiva da vida de relações e mais próxima do espaço banal.

A questão fundamental é entender o território como um conjunto de coisas animadas pelas ações humanas, mas sobretudo, captar os frutos gerados pela dialética da materialidade/imaterialidade. O território deve sempre ser considerado dentro de um contexto histórico a partir das características do que é material no espaço e as ações presentes, pois sua significação real surge das ações desenvolvidas sobre ele.

Nesse sentido é de fundamental importância que o território usado seja incorporado como uma categoria social de análise, uma vez que o território é usado por todos os homens de todas as classes sociais e por todas as empresas ao longo do processo que resulta na formação socioespacial (SOUZA, 2002).

Para Souza (2002), o território, modernamente, é entendido não apenas como limite político administrativo, mas como espaço efetivamente usado pela sociedade e pelas empresas. Para entender como se dá o uso do território na atualidade é fundamental analisar as formas espaciais herdadas, elencando variáveis-chave, considerando o grau de importância, para ter assim embasamento para elaborar uma discussão acerca do que se propõe no caso de entender como funciona o espaço moldado pelas instâncias: economia, cultura e política. Compreendemos que a categoria território usado é central para conduzir a pesquisa geográfica, visto que proporciona o entendimento da desigualdade social e territorial que se manifesta no processo espacial.

Sendo produto do processo histórico, resultado do trabalho social, o território pode adquirir novas funções a partir de ações renovadas, já que ao mesmo tempo em que um objeto lembra uma ação passada, novas ações permitirão a reformulação das formas. Daí a necessidade de dividir em períodos a história da formação do território.

A palavra “Período vem do grego *períodos*, que designa um caminho circular. Entre os séculos XIV e XVIII, o termo tomou o sentido de intervalo de tempo ou idade. No século XX, produziu a forma derivada, periodização” (LE GOFF, 2015, p. 11-12). A periodização apresenta possibilidades de entendimento do mundo por ser “um campo maior de investigação e de reflexão *contemporânea*. Graças a ela se esclarece a maneira pela qual a humanidade se organiza e evolui na duração, no tempo” (LE GOFF, 2015, p. 134).

A ideia da periodização parte do pressuposto de que “[...] todas as concepções do tempo são suscetíveis de serem racionalizadas e explicadas” (LE GOFF, 2015, p. 34). Considerar o território usado como categoria de análise, é mostrar conseqüentemente que ao longo do tempo as relações estabelecidas entre o território e a vida social podem revelar as mais diversas intencionalidades figuradas e embutidas nos procedimentos produtivos e de implementação das infraestruturas no território.

Para Santos (2008a, p. 36), “a noção de espaço é assim inseparável da ideia de sistemas de tempo”, ou seja, cada pedaço de tempo é marcado por variáveis específicas, de fixos e de fluxos que animam o território. Assim, “para que o estudo possa alcançar os seus objetivos, isto é, interpretar o presente como resultado de um processo e indicar possíveis linhas de evolução, um esforço da periodização se impõe” (SANTOS, 1997, p. 114).

O caminho, que leva ao entendimento da atual estruturação do espaço social, é perceber a base material no qual a vida se dá como uma acumulação desigual de tempos históricos (SANTOS, 2009c). Logo será possível explicar como as pessoas “organizam sua sociedade no espaço e como a concepção e o uso que o homem faz do espaço sofrem mudanças. A acumulação do tempo histórico permite-nos compreender a atual organização espacial” (SANTOS, 2008a, p. 72).

Segundo Le Goff (2015), com a periodização é possível elaborar “uma concepção do tempo” e concomitantemente é possível também obter uma imagem contínua e global do passado.

A periodização torna-se, então, um recurso para a análise, testemunhando o sentido comum da organização do espaço e do tempo. A divisão da história em períodos é a busca de encontrarmos um sistema de referências no qual possamos apreender a coerência dos fenômenos. Quando ocorre o esgotamento e a cisão dessa organização, um novo período se anuncia. (ALMEIDA, 2000, p. 21)

Entender a influência das modernizações durante o processo de formação territorial e social será importante para compreender a organização espacial, sobretudo a configuração da pobreza urbana em União dos Palmares.

Essas variáveis decorrem de um conjunto de forças, isto é, de um conjunto de eventos geografizados que transformam a realidade concreta em materialidade e norma. O valor dos lugares tende a mudar já que constantemente muda-se o contexto. “Assim, ao longo do tempo, os eventos constroem situações geográficas que podem ser demarcadas em períodos e analisadas na sua coerência”. (SILVEIRA, 1999, p. 22)

Para Santos e Silveira (2010, p. 23) “A história do território brasileiro é, a um só tempo, uma e diversa, pois é também a soma e a síntese das histórias de suas regiões”. Para verificar a história do lugar, será necessário enfatizar as variáveis-chave de cada período. Esta é uma tarefa temerosa, visto que exige precisão na definição da hierarquia dos fatores que se manifesta em um dado momento. (SANTOS; SILVEIRA, 2010).

Com base na proposta de periodização da formação socioespacial brasileira de Santos e Silveira (2010), a história e a formação social palmarina será inserida no contexto que envolve as sucessões dos meios geográficos no Brasil, a saber: o meio natural, que abrange todo o período colonial (séculos XVI, XVII e XVIII); o meio técnico, que abrange o século XIX e meados do século XX; e o meio técnico-científico-informacional iniciado após a Segunda Guerra Mundial até os dias atuais. Mas sobretudo, a fim de analisar o processo de urbanização de União dos Palmares e diante dos resultados da pesquisa, far-se-á necessário atentar à periodização proposta por Silva e Sousa (2013, p. 81):

Propõe-se uma periodização da urbanização palmarina dividida em quatro momentos: o primeiro, entre os séculos XIX e meados do XX, quando ocorre a inserção desse município na divisão territorial do trabalho, caracterizado por uma economia urbana extremamente dependente do campo; o segundo, de meados do século XX até a década de 1990, quando a urbanização se intensificou criando novos bairros e fragmentando a cidade; o terceiro período, de formação do Circuito Inferior e diversificação da economia urbana, situado da década de 1990, quando pela primeira vez a população urbana ultrapassou a rural, até 2005; e por fim o momento em que o Circuito Superior vem intensificando sua presença na cidade, especialmente de 2005 para cá, ocorrendo ao mesmo tempo a expansão do consumo e do Circuito Inferior. (SILVA; SOUSA, 2013, p. 81).

Cada período histórico é definido como uma situação geográfica específica (SILVEIRA, 1999), formada por uma série de acontecimentos que emergem no espaço. As combinações de eventos políticos, econômicos e sociais, aliados as incorporações técnicas,

resultam numa dada organização espacial, resultado das dinâmicas que se estabelecem nos lugares. A cada período histórico podemos analisar as distintas situações geográficas que emergem dessas complexas combinações de eventos.

Para Santos (2009d, p. 109) “A ideia de tempo pode traduzir-se na idade técnica de um fator em relação a modelos técnicos mais avançados num dado momento”. O tempo é entendido e definido pelos eventos, que não acontecem de maneira sincrônica no território, e quando surgem, são todos novos e propõe uma nova história, um novo período que se inicia de maneira progressiva e desigual nos lugares:

A modernização imposta do interior ou do exterior é sempre seletiva nas suas formas e nos seus efeitos. As variáveis modernas não são todas recebidas ao mesmo tempo nem no mesmo lugar. A cada modernização, novos pontos ou novas zonas do espaço são conquistadas sobre o espaço neutro e se tornam uma nova porção do espaço operacional. (SANTOS, 2009d, p. 125)

Concordamos com Santos (2009a) quando propõe a ideia de evento como criador do tempo, com cargas enormes de ações que caracterizam um determinado momento da história. Os eventos permitem analisar as circunstâncias específicas e entender as crises do presente. Essas crises surgem cada vez mais fortes e mais rápidas devido à inserção da informação e das finanças como variáveis preponderantes do período atual.

Como adverte Silveira (2004a, p. 89) ao afirmar que “[...] A funcionalização dos eventos cria e recria formas materiais. Trata-se, desse modo, de captar a vida nas formas, um enfoque que possa ser, a um só tempo, genético, morfológico e dialético porque o movimento é um outro nome para a contradição.”

Os movimentos da totalidade social e espacial modificam as relações entre os componentes da sociedade, alteram os processos, incitam as novas funções. As formas geográficas se alteram ou mudam de valor e o espaço se modifica para atender às transformações da sociedade (SANTOS, 2009c). O comportamento dos lugares é redefinido e conseqüentemente as feições do sistema urbano são determinadas pelo advento da globalização, que traz consigo um grande desenvolvimento tecnológico, científico e informacional.

Nesse sentido, para melhor entender a realidade geográfica de União dos Palmares, considerar-se-á o processo histórico que resultou na formação socioespacial brasileira. Assim “a sucessão dos meios geográficos no Brasil” (SANTOS; SILVEIRA, 2010, p. 28) será o

norteador para a construção de um entendimento sobre o processo de formação do meio ambiente construído de União dos Palmares, uma vez que, os elementos e as variáveis que o compõe não estão desconectados da totalidade do território brasileiro.

Hoje, o território é marcado pela difusão do meio técnico-científico-informacional. No entanto, este movimento não se dá de forma igual em todos os lugares, nem atende a todos os agentes. É neste contexto que surge o enfoque no conceito de *território usado*, que possibilita explicar as dinâmicas territoriais e, principalmente, aprofundar o olhar sobre a questão da pobreza.

Para compreendermos a complexidade do uso do território em União dos Palmares consideraremos quatro períodos: o período pré-técnico, no qual os homens usam os recursos disponíveis da natureza; o período técnico, marcado pela mecanização do território; o período técnico-científico, quando acréscimos de ciência se unem as técnicas; o período técnico-científico-informacional, quando a informação torna-se a variável-chave do período. Em cada período, o meio geográfico se metamorfoseia, respondendo as novas necessidades impostas pelo período.

Para entender a realidade geográfica atual, que de maneira perversa, vem fortalecendo intensamente as desigualdades e a pobreza, temos que considerar os acréscimos de técnica, ciência e informação no conceito de meio geográfico que ocorre seletivamente.

O período pré-técnico retrata o momento dos acontecimentos casuais, sem grandes transformações, o homem buscava na natureza, elementos essenciais para a manutenção da vida. A técnica e o trabalho dependiam e aconteciam juntamente com a natureza, sem intermediação. No período técnico, o meio técnico é caracterizado pela emergência do espaço mecanizado, do espaço composto, ao mesmo tempo, pelos componentes natural e artificial, que iniciam o movimento de rompimento da distância, transformando-se em um tempo mais fluido, mais rápido, no trabalho, no intercâmbio, no lar. Com o meio técnico-científico há uma superposição dos tempos sociais em detrimento dos tempos naturais, deixando evidente, áreas com densidades técnicas diferenciadas.

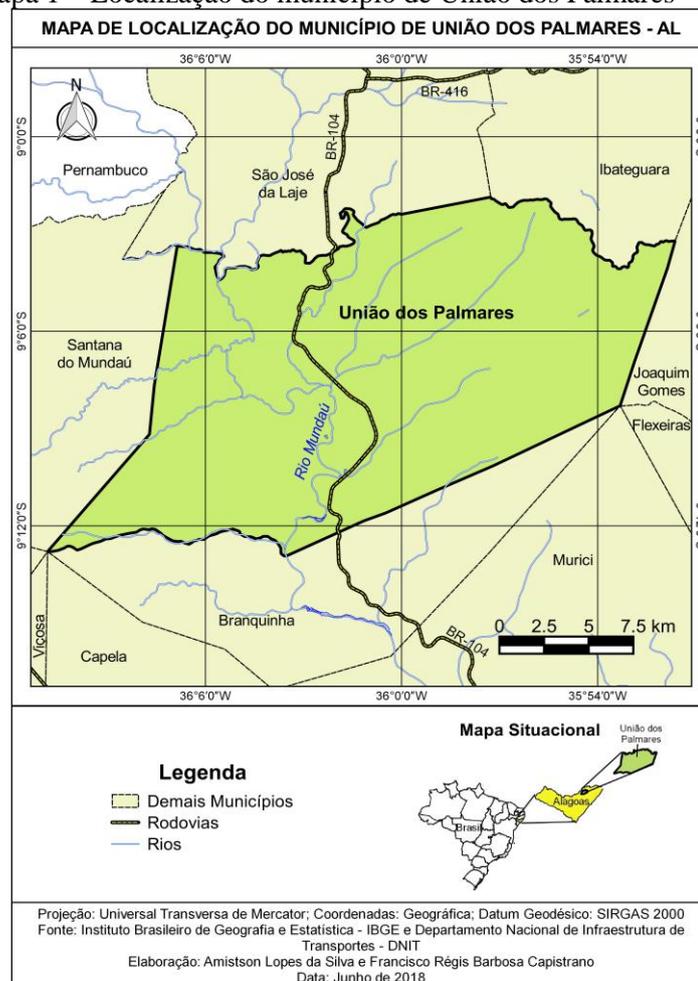
## 1.2 Dinâmica territorial de União dos Palmares: uma proposta de periodização

### *Período pré-técnico - o meio natural*

O meio natural em União corresponde a todo o período colonial brasileiro (séculos XVI, XVII e XVIII), quando Alagoas pertencia a Pernambuco.

O meio natural se caracteriza pela fixação da vida humana pautada pelas ofertas da natureza, e as dinâmicas econômicas resultantes da combinação entre as necessidades de cada produto e as condições naturais preexistentes (SANTOS; SILVEIRA, 2010). O meio geográfico de União dos Palmares foi construído influenciado pelo meio natural e pelas necessidades econômicas do período. A localização, no vale da bacia hidrográfica do rio Mundaú, também foi um fator que impulsionou seu povoamento.

Mapa 1 – Localização do município de União dos Palmares – AL.



Fonte: IBGE.

Elaboração Cartográfica: Francisco Capistrano.

Cabe destacar que “os rios Paraíba e Mundaú são os elementos referidos no povoamento da região das grandes lagoas; como seriam depois no da região palmarina. [...] A colonização se fez acompanhando o curso das águas” (DIÉGUES JR, 2006, p. 44).

As concessões de sesmarias seguiram as margens dos principais rios da região. Foi obedecendo estes fatores que União dos Palmares iniciou sua jornada de formação territorial. O povoamento esteve intrinsecamente vinculado ao Quilombo dos Palmares, mais especificamente, seu desdobramento começou “[...] com a jornada contra os quilombos negros dos Palmares, quilombos que se estendiam por uma larga área de Terra e influíam na vida de outras regiões” (DIÉGUES JR, 2006, p. 45).

O processo de povoamento começou tardiamente, somente ao longo do século XVIII, devido às cruzadas da coroa portuguesa para destruir o Quilombo dos Palmares<sup>1</sup>. Logo, “o progresso do Vale do Mundaú somente vai registrar nos princípios do século XVIII [...] quando, extinto o Quilombo dos Palmares, cessam as correrias dos negros, e começam a distribuir as terras marginais do rio” (DIÉGUES JR, 2006, p.78).

É nesse contexto que surgem as primeiras habitações, pequeno núcleo urbano, no século XVIII. Registra-se o princípio da formação do meio ambiente construído com a formação do povoado “Macacos”, a margem esquerda do rio Mundaú. O processo histórico de ocupação de União dos Palmares se confunde com o do município de Atalaia, com a formação inicial de um arraial fortificado e posteriormente dos engenhos banguês. Atalaia, compreendia toda região de resistência dos quilombolas. Esse foi o quarto núcleo de povoamento do território alagoano. Com a queda do quilombo dos Palmares, as sesmarias foram concedidas aos vencedores, deu-se início a estruturação geográfica da região ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX.

Posteriormente, com a construção de uma capela em homenagem a Santa Maria Madalena, o povoado passa a ter o nome desta padroeira. Em 1831, é elevado à categoria de Vila, com o nome de Vila Nova da Imperatriz. Em 1876 volta a condição de distrito de Atalaia para retornar a condição de Vila em 1885, com a mesma denominação. Em 1889 é elevada à categoria de cidade com o nome de Vila Nova da Imperatriz. O nome de “União” decorre da chegada das ferrovias, no final do século XIX, é nesse momento que a vila torna-se o elo entre Alagoas e Pernambuco. Em 1944, ocorreu a mudança definitiva para "União dos Palmares", homenageando o quilombo (IBGE, 2016).

---

<sup>1</sup> No século XVI, a expansão da colonização do “sul de Pernambuco” parou porque a maior parte do território alagoano fora tomado pelos negros escravos fugidos dos engenhos. Esta área abrangia os vales dos rios Mundaú e Paraíba (CARVALHO, 2015) como podemos identificar no mapa 1.

*Período técnico – aportes técnicos ao território e novos usos*

A emergência do espaço mecanizado será a marca do período técnico. Pode-se falar, então, de “sucessivos meios técnicos” (SANTOS; SILVEIRA, 2010, p. 30), pois é a partir do momento que o homem se impõe à natureza que o processo de tecnicização do território se inicia. Essas possibilidades técnicas irão manifestar ao longo do processo, conflitos resultantes da emergência de sucessivos meios geográficos, visto que todos são incompletamente realizados e incompletamente difundidos (SANTOS; SILVEIRA, 2010).

O meio técnico é o período que as técnicas alcançam tanto a esfera da produção como a da circulação. Para Santos e Silveira (2010, p. 31)

No primeiro [meio técnico] podemos falar do território brasileiro como arquipélago, contendo um subsistema que seria o arquipélago mecanizado, isto é, o conjunto de manchas ou pontos do território onde se realiza uma produção mecanizada. Depois, a própria circulação se mecaniza e a industrialização se manifesta. (SANTOS; SILVEIRA, 2010, p. 31).

As transformações em União dos Palmares, desde a segunda metade do século XIX, resultante da tecnicização do meio geográfico, tornaram mais complexo o uso do território palmarino, ampliando a divisão territorial do trabalho.

O meio técnico começa a se desenhar em União dos Palmares com a implantação dos engenhos banguês, a produção tecnificada passa a ditar a vida econômica da região na qual este município está inserido. A mecanização da produção se manifesta através dos engenhos, ao produzirem açúcar e rapadura, sendo estes responsáveis também pelo surgimento dos primeiros núcleos de povoamento e pelo fortalecimento de uma economia voltada para a exportação, inicialmente no fim do século XVIII e com mais vigor no século XIX.

A emergência de um espaço mecanizado em União dos Palmares foi em boa parte impulsionado pelo aumento da concorrência do açúcar antilhano e do açúcar europeu (beterraba) e somado a este fato, a expansão da produção cafeeira. Conforme Carvalho (2015), em 1875, o império decidiu criar os engenhos centrais, na tentativa de introduzir inovações tecnológicas e aumentar a produtividade para tornar o açúcar brasileiro mais competitivo no mercado internacional. Em 1890, Alagoas chegou a registrar “quase mil engenhos” (CARVALHO, 2015, p. 54), mas nenhum engenho central. Nesse período a vida urbana era bastante limitada posto que as relações sociais eram mais densas nos engenhos banguês.

Nesse contexto, o município de União dos Palmares chegou a registrar 42 (quarenta e dois) engenhos de açúcar em 1930 (CARVALHO, 2009, p. 19). O território palmarino muda de conteúdo, há uma pujante divisão territorial do trabalho com o advento da produção mecanizada dos banguês. Este é o momento que denota a primeira fase de um meio técnico, que ficou marcado pela preocupação de produzir em larga escala para atender ao mercado europeu. As relações se transformavam graças aos novos conteúdos técnicos, impulsionados pela modernização da produção açucareira.

O meio técnico palmarino, além da lavoura açucareira e da agricultura de subsistência, teve a produção do algodão como fator importante para a mecanização do território e incremento populacional de caráter urbano. A produção algodoeira foi um dos principais produtos de exportação nas fases colonial e imperial, respondeu também pela formação de vários municípios bem como pela formação econômica alagoana (TENÓRIO, 2013). A cultura algodoeira desempenhou importante papel na organização do espaço urbano de União dos Palmares.

Em meados do século XIX, União dos Palmares já havia sofrido uma nítida transformação econômica quando a produção algodoeira suplantou em importância a produção canavieira que havia imperado ao longo de sua história. Fatores como a Revolução Industrial e a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, elevaram a produção e a comercialização do algodão brasileiro. A cultura algodoeira se espalhou pelo Estado de Alagoas, desenhou significativamente as bases da estrutura fundiária do Agreste e do Sertão e, se espalhou para áreas até então dominadas pela cana. A cultura do algodão contribuiu de forma muito importante para a formação social e territorial de União dos Palmares, tendo sido iniciado na metade do século XIX e encerrado sua dinâmica na segunda metade do século XX (ANDRADE, 1973).

As transformações técnicas decorrentes da atividade algodoeira marcaram profundamente os processos de formação e produção do próprio espaço urbano palmarino. A produção algodoeira cria uma sensação de modernidade com a construção e implementação de objetos técnicos de caráter urbano, como: descaroçadoras, os armazéns, as lojas e os empórios comerciais. A cultura algodoeira passa a conferir à cidade de União dos Palmares importante centralidade na rede urbana da Região Serrana dos Quilombos. São realizados investimentos em infraestruturas para viabilizar relações econômicas políticas e sociais, com isso a cidade passa a experimentar cada vez mais a dinâmica urbana (TENÓRIO, 2013).

Figura 1 – União dos Palmares – AL: Descaroador de algodão de João Victorino em União dos Palmares, no início dos anos 1920.



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura, 2016.

O algodão significou para a economia alagoana uma tentativa de diversificação dos gêneros agrícolas locais e uma industrialização incipiente, que se dava preponderantemente em âmbito local, sobretudo com o processo de beneficiamento do algodão. A produção algodoeira em Alagoas atendia o mercado interno e externo. Para atender o mercado externo eram utilizados dois portos, um em Penedo e outro em Maceió. Eram os principais sistemas de engenharia do meio técnico que Alagoas dispusera e, que serviu para escoar a produção tanto do algodão quanto do açúcar, ao mesmo tempo que inseria Alagoas na Divisão Internacional do Trabalho.

Para o mercado interno, as condições não eram favoráveis, havia problemas na circulação das mercadorias para os portos (imposição do meio natural na circulação). Até o final do século XIX a circulação se dava, em muitos casos, em lombos de burros ou carroças de tração animal. Poucas cidades conseguiam escoar com eficiência a produção, era um contexto limitador, existia forte isolamento entre os povoamentos. Esse fato foi um agravante para o crescimento desigual das cidades. Não havia transportes interiores rápidos, esse isolamento era quebrado apenas pelo transporte fluvial e marítimo (SANTOS; SILVEIRA, 2010). Até então, preocupava-se mais com a mecanização da produção, sobretudo por conta da produção ser destinada ao mercado externo, principalmente para a Europa.

Com a necessidade de uma circulação mecanizada, ocorre a expansão dos sistemas portuários e das linhas férreas no Brasil a partir do final do século XIX, o Brasil entra de vez no processo de modernização e de implementação de infraestruturas, marcando assim, a mecanização do território brasileiro e de sua motorização a fim de solidificar e diversificar a divisão territorial do trabalho (SANTOS; SILVEIRA, 2010). Diante destes eventos o território brasileiro passa a vivenciar dinâmicas sociais e econômicas jamais experimentadas em sua história.

O trem foi a marca mais forte da revolução tecnológica, dos ciclos industrial e comercial que irromperam no mundo e no século XIX (DIÉGUES JR, 2006). Com efeito, em União dos Palmares, no final do século XIX, diminuiu o aparecimento de engenhos e paralelamente começaram a surgir pequenos povoados. Estas povoações (engenhos banguês) eram eminentemente de caráter agrícola, a vida se realizava quase que totalmente no campo. O engenho se apresentava como centro da constituição social das Alagoas, neles se agrupavam o elemento humano, seja proveniente dos grupos indígenas, seja o originado das importações de escravo negro, bem como dos lusitanos (DIÉGUES JR, 2006).

Em Alagoas, a ferrovia foi outro fator que promoveu o surgimento de cidades, à medida que avançava ou estacionava, permitia o aparecimento de importantes e, por vezes, efêmeras cidades, chamadas por Corrêa (1992) de "ponta de trilhos"<sup>2</sup>, as quais passaram em pouco tempo de simples aglomerados rurais a importantes centros de relações tipicamente urbanas.

As mercadorias que desciam em tropas de burros até os portos antigos, passaram a usufruir das ferrovias para escoar mais rápido e com mais volume (CORRÊA, 1992). Com a implantação da ferrovia no Vale do Mundaú, a produção e o comércio vislumbraram uma situação de desenvolvimento por terem uma relação mais direta com Maceió, que já despontava como principal centro de distribuição e comercialização do Estado de Alagoas. Com as ferrovias, Maceió se consolida em importância portuária e assiste à decadência do porto de Pilar, que por tempos desempenhou o protagonismo na circulação de mercadoria em âmbito estadual (CORRÊA, 1992).

Ligado ao recrudescimento da importância econômica de Maceió há um incremento na vida urbana de União dos Palmares. A cidade experimenta um rápido desenvolvimento de sua função na região do vale do Mundaú devido à construção da estrada de ferro em 1884, que foi

---

<sup>2</sup> “No vale do Mundaú a única cidade beneficiada como "ponta de trilhos" foi União dos Palmares (1884-1894), tendo esta condição dado certo desenvolvimento à então vila da Imperatriz. Tal função, efêmera, logo desapareceu quando o ramal ferroviário foi ligado à linha pernambucana, passando esta área do médio Mundaú para a área de influência de Recife”. (CORRÊA, 1992, p. 11)

implementada para atender a pujante produção algodoeira. No entanto, esta função foi passageira, visto que a partir de 1894 o ramal ferroviário foi ligado à linha pernambucana, e assim a cidade deixa de ser entreposto regional e perde espaço para Recife (CORRÊA, 1992).

No século XX, além da implementação das usinas e do surgimento de fábricas de tecidos, a construção hidrelétrica de Paulo Afonso e das estradas de rodagem interligando o agreste e o sertão, provocaram a diversificação agrícola em Alagoas.

Com a chegada das usinas açucareiras, Oliveira (1922) e Laginha (1934) (ANDRADE, 1997), o crescimento da pecuária, a influência da Grande Depressão (1929) e os problemas socioeconômicos devido à revolução de 1930, União dos Palmares viu sua cultura algodoeira cair impetuosamente em face da produção canavieira. As pequenas propriedades foram engolidas, e somente algumas grandes propriedades resistiram até pouco mais da metade do século XX.

Na década de 1930, as “empresas estrangeiras – Anderson Clayton e Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (SANBRA) – instalaram-se em Alagoas” (CARVALHO, 2015, p. 218) para financiar as grandes plantações. Isso resultou, por um lado, numa melhora significativa da produção do algodão e de seus derivados, chegando até a ultrapassar em importância os produtos oriundos da cana (CARVALHO, 2015) e, por outro lado, promoveu a concentração fundiária, já que, os pequenos produtores, por não poderem concorrer, acabavam mudando os tipos de plantações ou até mesmo vendendo suas terras.

Essas circunstâncias poderiam alavancar as atividades industriais ligadas a SANBRA. Porém, as atividades industriais ligadas à atividade algodoeira terminaram perdendo importância devido a uma série de fatores, tais como: a desvalorização do preço do algodão no comércio mundial, o avanço de pragas, a ausência de assistência técnica especializada aos agricultores locais que produziam algodão e de políticas públicas destinadas especificamente ao setor. Um pouco mais tarde, o que se viu foi uma rápida expansão da monocultura da cana-de-açúcar e da pecuária sobre as áreas produtoras de algodão na região serrana dos antigos quilombos.

Figura 2 – União dos Palmares – AL: Fábrica de óleos vegetais de Peixoto e Cia em União no início dos anos 1920.



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura, 2016.

A quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, atingiu em cheio o Brasil, deixou sem mercado seus principais produtos: o café, o açúcar, o fumo e o cacau. O mercado interno não pôde absorver toda produção não exportada, por ter uma dimensão populacional muito pequena e com baixo nível de renda, mas principalmente pelo fato de que a maior parte da população rural estava alheia ao mercado, já que vivia da economia de auto subsistência (ANDRADE, 1997).

Com a revolução de 1930, o Governo Federal deixa de ser apenas incentivador e investidor e passa a controlar todo circuito espacial de produção do açúcar. Aproveitando o momento, a Usina Laginha em União dos Palmares, nas duas décadas seguintes, apresentou forte crescimento na produção canavieira (ANDRADE, 1997).

Com as usinas, a relação de trabalho é modificada, a proletarização do homem do campo intensifica a divisão do trabalho, os moradores de condição, trabalhadores rurais, pouco a pouco passam a ser assalariados. Cresce o número de operários industriais e de técnicos na agricultura e na indústria. Os antigos senhores de engenho, aqueles que não conseguiram se tornar usineiros, passaram a ser fornecedores (ANDRADE, 1997).

Os conflitos de interesses entre fornecedores e usineiros são acirrados, havia o temor dos fornecedores de ficarem totalmente dependentes dos usineiros. O cronograma de moagem

era imposto pelos usineiros, isso prejudicava a plantação dos fornecedores. Outra questão de luta era referente às despesas com os transportes da cana das áreas plantadas para a usina, principalmente em áreas que não tinham estradas de ferro e também pela suspeita de que os usineiros roubavam no momento de pesar a cana (ANDRADE, 1997).

Os usineiros facilitavam empréstimos aos fornecedores, que muitas vezes não podiam pagar e terminavam vendendo o engenho a preço baixo para os usineiros. Os fornecedores ameaçavam destruir moendas das indústrias e tocavam fogo nos canaviais. Em condição desfavorável, os fornecedores se organizaram, fundaram cooperativas, realizaram manifestações políticas e conseqüentemente determinaram a intervenção do Governo Federal (ANDRADE, 1997).

A fim de regularizar e adequar a produção de cana ao mercado e principalmente evitar o agravamento do conflito, a intervenção estatal criou normas para regularizar as relações entre fornecedores e usineiros. O Governo Federal baixou alguns decretos para regulamentar e organizar o setor, mas principalmente fiscalizar a relação fornecedor/usineiro, foram eles a Comissão de Defesa do Açúcar (Decreto nº 20.761 de 07 de dezembro de 1931), depois o Instituto do Açúcar e do Alcool (Decreto nº 22.789 de 1º de junho de 1933 – IAA) e por fim promulga o Estatuto da Lavoura Canavieira.

O IAA foi criado com o objetivo de fiscalizar e regulamentar o setor sucroalcooleiro. Essas medidas intervencionistas visavam resolver a crise de mercado no âmbito do setor que já se arrastava desde 1929, com a queda contínua dos preços e com a ascensão do mercado do sudeste, estava aumentando os conflitos entre os fornecedores e os usineiros das diversas regiões, sobretudo no nordeste (ANDRADE, 1997). Com o IAA o Governo Federal, os produtores e os usineiros iniciaram o processo de racionalização da agroindústria brasileira.

Para Corrêa (1992), as infraestruturas instituídas na região canavieira de Alagoas, somadas à chegada da estrada de ferro e posteriormente da rede rodoviária proporcionaram ainda mais o fortalecimento de todo o sistema de comércio, bem como estabeleceram vinculações vigorosas na rede urbana do conjunto de municípios da microrregião serrana dos quilombos.

Após a década de 1940, com a já consolidada indústria têxtil em São Paulo, o algodão nordestino perde espaço de vez para o algodão do Sudeste (TENÓRIO, 2013). Dessa maneira, ocorre o movimento de desterro da cultura algodoeira das terras palmarinas e de toda mesorregião do leste alagoano.

Com efeito, as elites locais que não souberam aproveitar as oportunidades do crescimento econômico, decorrentes do ciclo algodoeiro, terminam abandonando o cultivo do

algodão no município, desarticulando e conseqüentemente promovendo a falência da estrutura local de produção, incluindo os estabelecimentos construídos para dinamizar as relações comerciais na cidade e as pequenas fábricas que passam a se apresentar no território como rugosidades<sup>3</sup> de uma época importante. O processo de urbanização de União dos Palmares se viu impactado pela falência do setor algodoeiro e conseqüentemente pela retomada da produção açucareira.

Segundo Santos (2008b, p. 48), “[...] nos cem anos que vão da metade do século XIX à metade do século XX, algumas áreas conhecem a implantação de um meio técnico, meio mecanizado, que altera a definição do espaço e modifica as condições do seu uso”. O meio técnico mecanizado se consolida após a década de 1940, ocorre a expansão do meio técnico para todo o território brasileiro, um verdadeiro movimento de integração da economia e do território nacional com a implementação das rodovias, ferrovias e hidrovias.

#### *Período técnico-científico – um meio geográfico mais complexo*

Depois da Segunda Guerra Mundial até a década de 1990, a ciência emerge como variável central. Esta é a característica do novo período, técnico-científico, que vai marcar uma interdependência da ciência e da técnica em todos os aspectos da vida social (SANTOS, 1997). Esse período foi conduzido pela ideologia do crescimento econômico e do planejamento, sendo estes os grandes instrumentos políticos e os provedores das ideias que guiaram a reconstrução ou remodelagem dos espaços nacionais, englobando a economia e a sociedade (SANTOS; SILVEIRA, 2010).

Inicia-se neste momento uma verdadeira racionalização do território, as rodovias são ampliadas e outras são construídas, as redes de telefonia são disseminadas, o telex e o setor energético são viabilizados em nome da modernização brasileira e de uma nova divisão territorial do trabalho.

A instalação de indústrias, a diversificação de atividades produtivas, o beneficiamento em infraestrutura e eletricidade, com a construção da hidrelétrica de Paulo Afonso – construída entre os anos de 1954 e 1979 (CHESF, 2017) – e a chegada da rede rodoviária, foi possível criar condições reais para o desenvolvimento de Alagoas, não somente no espaço agrário, mas sobretudo no espaço urbano, que passa a atrair enorme contingente demográfico.

---

<sup>3</sup> “Chamemos *rugosidade* ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos”. (SANTOS, 2009a, p. 140)

A partir das novas formas de intervenção do Estado na economia observamos um contínuo crescimento da produção de açúcar em Alagoas e Pernambuco, devido à incorporação de novas terras que eram ocupadas por moradores, fornecedores, foreiros, arrendatários (LIRA, 2007). Com isso, aumentou o número de usinas em Alagoas e paralelamente gerou-se uma forte concentração de terra com consequências sociais profundas.

Nas décadas de 1950 e 1960, em União dos Palmares, a estrutura fundiária refletia esse contexto de concentração de terra.

Tabela 1 – União dos Palmares – AL: Estrutura da propriedade em União dos Palmares em (1950).

Área em Hectares	Estabelecimentos	% do total	Área	% do total
Até menos 10	5.914	89,69%	15.845	23,14%
De 10 a menos de 100	568	8,62%	13.251	19,36%
De 100 a menos de 1000	106	1,6%	30.749	44,92%
De 1000 a menos de 10000	6	0,09%	8.611	12,58%
Total	6.594	100%	68.456	100%

Fonte: Censo agrícola (1950).  
Organização: Amistson Silva, 2017.

O Censo Agrícola de 1950 revela que os pequenos estabelecimentos, com menos de 10 hectares, totalizavam 5.914 (89,69% do total) e ocupavam uma área de 15.845 hectares (23,14% do total). No polo oposto, os 106 (1,6%) estabelecimentos que tinham uma área de 100 a menos de 1.000 hectares ocupavam 44,92% da área total.

Com a diminuição de estabelecimentos fundiários, causada pela expulsão do homem do campo frente à mecanização da produção, os pobres de União dos Palmares passaram a habitar a cidade a partir de suas escassas possibilidades de rendimento, sem políticas públicas construídas especificamente para atender suas necessidades. Essa população pobre, que passa a migrar mais fortemente para a cidade em função da modificação nas relações de trabalho e da expropriação de suas terras, acessa a terra urbana através de doações de terrenos por parte da prefeitura, da igreja ou até mesmo através das estratégias de ocupação urbana.

A intensificação da mecanização do campo e a conseqüente concentração fundiária, junto às péssimas condições sanitárias passam a promover a ida de populações rurais para a cidade e para outras regiões do país (ANDRADE, 1973). Em União dos Palmares, esse movimento acontece de forma acelerada. Entre as décadas de 1950 e 1960 a população urbana cresce enormemente, passando de 8.269 para 15.524, um aumento de 7.255 habitantes (Tabela 2). Nas décadas posteriores, a população urbana continua crescendo de forma considerável, ainda que em ritmo menos acelerado.

Nesse sentido, é a partir da década de 1950 que a população rural começa a diminuir em relação à população urbana, a população do campo passa a se deslocar para cidade (tabela 2). Cabe destacar, que a população total, entre as décadas de 1950 e 2010 quase que não aumentou, ficou estagnada, mesmo com o processo de desmembramento do município de Santana do Mundaú do território de União dos Palmares em 1960.

Tabela 2 – União dos Palmares – AL: Evolução da população total, urbana e rural (1950-2010).

Ano	Total	Urbana	Rural
1950	58.381	8.269	50.112
1960	46.298	15.524	30.774
1970	51.532	16.753	34.779
1980	52.702	22.466	30.236
1991	57.425	34.040	23.385
2000	58.620	37.869	20.751
2010	62.358	47.651	14.707

Fonte: Brasil (1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010).  
Organização: Amistson Silva (2017).

No Brasil, a população urbana ultrapassa a rural já na década de 1970 e a população total passa a crescer extraordinariamente (SANTOS, 2008b). Em União dos Palmares, isso só ocorre na década de 1990 devido à especificidade local do processo de urbanização.

O IBGE começa a contabilizar a taxa de migração de União dos Palmares em 1960. Até 1991 a quantidade de pessoas que chegaram para morar em União dos Palmares (Tabela 3) não foi tão relevante para a evolução da população total, ou seja, através da análise dos dados, a quantidade de pessoas que saíram do município, a taxa de natalidade e mortalidade tiveram uma participação mais importante. A evolução total da população durante essas décadas se manteve estável como mostra a tabela anterior.

Analisando a tabela 3, é possível perceber que a diferença entre a quantidade de pessoas que chegaram para morar e que saíram não foi muito importante para a constituição da população total. A cada 10 anos o número de pessoas que chegavam a União não era tão grande. Isso tem relação com a internacionalização da economia brasileira que elevou a região sudeste ao patamar de região mais urbanizada e industrializada do país.

Tabela 3 – União dos Palmares – AL: Pessoas não naturais do município onde residem, por tempo de residência (1960-1991).

Ano e tempo de residência	Total
1960 até 11 anos ou mais	6.194
1970 até 10 anos	2.473
1980 menos de 10 anos	4.255
1991 menos de 10 anos	6.537

Fonte: Brasil (1960, 1970, 1980, 1991).

Organização: Amistson Silva (2017).

O problema do latifúndio se intensificou e provocou grandes conflitos agrários. Esses conflitos marcaram a luta entre proprietários e assalariados em Alagoas, mas sobretudo, na zona da mata e no agreste, por serem regiões densamente povoadas.

Órgão de planejamento econômico e social, a SUDENE (Criada em 1959) tentou resolver, sem sucesso, o problema agrário nordestino com a cobrança de empréstimos concedidos às indústrias, em forma de lotes familiares produtores de alimentos. O Estatuto da Terra de 1964 (Lei n. 4.504, de 30 de novembro), a IBRA<sup>4</sup> (Instituto Brasileiro de Reforma Agrária) e o PROTERRA traz uma perspectiva de reestruturação agrária para o Nordeste (ANDRADE, 1973).

A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) não era respeitada pelos usineiros, os trabalhadores rurais não tinham direito a férias e muito menos sabiam do valor do salário mínimo. Os empregadores utilizavam-se de estratégias para prender os trabalhadores em suas terras, tais como: assistência social, dentária, médica, farmacêutica, “compra do trabalhador” – empréstimos concedidos pelos proprietários; os trabalhadores compravam sempre em barracão, que cobravam caro pelos produtos, só podiam sair para outra propriedade quando quitassem as dívidas. Quando fugiam e eram capturados, trabalhavam durante o dia e ficavam sob vigilância a noite (ANDRADE, 1973).

Em 1963, com a criação do Estatuto do Trabalhador Rural (Lei n. 4.214, de 2 de março de 1963), o trabalhador passou a ter direito e a saber o valor do salário mínimo, férias, repouso semanal remunerado e ao décimo terceiro mês. E em 1971 a Previdência Social passou a contemplar o trabalhador rural. Os trabalhadores se sindicalizaram para poder resistir. Os proprietários por sua vez, preferiram expulsar a maioria dos trabalhadores permanentes e residentes de suas terras (ANDRADE, 1973). Nesse cenário, dá-se início a proletarização do trabalhador rural.

<sup>4</sup> Órgão criado a partir do Estatuto da Terra (Lei n. 4.504, de 30 de novembro de 1964).

Outro fator importante desse processo de expulsão do homem do campo foi a péssima condição sanitária da região canavieira de Alagoas, que fragilizava os trabalhadores com uma série de doenças, chegando a levá-los a morte, o que pode ser comprovado através do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, que era 0,286 em 1970<sup>5</sup> no Estado de Alagoas (IPEADATA) (ANDRADE, 1973).

No Brasil, com o Golpe de 1964, o Governo Federal cria as condições para acelerar a integração do país a um movimento de internacionalização, levando o Brasil a se tornar um grande exportador de produtos agrícolas e industrializados, a economia cresceu e passou a atender o mercado consumidor e o mercado exterior (SANTOS, 2008b). No período técnico científico, as formas de organização e de regulação da economia passam a incorporar a ciência, a tecnologia e a informação.

Nesse período, o Estado passou a adotar uma política de repressão aos movimentos operários e camponeses, que desde a década de 1950 vinham exercendo forte pressão por meio dos sindicatos e de ligas camponesas. Esses grandes movimentos populares de trabalhadores cobraram direitos semelhantes aos das massas urbanas e os camponeses lutaram pela propriedade da terra (ANDRADE, 1994).

Os sindicatos foram controlados pelo Estado, disciplinados por meio do assistencialismo e receberam a proteção previdenciária, o Estatuto do Trabalhador Rural foi aplicado gradativamente enquanto que o Estatuto da Terra só foi aplicado naquilo que atendia aos interesses capitalistas (ANDRADE, 1994). Com os movimentos controlados, o governo militar buscou modernizar em termos capitalistas a agroindústria brasileira. Foram elaborados uma série de programas para desenvolver o setor sucroalcooleiro e, com isso, o meio geográfico brasileiro foi transformado.

Foram criados os programas de Racionalização da Agroindústria Açucareira (1971), e de Apoio à Agroindústria Açucareira (1973). Assim como o Programa Nacional de Melhoramento da Cana de Açúcar (Lei n. 1.168, de 27 de 1971 e 1.266, de 1973), conhecido como PLANALSUCAR, que visava desenvolver tecnologias avançadas que pudessem diminuir ou eliminar a disparidade técnica entre a atividade industrial e a agrícola (ANDRADE, 1997). O PLANALSUCAR foi responsável pela elevação da produtividade agrícola e industrial das usinas (ANDRADE, 1994).

Com a crise mundial do petróleo na década de 1970, o Brasil lança o Proálcool (Programa Nacional do Álcool) como saída energética aos derivados do petróleo (LIRA,

---

<sup>5</sup> Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – O IPEA não possui levantamento das décadas anteriores.

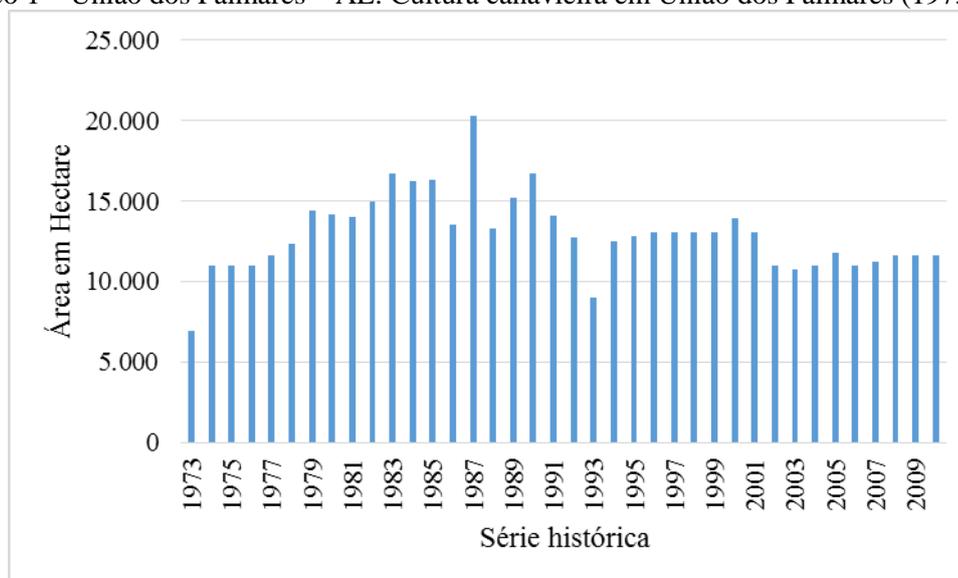
2007). No entanto, o que se viu na prática, mesmo substituindo de forma parcial o petróleo, foi a aparição de um conjunto de problemas: aumento da dívida pública por causa das concessões de subsídios; alargamento dos latifúndios da cana de açúcar e inflação acentuada nos preços de alguns gêneros alimentícios, devido ao cultivo de alimentos que foi em muitos casos substituído pela cana (LIRA, 2007).

Nesse processo de concentração fundiária, Andrade (1973) mostra que o monopólio do açúcar é consolidado no momento que os banguês deixam de existir e principalmente quando grupos empresariais começam a adquirir, por meio da compra, usinas menores.

[...] o processo de concentração industrial chegou a tal ponto que só não há usinas maiores absorvendo menores como também as firmas proprietárias de grandes usinas estão adquirindo outras, organizando grupos econômicos que controlam não uma, mais várias usinas. (ANDRADE, 1973, p. 115).

Ao analisar a estrutura da propriedade rural em Alagoas, mais especificamente a região Canavieira, que União dos Palmares está inserida, pode-se perceber que esse movimento foi acentuado, uma vez que, a concentração fundiária foi fortemente ampliada devido à compra de usinas menores por grupos econômicos maiores.

Gráfico 1 – União dos Palmares – AL: Cultura canavieira em União dos Palmares (1973-2009).



Fonte: IPEADATA, (1973 a 2009).  
Organização: Amistson Silva, 2017.

A cultura da cana de açúcar em União aumentou significativamente entre os anos de 1973 e 1991 e manteve uma certa estabilidade até 2009, ano que a Usina Laginha encerra sua

produção de açúcar. Com efeito, houve a diminuição da população do campo, devido ao deslocamento das pessoas para a cidade.

*Período técnico-científico-informacional – novos acréscimos de técnica, ciência e informação ao território.*

Se o meio técnico-científico se caracterizava pela incorporação da ciência e da técnica ao território, o meio técnico-científico-informacional, segundo Santos (2008e) vai acrescentar ao território esses três dados: ciência, tecnologia e informação.

“Isso traz, em consequência, mudanças importantes, de um lado, na composição técnica do território e, de outro, na composição orgânica do território, graças à cibernética, às biotecnologias, às novas químicas, à informática e a eletrônica. Isso se dá de forma paralela à cientificização do trabalho”. (SANTOS, 2008e, p. 133)

A ideia de meio técnico-científico-informacional é compreendida, principalmente, pelo advento da informação, que materializa decisivamente a realidade, construída e emanada da ciência com uma carga rígida de intencionalidades.

Neste período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de meio técnico-científico-informacional. (SANTOS, 2009a, p. 238).

Esses progressos, no entanto, vêm se apresentando escancaradamente em favor de uma pequena minoria detentora do grande capital, que deposita uma densidade técnica no território, deixando-o cada vez mais rígido e submisso aos ditames hegemônicos. Essas regras normativas são implantadas comumente para deixar ainda mais desigual à busca pelo consumo para sustentar o mercado. E a instantaneidade com que isso acontece é assombrosa, pois estão acontecendo em tempo real.

Podemos então falar de uma cientificização e de uma tecnicização da paisagem. Por outro lado, a informação não apenas está presente nas coisas, nos objetos técnicos, que formam o espaço, como ela é necessária à ação

realizada sobre essas coisas. A informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são desse modo, equipados para facilitar a sua circulação. Pode-se falar, como S. Gertel (1993), de inevitabilidade do “nexo informacional”. (SANTOS, 2009a, p. 239)

O processo de modernização no Brasil foi pautado em programas federais, e por seu caráter conservador não chegou para a população trabalhadora e nem se deu da mesma forma em todo território. Em Alagoas, isso contribuiu para uma maior concentração de terra, renda e poder nas mãos das oligarquias fundiárias. A repercussão disso para as cidades, principalmente da Zona da Mata alagoana, foi o aumento da população periférica em virtude da expulsão dos moradores das fazendas e dos engenhos (CARVALHO, 2009).

A ideologia do crescimento econômico promoveu no Brasil ao longo do século XX uma série de ações, por parte do Estado, que culminou na intensificação da mecanização do campo, no recrudescimento da concentração fundiária e conseqüentemente promoveu a intensificação do êxodo rural.

Com efeito, a modernização, a industrialização e o projeto de integração nacional, ao longo do século XX, impulsiona o processo de urbanização do território brasileiro. O contingente populacional aumenta consideravelmente nas principais cidades alagoanas. Este fenômeno foi viabilizado pela construção de sistemas de engenharia, que alteraram por completo a configuração territorial pretérita (CARVALHO, 2009).

Outro fator foi a implementação das redes rodoviárias no Brasil. As relações comerciais se intensificam, há uma verdadeira revolução em todo sistema de comércio, são estabelecidas “vinculações estreitas da rede urbana” (CORRÊA, 1992, p. 19) com as regiões do Estado de Alagoas.

União dos Palmares, na década de 1970, conhece novos processos de modernização. Com a implantação da rodovia BR104, passa a se destacar na rede urbana da região Serrana dos Quilombos. O sistema de energia elétrica é ampliado devido ao abastecimento ser realizado agora pela Hidrelétrica de Paulo Afonso (MINISTÉRIO DO INTERIOR, 1971).

O meio construído de União dos Palmares já contava com: o Serviço Autônomo de Água e Esgoto, no entanto, o sistema de esgoto era precário; um hospital e uma maternidade; 27 escolas primárias e 2 escolas de ensino médio; serviços de telégrafo e telefônico; ainda não possuía um sistema de transportes urbanos (MINISTÉRIO DO INTERIOR, 1971).

Com relação às características econômicas, o território palmarino inicia a década de 1970 liderando as exportações da microrregião a qual pertence. Tinha grande dependência do mercado externo, a exportação de açúcar era o carro chefe da economia palmarina, que

ocupava uma média de 20% da área total colhida do município. Contudo, apresentava certa diversificação agrícola (Tabela 4).

Tabela 4 – União dos Palmares – AL: Estrutura agrícola por área colhida.

Ano	Área total em Hectare	Cana de açúcar	Banana	Algodão	Laranja	Mandioca	Milho	Feijão
1975	54.638,70	10.960	530	1.750	50	2.600	2.360	0
1985	55.269,84	16.298	2.662	1.500	86	737	1.156	917
1995	38.912,88	12.788	813	0	87	200	500	654

Fonte: IPEADATA, (1975,1085, 1995).

Organização: Amistson Silva.

A distribuição de terra, segundo o IBRA (1971), era bem desigual, 9.274,5 hectares eram ocupados pelos minifúndios enquanto que 42.208 hectares formavam o latifúndio palmarino (MINISTÉRIO DO INTERIOR, 1971).

O setor primário respondia como principal motor da economia de União dos Palmares, com substancial destaque para a monocultura da cana de açúcar, mesmo apresentando uma diversificação agrícola maior do que os municípios que compõem a região canavieira de Alagoas.

O setor secundário era liderado pela Indústria açucareira, que empregava 952 trabalhadores e representava 6% da produção do estado. Existia ainda em União dos Palmares uma atividade industrial complementar, formada por pequenas indústrias de ramos, tais como: doces em conserva; Ladrilhos e materiais de construção e uma tipografia – LIMACOL; duas olarias. Na cidade existia um conjunto de pequenas fábricas: 3 serrarias, 4 fábricas de móveis, 2 fábricas de fogos de artifícios, uma fábrica de calçados, uma fábrica de maletas, uma fábrica de cordas e engarrafamento de bebidas. E o setor terciário era de pequena dimensão, composto por produtos de primeira necessidade (MINISTÉRIO DO INTERIOR, 1971).

### 1.3 Modernização, a cidade e o urbano de União dos Palmares

A partir da segunda metade do século XX, o território palmarino passou por um intenso movimento de transformação em sua organização espacial, por causa da influência das inovações referentes às revoluções tecnológicas. Com a expansão destas modernizações tecnológicas foi criada uma nova Divisão Internacional do Trabalho, resultado da combinação da técnica, ciência e informação. As variáveis-chave deste período, técnica, consumo, ciência e a informação, chegaram ao Brasil para conduzir a reestruturação territorial. Neste momento o

conceito de cidade e o urbano são redefinidos nas metrópoles de forma mais intensa e nas regiões interioranas de forma mais tímida.

Como cada período é marcado por um conjunto articulado e sistematizado de elementos de cunho econômico, social, político e moral, logo podemos atribuir a cada período uma modernização (SANTOS, 2008c). Construir uma periodização, então, é levar em conta a história, em escala mundial, como uma sucessão de modernizações. Para Santos (2008c, p. 29), “O termo “modernizações” nos leva a considerar as implicações temporais da organização do espaço”. Assim, as inovações nos remete a pensar em impactos concretos e abstratos numa determinada sociedade.

As modernizações nunca ocorreram de maneira homogênea no nível global, nacional e local, chegaram primeiro nos países desenvolvidos e logo foram amplamente difundidas, já nos países subdesenvolvidos, isso só ocorreu recentemente e de maneira seletiva (SANTOS, 2008a). “O comportamento dos subespaços do mundo subdesenvolvido, está geralmente determinado pelas necessidades das nações que estão no centro do sistema mundial” (SANTOS, 2008a, p. 36).

O processo de modernização está diretamente relacionado ao processo de urbanização, tanto nos países ricos quanto nos países pobres, guardadas as devidas proporções. Santos (2008a, p. 38) nos lembra que “os períodos da modernização comercial, da modernização da indústria e de seus suportes e o da revolução tecnológica, causaram a mais profunda transformação espacial nos países subdesenvolvidos”.

Cada subespaço é constituído e definido por um conjunto de fatores que dispersam e concentram as inovações, em um dado momento da história. Isso ocorre de múltiplas maneiras, tendo em vista que a sua gênese de formação também é diversificada e particular. Os lugares que conseguem adotar as inovações de imediato, se beneficiam com as novas possibilidades, enquanto que em outros lugares isso pode representar simplesmente a adaptação de atividades já existentes a um novo grau de modernismo (SANTOS, 2008a).

As modernizações têm capacidade de transformar a materialidade e a imaterialidade. Impõem infraestruturas no território e influenciam o comportamento social, ou seja, a modernização repercute em todas as escalas da vida e na configuração de um dado subespaço. Contudo, cada lugar vai receber e reagir a sua maneira, todo espaço conhece uma evolução própria, por ser resultado da combinação de forças externas oriundas de um sistema cujo centro está nos países-polos e de forças internas já cristalizadas nesse espaço (SANTOS, 2008c).

As modernizações também podem ser entendidas como novas racionalidades impostas nos lugares pelos agentes hegemônicos, que dominam os governos, as multinacionais e os organismos internacionais (SANTOS, 2008e). O que faz com que o Estado seja convocado a reestruturar o meio ambiente construído para facilitar a ação global das forças mundializadoras do mercado. Em contrapartida

[...] a cidade como um todo resiste a difusão dessa racionalidade triunfante graças, exatamente, ao *meio ambiente construído*, que é um retrato da diversidade das classes sociais, das diferenças de renda e dos modelos culturais. À cidade informada e às vias de transporte e comunicação, aos espaços inteligentes que sustentam as atividades exigentes de infraestruturas e sequiosas de rápida mobilização opõe-se a maior parte da aglomeração, onde os tempos são lentos, adaptados às infraestruturas incompletas ou herdadas do passado, aqueles espaços opacos que aparecem também como zonas de resistência. É nesses espaços constituídos por formas não-atualizadas que a economia não-hegemônica e as classes sociais hegemônicas encontram as condições de sobrevivência. (SANTOS, 2008e, p. 74)

Com o desenvolvimento do capitalismo, o efeito no processo de urbanização foi grandioso, tanto no que se refere à intensidade, quanto ao caráter mais amplo e diversificado das cidades, essas racionalidades, ao longo do tempo, produziram nos países subdesenvolvidos verdadeiras chagas estruturais.

Levando em conta a variação de grau e de intencionalidade, todas as cidades brasileiras apresentam problemáticas parecidas. O tamanho, tipo de atividade e região em que se inserem são algumas das condições de diferenciação, mas em todas elas, questões como emprego, habitação, transporte, lazer, água, saneamento, educação e saúde são comuns e revelam enormes carências (SANTOS, 2008b).

Contudo, a questão central é entender como o território por meio das modernizações vai incorporando novos conteúdos ao longo do tempo e concomitantemente como esses atributos vão mudando o conceito de cidade e do urbano.

A cidade e o urbano são pares dialéticos, mas não se confundem. A cidade é a manifestação material das formas de organização e da relação social que se dá no tempo, é portanto espaço construído. Santos (2008e) nos diz que o urbano é o abstrato, o geral, o externo, e a cidade é o particular, o concreto, o interno, ou seja, há uma história da cidade e outra do urbano.

Na visão de Spósito (2000), a cidade de hoje é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, que foram transformadas, destruídas e reconstruídas pelas

transformações sociais ocorridas através dos períodos e suas respectivas combinações materiais e imateriais. A urbanização é o processo e a cidade é a concretização deste processo, como afirma Santos (2008e, p. 68), “A história da cidade é a história de sua produção continuada. A história de uma dada cidade se produz através do urbano que ela incorpora ou deixa de incorporar”. Nessa perspectiva, pode-se atribuir à cidade, a função principal de “converter o poder em forma, a energia em cultura, a matéria inanimada em símbolos vivos de arte, a reprodução biológica em criatividade social [...]” (MUNFORD, 1998, p. 616).

Com o nascimento do modo de produção capitalista, há uma ampliação de todas as dimensões da vida, a cidade passou a ser o campo maior e simbólico das possibilidades que até então não existiam. Novos conteúdos geográficos são importados pelo território, a dinâmica espacial é reorganizada e gera a mudança do conteúdo da cidade e do urbano.

A expansão urbana palmarina foi marcada por um processo de segregação social, não houve planejamento, não foram disponibilizados serviços essenciais para a população e a questão da renda seguiu os mesmos passos da questão fundiária.

As periferias, como espraiamento, são os lugares que acomodam a população mais pobre da cidade de União. O trabalho desenvolvido na cidade é mal remunerado, o emprego assalariado atende uma pequena parcela da população economicamente ativa (PEA) e os serviços públicos funcionam de maneira ineficaz.

A renda é um fator revelador da desigualdade socioeconômica. Analisando a tabela 5, pode-se perceber que no decorrer das últimas décadas, houve um processo muito forte de concentração de renda, ou seja, formou-se em União dos Palmares um grande contingente de pessoas com baixíssimo poder de consumo.

Tabela 5 – União dos Palmares – AL: Rendimento nominal mensal de pessoas com mais de 10 anos de idade.

Ano	1980	1991	2000	2010
Total	36.128	41.605	44.229	50.125
Até 1/4 de salário mínimo	1.592	1.725	459	5.159
Mais de 1/4 a 1/2 salário mínimo	5.068	7.101	1.571	3.708
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	6.445	6,516	10.096	12.546
Mais de 1 a 2 salários mínimos	3.091	4.130	4.687	4.834
Mais de 2 a 3 salários mínimos	768	1.110	1.476	1.353
Mais de 3 a 5 salários mínimos	537	540	1.102	1.094
Mais de 5 a 10 salários mínimos	200	409	659	526
Mais de 10 a 20 salários mínimos	67	109	243	145
Mais de 20 salários mínimos	27	26	98	26
Sem rendimento	18.265	19.673	23.838	20.734
Sem declaração	68	264	-	-

Fonte: Brasil, (1980, 1991, 2000, 2010).

Organização: Amistson Silva (2017).

Esses números revelam o quão baixo é o poder de consumo da população palmarina, pode-se observar que pouco mais de 96%, do total de 50.125 pessoas com rendimento, se enquadram nesta triste realidade. Analisando a tabela 5, grosso modo, pode-se identificar que 55,06% ganham até 3 salários mínimos e 41,37% declararam não ter rendimento algum. A parcela que julgamos ter de fato poder de consumo está inserida nos rendimentos que vão de mais de 3 salários mínimos a mais de 20 salários mínimos, o que corresponde aos inexpressivos 3,57% da população local.

A População Economicamente Ativa (PEA), em 2010, composta por 19.095 pessoas, está distribuída da seguinte forma: 62,19% no setor terciário; 30,44% no setor primário e 7,37% no setor secundário. O que mostra que o setor da economia que acomoda esse contingente de trabalhadores pobres é o setor terciário, seguido do setor primário.

Tabela 6 – União dos Palmares – AL: Distribuição da População Economicamente Ativa (PEA) por setor (1960-2010).

Ano	Total	Primário	Secundário	Terciário
1960	19.365	16.998	418	1.949
1970	15.214	11.501	924	2.789
1980	16.789	10.925	1.799	4.065
1991	19.532	9.230	2.319	7.983
2000	16.584	5.348	2,046	9.190
2010	19.095	5.813	1.408	11.874

Fonte: Brasil, (1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010).

Organização: Amistson Silva.

Quando analisamos a evolução da distribuição da PEA por setor da economia, tabela 6, verificamos que houve grande aumento do setor terciário, e forte diminuição do contingente empregado no setor secundário e primário entre as décadas de 1960 e 2010.

Hoje, conduzido pelo setor terciário, União dos Palmares desempenha importante centralidade econômica na região Serrana dos Quilombos, tem um comércio expressivo com cerca de 839 empresas cadastradas com 5.747 pessoas ocupadas funcionando em 2015 (IBGE, 2017) além dos inúmeros estabelecimentos do circuito inferior que não possuem nenhum tipo de registro, mas também um setor de serviços muito diversificado que abrange a região, conforme o quadro 1.

Quadro 1 – União dos Palmares – AL: Alguns fixos geográficos presentes na cidade de União dos Palmares de abrangência regional.

<b>FIXOS GEOGRÁFICOS QUE ATENDEM A POPULAÇÃO DA MICRORREGIÃO SERRANA DOS QUILOMBOS</b>	
Justiça do Trabalho	7ª Gerência Regional de Educação (GERE)
Receita Federal	Serviço de Atendimento Móvel (SAMU)
Eletrobrás	2º Batalhão de Polícia Militar (BPM)
Agência do IBGE	3º Grupamento de Bombeiros Militar (3º GBM)
Agência do Banco do Brasil	Rodoviária Municipal Dr. Carlos Povina Cavalcanti
Agência da Caixa Econômica Federal (CEF)	3º CIRETRAN
Agência do Banco do Nordeste do Brasil (BNB)	Polícia Rodoviária Federal, BR 104
Agência do Banco Bradesco	Oito Postos de Combustíveis
Universidade Estadual de União dos Palmares (UNEAL)	Clínicas médicas e odontológicas
Três casas lotéricas (2 no centro e uma no bairro Roberto Correia de Araújo).	Três escolas Particulares que oferecem todas as séries do ensino básico.

Fonte: Trabalho de campo e levantamento de informações nos sites das instituições, 2017.

Esses fixos geográficos atraem considerável fluxo de pessoas da região que procura na cidade de União os serviços que não são disponibilizados em sua cidade de origem. Esse contingente de pessoas ajuda a alavancar a economia palmarina, principalmente as atividades do circuito inferior da economia urbana que estão localizadas na área central. Nesse sentido, esses fixos exercem um papel importante na geração de emprego para a população local.

Com a difusão da globalização e da consolidação do sistema capitalista, a distribuição da PEA nos setores da economia sofreu uma importante mudança, o setor terciário teve um crescimento extraordinário em detrimento do setor primário e secundário a nível global. No Brasil, esse processo se deu de forma arbitrária, a reforma agrária não existiu e a população se concentrou na zona urbana, no entanto as cidades não estavam preparadas, pois não houve

planejamento urbano algum. Enquanto isso, nos países centrais o setor terciário apresentou uma característica expressiva de modernidade, com a supervalorização dos sistemas de informação e financeiro e isso mudou significativamente a realidade desses países.

Nos países emergentes e subdesenvolvidos os agentes do setor terciário vivem de improvisação, espontaneidade e de criatividade, sem contar que as condições materiais e imateriais para desenvolver o trabalho são precárias. Nos países ricos, a organização e a estrutura oferecidas para o funcionamento do setor terciário é maior.

A tabela 7 demonstra que houve crescimento no número de aposentados e pensionistas entre os anos de 1991 a 2010. Se considerarmos que todos os aposentados e pensionistas estavam inseridos entre as faixas de rendimento nominal mensal de 1/4 de salário mínimo até 3 salários mínimos, 27.600 pessoas (ver tabela 5), isso representaria 27,62% deste universo, ou seja, essas pessoas representam boa parte do mercado consumidor interno da cidade.

Tabela 7 – União dos Palmares – AL: Pessoas de 10 anos ou mais de idade aposentadas e pensionistas (1991-2010).

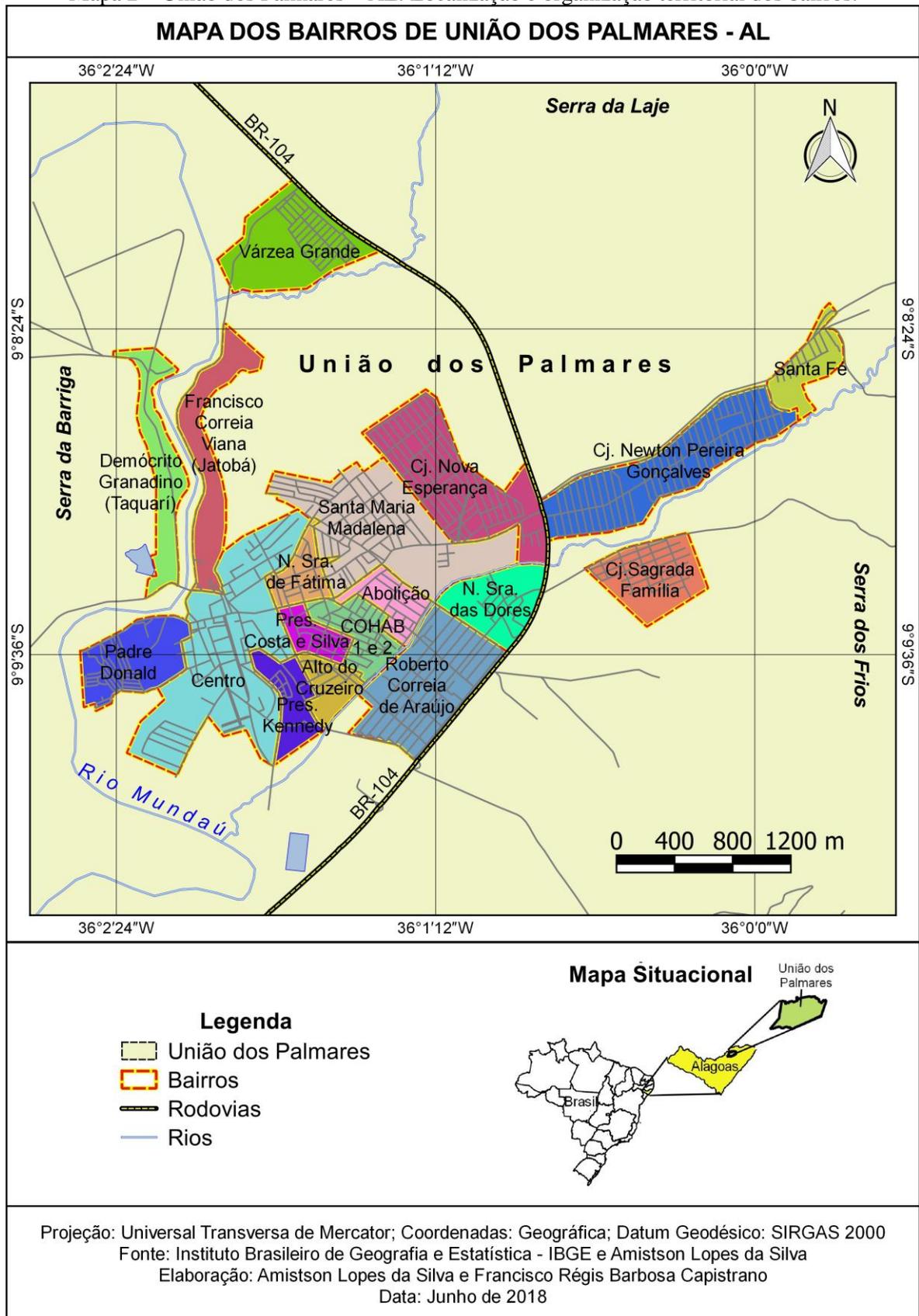
Ano	Total de pessoas aposentadas e pensionistas
1991	4.558
2000	4.344
2010	7.625

Fonte: Brasil, (1991, 2000, 2010).  
Organização: Amistson Silva.

A população com renda maior, em geral residem no/ou próximo do centro da cidade enquanto os que possuem renda inferior são empurrados para as áreas periféricas. “Quanto mais a cidade cresce, mais se intensifica a segregação. Não há moradia suficiente para todos nas regiões próximas ao centro, obrigando muitos a se distanciarem cada vez mais” (SILVA, 2007, p. 7).

Corroborando com Silva e Pimentel (2011), a configuração espacial da cidade palmarina apresenta clara divisão social, com uma grande população periférica, cada bairro possui características que identificam a classe econômica dos moradores, quanto mais distante do centro mais pobre a população (Mapa 2). A especulação imobiliária eleva os preços das residências e dos terrenos, exerce uma pressão sobre os menos favorecidos, que são obrigados cada vez mais a se distanciarem das moradias da área central.

Mapa 2 – União dos Palmares – AL: Localização e organização territorial dos bairros.



Organização das informações: Amistson Silva, com base no Plano Diretor Participativo de União dos Palmares, 2006 e trabalho de campo, 2017.  
 Elaboração Cartográfica: Francisco Capistrano.

Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), União dos Palmares apresenta uma população de 62.358 habitantes assentados numa área de 420,744 km<sup>2</sup> e com densidade demográfica de 148,24 hab./km<sup>2</sup>. Em 2010 foi detectado um grau de urbanização correspondente a 72,9%, ou seja, 47.651 habitantes residiam na cidade.

Nesse cenário, o circuito inferior da economia urbana se reproduz intensamente, o que justifica a necessidade de compreender como ele usa as diferentes parcelas da cidade (SANTOS, 1996). Dessa forma, para compreender a dinâmica atual da cidade e do urbano perante essa complexidade da organização espacial, temos que reconhecer a existência de dois subsistemas econômicos urbanos que resultam dessas disparidades socioespaciais. Um verdadeiro espaço dividido que se manifesta nas atividades econômicas. São dois circuitos econômicos, o superior e o inferior, não se tratam apenas de circuitos econômicos, mas de sistemas sociais, porque abrangem todas as esferas da vida.

## 2 URBANIZAÇÃO E PERIFERIZAÇÃO DE UNIÃO DOS PALMARES

### 2.1 A Expansão Urbana

O município de União dos Palmares possui uma área de 420,720Km<sup>2</sup> (IBGE, 2016), está localizado na Mesorregião Leste do Estado de Alagoas e na Microrregião Serrana dos Quilombos, no qual exerce importante influência urbana sobre os municípios de Iateguara, São José da Laje, Santana do Mundaú, Branquinha e um pouco em Murici. Sua área de localização é também conhecida como região do vale do Mundaú por sua sede está localizada à margem esquerda do rio Mundaú.

Como já abordado no capítulo anterior, seu processo de ocupação territorial começou no período colonial, e no final do século XIX se deu o início do processo de urbanização que se aprofundou no século XX. A expansão urbana acompanhou o dinamismo econômico, com destaque maior para a agricultura canavieira, não menos importante a influência do algodão e ainda com boa influência da agricultura de subsistência para a economia da cidade.

O declínio do algodão e o processo de modernização, na segunda metade do século XX, contribuiu para o aumento da população urbana de União dos Palmares, naquele momento um dos maiores índices do Estado segundo Corrêa (1992), cujas razões também estão atreladas à expulsão dos pequenos proprietários do campo.

Não obstante, as constantes enchentes ocorridas na bacia do rio Mundaú, inegavelmente tiveram um papel muito forte para expansão urbana do município, bem como, a negligência ou não do poder público na forma de tratar desses fenômenos naturais. Essas cheias naturais causaram ao longo dos últimos 100 anos muitos danos a região, foram 7 grandes enchentes (1914, 1941, 1969, 1988, 1989, 2000, 2010) (FRAGOSO JÚNIOR, 2010). No quadro 2, podemos dimensionar a relação dos impactos causados a organização do espaço urbano dessa região, principalmente na cidade de União.

Quadro 2: Histórico e repercussão das enchentes naturais nas áreas das bacias dos Rios Paraíba e Mundaú (1969, 1988, 1989, 2000 e 2010).

Enchentes naturais das bacias dos Rios Paraíba e Mundaú				
Ano	Nº de mortos	Casas destruídas	Casas danificadas	Desabrigados
1969	1.100	1.200	Sem informação.	10.000
1988	Sem informação	4.000	9.000	Sem informação
1989	11	6.700	7.900	13.000
2000	36	Sem informação	Sem informação	76.000
2010	26 e 22*	9.732	7.669	26.618
Total	1.173	21.632	24.569	125.618
*Desaparecidos				

Fonte: Fragoso Júnior, 2010.  
Organização: Amistson Lopes.

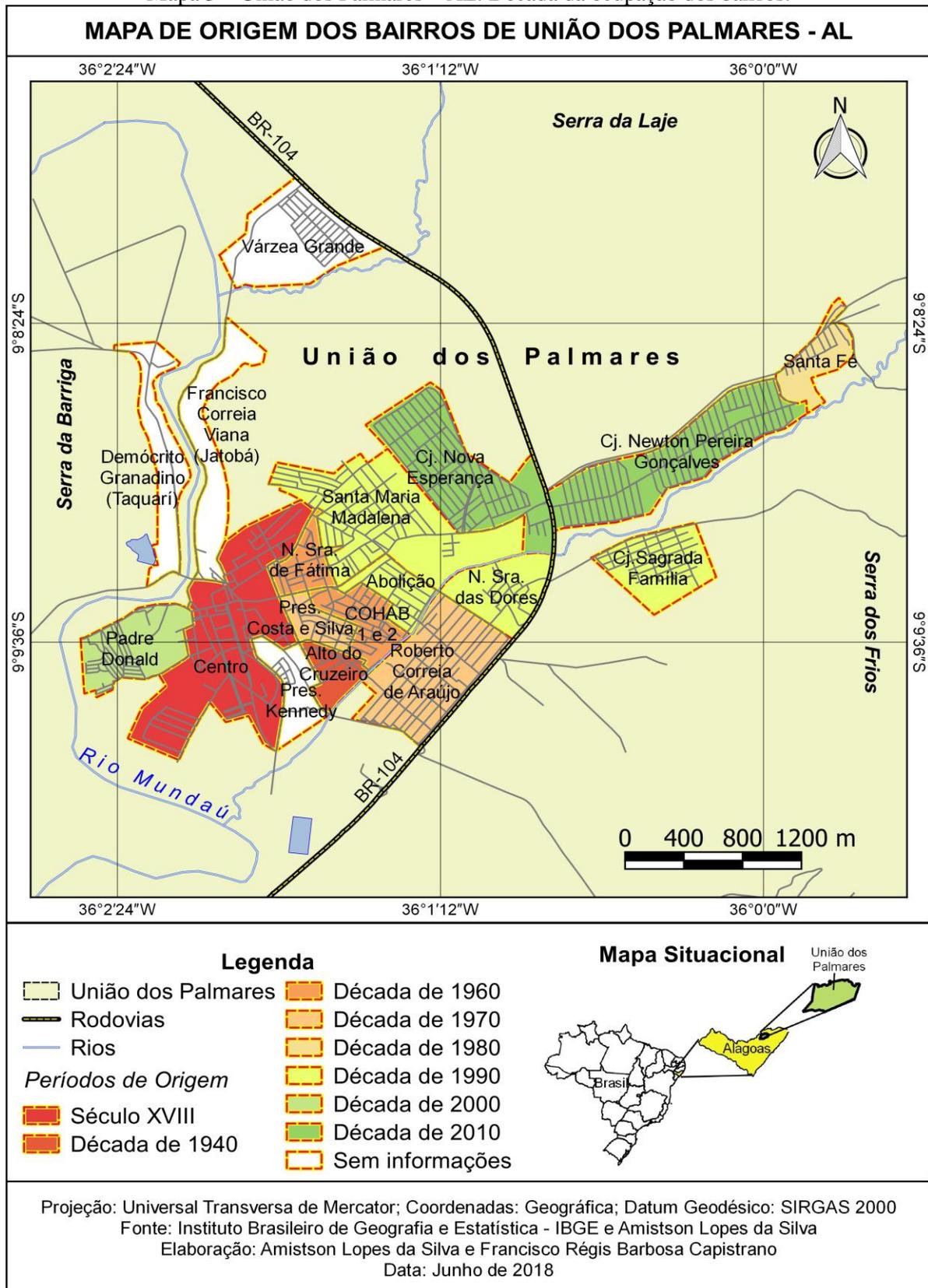
Até 1970 a imensa maioria da população urbana de União dos Palmares habitava próximo ao rio Mundaú (SILVA E PIMENTEL, 2011), por isso nessa época ocorreu o maior número de mortes. Nesse período de 41 anos houve no total mais de 21.632 residências totalmente destruídas e mais de 24.569 danificadas, totalizando mais de 125.618 pessoas desabrigadas nessa região.

É nesse contexto que o processo de urbanização em União dos Palmares se intensifica, sobretudo a partir da década de 1960, conforme a tabela 2 apresentada no capítulo anterior, a população quase que dobra em relação à década passada. Esses acontecimentos imputaram impactos determinantes sobre a estruturação da economia urbana palmarina ao tempo que o desenvolvimento e a difusão dos novos objetos técnicos modernos passaram a guiar o modo de vida urbano.

A sede do município palmarino é organizada por 18 bairros, até 2006 eram 16 bairros, conforme o Plano Diretor Participativo do Município (2006): Centro; Presidente Kennedy; Alto do Cruzeiro; Presidente Costa e Silva, Nossa Senhora de Fátima, COHAB, Abolição, Santa Maria Madalena I e II, Nossa Senhora das Dores (Vaquejada), Várzea Grande, Santa Fé, Sagrada Família (Mutirão), Padre Donald, Demócrito Gracindo (Taquari), Francisco Correia Vianna<sup>6</sup> (Jatobá) e Roberto Correia de Araújo. Com as enchentes de 2010, por meio do Programa da Construção do Governo do Estado em parceria com o Governo Federal, foram construídos dois bairros novos, Newton Pereira e Nova esperança, nas proximidades da BR 104. No mapa 3 podemos apreciar a origem temporal de cada bairro bem como sua distribuição territorial.

<sup>6</sup> Com as enchentes de 2010 o bairro foi quase totalmente destruído, restaram poucas casas (Trabalho de campo, 2017).

Mapa 3 – União dos Palmares – AL: Década da ocupação dos bairros.



Fonte: Silva (2017); Ministério do Interior (1971); site do Programa da Reconstrução dos Atingidos pelas Enchentes (<http://www.reconstrucao.al.gov.br/>) e trabalhos de campo, 2017.

Organização das informações: Amistson Silva.  
 Elaboração Cartográfica: Francisco Capistrano.

De acordo com Silva (2017), até início da década de 1940 as formas de ocupação se deram pela via de doações e vendas de terrenos, mas não foi possível saber ao certo quem doou. Na década de 1940 as vendas e doações de terrenos ocorreram por meio de particulares e da igreja. Na década de 1960 as casas dos dois bairros, COHAB I e II e o Nossa Senhora de Fátima, foram construídas respectivamente pela Companhia de Habitação Popular de Alagoas – COHAB e pela Fundação Alagoana de Serviços Assistenciais, essas últimas foram vendidas. Na década de 1970 o bairro Presidente Costa e Silva surgiu da venda de terrenos por particulares e doação da prefeitura. No bairro Roberto Correia de Araújo houve doações de terrenos por parte de políticos, prefeitura e igreja, bem como algumas ocupações (SOUZA, 2016).

Os bairros Santa Fé, Nossa Senhora das Dores, conjunto Sagrada Família e o Santa Maria Madalena estão ligados a invasões, vendas de terrenos por particulares e doações pela prefeitura, de acordo com SILVA (2017).

O Estado, enquanto agente produtor do espaço, tem um papel importante ao fornecer infraestrutura, criar e gerenciar as relações no território. É o que Castillo et al. (1997) *apud* Melgaço (2005) sugere como solidariedade geográfica institucional, que é dada pelas normas e ações políticas nas dimensões do Município, do Estado da federação e do Estado-nação. Essa solidariedade repercute nas condições de vida das pessoas, o território deveria ser normatizado para promover as relações econômicas e sociais da mesma forma nos lugares.

Nesse sentido, o Estado é convocado para conduzir a transformação da sociedade quando ocorrem eventos que desestabilizam a coesão social, seja econômico, político ou natural. Apesar das constantes enchentes terem sido um fator natural de grande importância nesse processo de segregação social e territorial em União dos Palmares, é somente a partir dos anos 2000 que o Estado vai intervir de forma mais contundente, criando programas de reconstrução para os atingidos pelas enchentes, construindo três novos bairros, conjunto Padre Donald com mais de 1.000 residências e depois na década seguinte, o Newton Pereira e o Nova Esperança com pouco mais de 6.000 imóveis (SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2017).

Conforme dados disponibilizados pelo Programa da Reconstrução (2010), instituído pelo Estado para gerenciar as obras, o Governo Federal concedeu, além do financiamento para reconstrução das casas, um repasse financeiro de R\$ 540.684.000,00 para reconstrução de estradas, infraestrutura, prédios públicos, escolas, hospitais entre outras obras emergenciais.

A cidade de União dos Palmares está inserida nesse contexto, analisando o mapa 3 e a partir do estudo de campo foi possível perceber, de acordo com a organização espacial, que o

centro abriga os comércios de maior porte, mais organizados e os mais importantes serviços públicos, municipal, estadual e federal. Conforme Silva e Pimentel (2011), a população de maior renda está localizada no centro da cidade ou bem próximo, enquanto a população de renda média e baixa está na periferia.

## 2.2 Periferização e circuito inferior da economia urbana

Silva e Pimentel (2011) identificaram em sua pesquisa, que em 2007, 52,7% da população urbana do município habitavam os bairros periféricos. A partir de 2010, com a destruição de dois bairros da área central, Demócrito Gracindo e Francisco Viana, como mostram as figuras 3 e 4, certamente esse percentual aumentou porque a população desses bairros foi deslocada para a nova periferia (SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA DE UNIÃO DOS PALMARES, 2017).

Figura 3: Antes das enchentes de 2010 – Rua Demócrito Gracindo e Rua do Jatobá (Francisco Viana) antes da enchente.



Fonte: Moreira e Silva (2013, p. 2984).

Figura 4: Depois das enchentes de 2010 – Rua Demócrito Gracindo e Rua do Jatobá (Francisco Viana) depois da enchente.



Fonte: Moreira e Silva (2013, p. 2984).

Dessa enorme periferia palmarina, três grandes bairros se destacam por comportar maior contingente de pessoas da cidade, são eles: Conjunto Newton Pereira Gonçalves; Conjunto Nova Esperança e o Roberto Correia de Araújo.

Os dois primeiros bairros foram construídos, como já foi mencionado, para abrigar os atingidos pelas enchentes de 2010, logo após o decreto<sup>7</sup> nº 6.593, de 20 de junho do mesmo ano. O investimento para a reconstrução das casas foi estimado em pouco mais de R\$ 1 bilhão. Os recursos foram garantidos pela Caixa Econômica Federal por meio do programa Minha Casa, Minha Vida (PROGRAMA DA RECONSTRUÇÃO, 2010).

Para Alagoas, segundo o Programa da Reconstrução (2010), foram destinadas a construção de 17.820 unidades habitacionais para 19 municípios. Para União dos Palmares, o Programa definiu a construção, no primeiro momento, de 5.001 imóveis e depois mais 1.000 imóveis foram construídos (PROGRAMA DA RECONSTRUÇÃO, 2010).

Em 2017, o conjunto Newton Pereira Gonçalves já possuía cerca de 4.342 e o Nova Esperança 2.450 imóveis (SECRETÁRIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE UNIÃO DOS

---

<sup>7</sup> Art. 1º Fica declarada a existência de situação anormal provocada por desastre e caracterizada como ESTADO DE CALAMIDADE PÚBLICA, nos municípios que compõem o Vale do Rio Paraíba e Vale do Rio Mundaú: Quebrangulo, Santana do Mundaú, Joaquim Gomes, São José da Laje, União dos Palmares, Branquinha, Paulo Jacinto, Murici, Rio Largo, Viçosa, Atalaia, Cajueiro, Capela, Jacuípe e Satuba, em decorrência das intensas precipitações ocorridas sobre os municípios.

PALMARES, 2017). Esse aumento é devido ao fato de que muitos moradores construíram pequenas casas e puxadinhos ao lado de suas casas. É possível presumir pela quantidade de imóveis que os dois bairros possuem mais de 15.000 habitantes.

Já o bairro Roberto Correia de Araújo, formado a partir da década de 1970, possui aproximadamente 3.500 imóveis (SECRETÁRIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE UNIÃO DOS PALMARES, 2017) e em 2013 já havia uma estimativa de aproximadamente 10.000 habitantes (estimativa dos setores censitários) (SILVA; SOUSA, 2013). Todos eles compõem a grande periferia, a parte da cidade que acomoda a população que possui menor acesso as modernizações do território.

A história da ocupação do bairro Roberto Correia de Araújo se iniciou a partir de doações do governo municipal que nessa época tinha como prefeito Manuel Gomes de Barros, natural de União dos Palmares, que distribuiu terras pertencentes à fazenda Frios para empregados e moradores da Usina Laginha, hoje fechada, e para alguns ribeirinhos e famílias que saíram ou venderam seus lotes de terras na zona rural do município (SOUZA, 2016).

O bairro Roberto Correia de Araújo está localizado ao leste, em relação ao centro da cidade, às margens da BR 104 e da principal via de acesso da cidade, a Avenida João Lyra Filho. Ao longo do tempo, muitos estabelecimentos comerciais se instalaram nessas vias principais, com maior grau de organização, capital e tecnologia em relação aos estabelecimentos localizados no interior do bairro.

Por ser um pouco distante do centro, pouco mais de 2 km, organizou-se um comércio próprio no bairro. Inicialmente com vendedores ambulantes e depois nos anos de 1990 começaram a organizar a feira-livre do bairro. A feira não só atende a localidade, mas também circula um grande número de pessoas de outros bairros próximos e da zona rural. Na feira, há tanto o fluxo de mercadorias como a interação social das pessoas devido a relação de compra e venda (SOUZA, 2016). Dessa forma o Roberto Correia de Araújo se tornou o primeiro e único bairro periférico a ter uma feira popular. Esse fato somado a grande capilaridade de atividades econômicas de pequeno porte elevou o bairro a condição de centro periférico da cidade de União dos Palmares.

De maneira geral, União dos Palmares é o 5º município mais populoso de Alagoas, segundo IBGE (2010), e conseqüentemente possui também uma das maiores populações periféricas do Estado. A cidade é um lugar de grandes contrastes econômicos, sociais e territoriais, um verdadeiro espaço dividido.

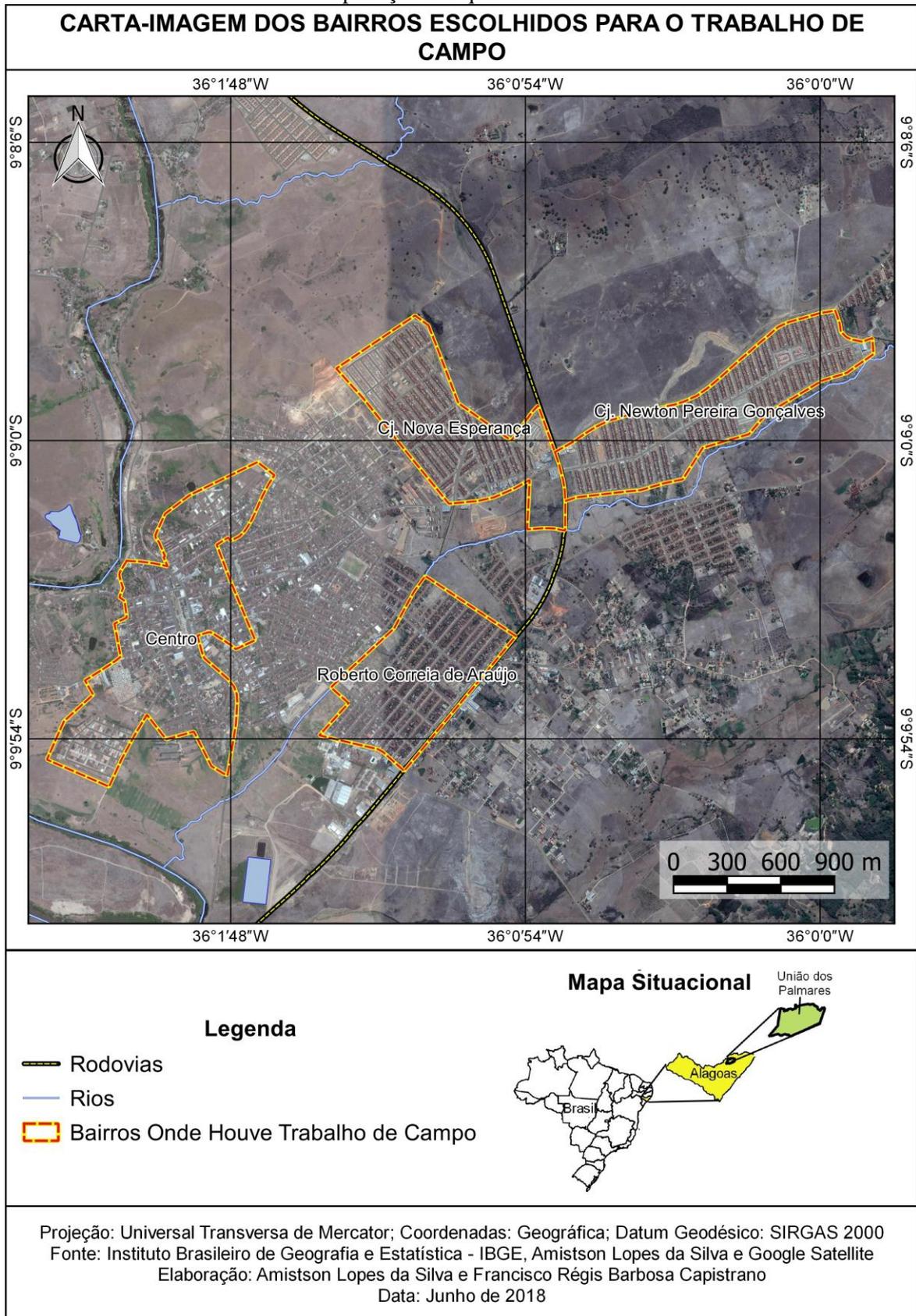
É importante enxergar a cidade sempre como uma totalidade, independentemente de seu tamanho ou localização. É preciso entendê-la como o lugar da produção e reprodução da vida social e como o lugar da própria vida, compreendendo o homem em todas as dimensões da sua existência, para além do trabalho e do consumo (ARROYO, 2008, p. 30).

A cidade comporta a coexistência dos diferentes, abriga uma pluralidade de nexos, fluxos, conexões, projetos, representações e interpretações. É fundamental considerá-la como uma totalidade dentro de outras duas totalidades – o mundo e a formação socioespacial (nacional) –, que, por sua vez, se expressam e se materializam nela (ARROYO, 2008). Hoje, existe cada vez mais uma extraordinária sintonia das cidades com a dinâmica nacional e mundial. Essa interdependência é fruto da presença da tecnologia, da ciência e da informação.

Contudo, a repercussão dessas variáveis nos lugares varia na forma e na intensidade que elas se concretizam devido às especificidades e particularidades dos lugares, daí a importância de estudar a configuração do sistema urbano nas cidades por meio do uso do território pelos agentes dos circuitos da economia urbana, sobretudo o circuito inferior que possui uma força espontânea e criativa de animar o espaço geográfico com sua arte de viver e sobreviver na cidade.

Destarte, escolhemos os três maiores bairros periféricos mais a área central para compreendermos um pouco como funciona o sistema urbano de União dos Palmares a luz da teoria dos dois circuitos da economia urbana, mas sobretudo o circuito inferior que é o sistema econômico animado pelos agentes não hegemônicos. No mapa 4 podemos observar as áreas da cidade escolhidas para a aplicação dos questionários.

Mapa 4 – União dos Palmares – AL: Localização da área central e periféricas escolhidas para aplicação dos questionários.



Organização das informações: Amistson Silva.  
 Elaboração Cartográfica: Francisco Capistrano.

### 3 DINÂMICA ATUAL DO CIRCUITO INFERIOR NA ÁREA CENTRAL

#### 3.1 Considerações acerca dos dois circuitos da economia urbana

Foi no início da década de 1970 que o geógrafo brasileiro Milton Santos propôs a teoria dos dois circuitos da economia urbana. Um arcabouço teórico-metodológico capaz de explicar o processo de urbanização dos países subdesenvolvidos, partindo inicialmente do princípio de que não é possível analisar a realidade desses sob a mesma ótica dos desenvolvidos. De acordo com Montenegro (2011, p. 154), os primeiros escritos sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana surgem na obra “Les Villes Du Tiers Monde (1971)” na qual Santos, “[...] distingue a coexistência de dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos resultantes da penetração das inovações nesses países [...]”. No entanto, é na obra *O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos* (2008c:1979), que o autor apresenta essa teoria.

Nesse viés, a cidade compreende um sistema urbano, dividido em dois subsistemas econômicos. O circuito superior e o circuito inferior da economia urbana. Grosso modo, podemos definir o circuito superior como o conjunto de atividades modernas e de grande porte existentes na cidade, enquanto que o circuito inferior é formado pelo conjunto das pequenas atividades. Esses circuitos formam um par dialético, são ao mesmo tempo concorrentes e complementares. A distinção dos dois circuitos da economia está sobretudo pautada no grau de tecnologia, organização e capital (SANTOS, 2008c).

#### *O Circuito Superior da Economia Urbana*

Segundo Milton Santos (2008c, p. 22), o circuito superior “originou-se diretamente da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos hoje são os monopólios”. Nesse circuito, cujas características possibilitam assumir o papel de controlador e regulador da economia, podemos encontrar os motores da atual divisão territorial do trabalho, pautada nas variáveis-chave do período atual, a saber, técnica, ciência, informação e finanças. Desta maneira, podemos concordar com Maria Laura Silveira (2004b, p. 3) ao sustentar que

[...] la intensa urbanización, la reorganización del Estado y de la economía, la monetización de la economía y de la sociedad que se vá completando, los agregados de ciencia, técnica e información a la vida social y al territorio, y la diversificación, y profundización de los consumos son datos nuevos del

periodo, que alteran la naturaleza del espacio em que los circuitos de la economía urbana se desarrollan.

O circuito superior é o subsistema da economia urbana, constituído “pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores” (SANTOS, 2008c, p. 40). Suas atividades, por sua vez, seriam diferenciadas do circuito inferior por possuir mais elevado grau de tecnologia, organização e capital. Convém assim ressaltar, que esse circuito opera utilizando capital intensivo (SANTOS, 2008c).

Sobre a natureza das atividades do circuito superior, podemos distinguir três tipos. Atividades “puras”, “impuras” e “mistas”.

A indústria urbana moderna, o comércio e os serviços modernos são os elementos “puros”, pois são ao mesmo tempo atividades específicas da cidade e do circuito superior. A indústria de exportação assim como o comércio de exportação são atividades “impuras” Se estão instaladas na cidade, para se beneficiar das vantagens locacionais, o essencial de seus interesses é manipulado fora da cidade. [...] Os atacadistas e transportadores têm atividades do tipo misto, pelo fato de sua dupla ligação (SANTOS, 2008c, p. 41).

Cabe lembrar, que o circuito superior da economia urbana divide-se em duas formas de organização, o circuito superior propriamente dito e o circuito superior marginal. Segundo Santos (2008c, p. 103), este último é “constituído de formas de produção menos modernas do ponto de vista tecnológico e organizacional”. Nesta perspectiva, o autor assevera ainda que

O circuito superior marginal pode ser resultado da sobrevivência de formas menos modernas de organização ou a resposta a uma demanda incapaz de suscitar atividades totalmente modernas. Essa demanda pode vir tanto de atividades modernas, como do circuito inferior. Esse circuito superior marginal tem, portanto, ao mesmo tempo um caráter residual e um caráter emergente. (SANTOS, 2008c, p. 103).

É importante salientar que o circuito superior opera nos lugares para atender a interesses longínquos e que a escala de atuação deste circuito é nacional e/ou internacional. Em outro momento o autor nos lembra que o espaço dos países subdesenvolvidos é caracterizado pelo fato de se organizarem e reorganizarem em função de interesses distantes e mais comumente em escala global (SANTOS, 2008c).

### *Circuito Inferior da Economia Urbana*

O circuito inferior, resultado indireto da modernização tecnológica (SANTOS, 2008c), pode ser compreendido como o subsistema econômico organizado essencialmente pelos agentes hegemônicos da cidade, com o intuito de serem atendidas as suas necessidades de trabalho e consumo. As atividades deste circuito são criadas como resposta à economia superior que, dadas as suas variáveis, exclui os pobres urbanos do universo “formal” de trabalho e das formas de consumo moderno. É nesta perspectiva que Santos (2008c, p. 37) assinala que

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las.

Podemos compreender o circuito inferior como o conjunto de atividades urbanas desenvolvidas com baixo grau de tecnologia, organização e capital, constituído “essencialmente por formas de fabricação “não-capital intensivo”, pelos serviços não modernos fornecidos “‘a varejo’ e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão” (SANTOS, 2008c, p. 40). Este circuito é composto basicamente por atividades de produção artesanal e de serviços de transportes e comércio tradicionais, por exemplo, que são ofertadas à população pobre, residente nos lugares em que são desenvolvidas atividades da economia inferior, cuja realização traz maior comodidade e flexibilidade para os indivíduos.

Corroborando com Milton Santos, Huertas (2013, p. 166) diz que “o circuito inferior é um ‘mundo bem original’, no qual o sistema de negócios é frequentemente arcaico, o controle dos custos e dos lucros é raro e a contabilidade praticamente ausente”. Mesmo com essas características aparentemente desfavoráveis, as atividades do/no circuito inferior proporcionam aos agentes pobres da cidade a busca de bens e serviços, que são mais acessíveis e que conseqüentemente são menos modernizados (HUERTAS, 2013). Nesse circuito, cada indivíduo se vale dos meios que encontra ao seu alcance, tanto o consumidor, quanto o trabalhador desse subsistema.

É de suma importância considerar algumas variáveis que constituem a dinâmica do circuito inferior da economia urbana. A importância desse circuito enquanto alternativa de geração de trabalho e consumo para os agentes com menor poder econômico e a utilização de publicidade pelas pequenas atividades urbanas, devem ser considerados.

O circuito inferior é sem dúvida de grande importância, pois suas atividades geram trabalho e renda para um grande número de pessoas nas cidades, garantindo sua sobrevivência. O número de trabalhadores é elevado, a remuneração é baixíssima e a falta de contratação legal é uma constante na economia inferior, visto que, atende essencialmente a população pobre, isto é, aqueles com possibilidade praticamente nula de empregabilidade no circuito moderno.

Por sua vez, as atividades comerciais do circuito inferior, compreendem pequenos estabelecimentos mal instalados, mal equipados e que ocupam individualmente pouca mão de obra (SANTOS, 2011). Estas atividades atingem um contingente grandioso no que diz respeito aos números totais de ocupações ofertadas, e ainda possui relevante papel quanto ao consumo, pois possibilita atender as necessidades de consumo dos mais pobres.

O circuito inferior da economia urbana constitui um mecanismo permanente de integração que oferece um número máximo de oportunidades de emprego com um volume mínimo de capital. Esse circuito corresponde exatamente às condições gerais de emprego e disponibilidade de dinheiro, assim como às necessidades de consumo de uma importante fração da população. (SANTOS, 2009b, p. 67)

Nesses termos, na economia inferior, a primeira preocupação não é essencialmente o lucro ou acumulação de capital, mas sim garantir o sustento da família, além de alcançar o modo de consumo propagado pela sociedade capitalista vigente.

O circuito inferior não se utiliza de propaganda em massa, mas incorpora gradativamente a publicidade no desenvolver de suas atividades. A propaganda de massa é algo inexistente no circuito inferior, “[...] na verdade é inviável, porque os ganhos são usados diretamente pelo agente para sua subsistência e a da sua família” (SANTOS, 2009b, p. 51).

Contudo, é bem comum deste circuito o uso da publicidade simples e bem direta: o “boca a boca”, panfletagem, dentre outros meios. Concordamos assim com Marina Montenegro (2006, p. 90), ao sustentar que a publicidade passa a permear progressivamente o circuito inferior “(...) mesmo que sob formas extremamente simples como o ‘boca a boca’, cartões de visita, faixas, *banners*, pequenos anúncios nas ‘Páginas Amarelas, cartazes, placas etc.’” Toda e qualquer estratégia realizada pelos agentes do circuito inferior busca estimular a circulação das mercadorias, essencialmente, com vendas no varejo, porque é o melhor caminho para a permanência e sobrevivência de um mercado que depende eminentemente do local. A publicidade ganhou proporções extensas e a variedade de produtos que chega ao

mercado todos os dias são cada vez mais diversificados, e passam a se tornar objetos de desejo dos pobres “[...] que são empurrados cada vez mais para o consumo, constituindo um dos principais fatores que obriga o circuito inferior a se reinventar” (SILVA, 2012, p. 45).

No circuito inferior se constatará um trabalho intensivo e frequentemente local. Os estabelecimentos comerciais destacam-se pela maciça presença de empresas familiares e de trabalhadores autônomos, o capital é muito pequeno, a tecnologia mostra-se de forma obsoleta e/ou tradicional e a organização é bem deficiente (HUERTAS, 2013).

O circuito superior e o inferior são os dois grandes subsistemas dentro do sistema maior da economia urbana, o capitalismo. A cidade vive uma grande transformação estrutural que trouxe modificações nas formas de produção, distribuição e consumo (SANTOS, 2009b), portanto, se faz necessário esta subdivisão para melhor compreender os aspectos que caracterizam a economia das cidades dos países pobres.

A organização da cidade possibilita a atuação tanto dos agentes do circuito inferior quanto dos agentes do circuito superior, de modo que as relações de complementariedade estão assim inseridas numa discussão que a cada dia se torna mais necessária. Na medida em que a cidade cresce, suas relações e interações se avolumam e estas tornam-se mais complexas. Assim, dependendo do tamanho que ela alcance, segundo Milton Santos (2008c) existirá dois tipos de circuito inferior de acordo com sua localização na cidade, um é o circuito inferior central e o outro é o circuito inferior residencial. É fundamental considerar que a diferença não está exclusivamente na localização, mas no comportamento, cada um apresentando um funcionamento particular.

O circuito inferior central está mais ligado às atividades que se concentram nessas áreas da cidade, atendendo tanto aos segmentos da classe média como também dos pobres, já que um grande número de pessoas cotidianamente transita por essa área. O circuito inferior residencial é completamente ligado à população local. Nas palavras do autor acerca do circuito inferior central e circuito inferior residencial,

O primeiro está ligado à população do centro, mas caracteriza-se, além disso, pelas relações privilegiadas com as outras atividades centrais, entre as quais as atividades do setor moderno; sua clientela, aliás, ocasionalmente pode ser a mesma do circuito superior. O circuito inferior residencial é totalmente ligado à população; no centro, portanto, as ligações entre os diversos elementos da economia urbana são mais numerosas e frequentes. (SANTOS, 2008c, p. 350)

Desse modo, o que vai definir essencialmente os dois tipos de circuito inferior é dinâmica, funcionamento e sua abrangência.

### **3.2 Meio ambiente construído**

É fundamental considerar a influência exercida pelo meio ambiente construído na produção da economia. Os lugares que não foram tocados diretamente pelas inovações tecnológicas ou que possuem sistemas de objetos obsoletos oferecem mecanismos para que estabelecimentos de diversos ramos e de pequenos tamanhos possam ser criados. Essas atividades aproveitam dessas infraestruturas construídas com o objetivo de atender, aos setores mais modernos e as classes mais abastardas. Grandes avenidas, pavimentação, construção de viadutos, são alguns exemplos que facilitam a distribuição e a circulação das mercadorias dentro da cidade.

A cidade pode ser vista, desse modo, como um conjunto indissociável de formas materiais, modernas e antigas, e de formas dominantes e subordinadas de trabalhar e acumular. O papel do poder público não é neutro, pois, a cada reforma material ou normativa visando à modernização, está privilegiando certos graus de capital, tecnologia e organização da economia urbana e certas porções do meio construído. (SILVEIRA, 2009, p. 68)

Temos que considerar a cidade como um meio ambiente construído, um meio ambiente artificialmente construído para promover e desenvolver as interações humanas. Corroborando com Silva Neto (2016) quando diz que ao compreendermos a cidade como meio ambiente construído será possível perceber as estreitas relações que os dois circuitos da economia urbana estabelecem com as formas geográficas existentes na cidade.

O centro da cidade comumente é formado por maior grau de infraestrutura e também é o local em que se concentra as atividades mais modernas. A área central é o foco fundamental da cidade, nela se encontra as principais atividades comerciais, de serviços, de transportes e gestão (CORRÊA, 1995). Desse modo, as feições materiais são mais valorizadas, o solo urbano é mais disputado. Sem condições para competir pelo uso do solo urbano, muitos agentes pouco capitalizados buscam se instalar nos interstícios dessas áreas, em suas partes mais degradadas, em que o preço dos aluguéis são mais baratos, enquanto outros buscam atuar nos lugares que a circulação é mais intensa, como é o caso dos ambulantes.

O funcionamento do circuito inferior central e residencial será analisado a partir de União dos Palmares, como já enfatizamos. Na cidade de União dos Palmares existem dois centros comerciais, o centro antigo e o centro renovado. O centro antigo está na parte baixa e é composto pelas ruas Benon Maia Gomes, Jatobá, Miguel Palmeira e Orlando Bugarim. O novo centro está espraiado na parte alta com destaque para as ruas 15 de Novembro, Marechal Deodoro da Fonseca, Travessa do Mercado e Avenida Monsenhor Clóvis Duarte de Barros.

Com a valorização da parte alta o centro antigo foi perdendo importância, sobretudo a partir do final da década de 1990, quando ocorre uma expansão de objetos técnicos modernos. No centro antigo as ruas são mais estreitas e os estabelecimentos comerciais são mais modestos, de estrutura simples, antiga, com rara manutenção e alguns estão abandonados (Ver as figuras 5 e 6).

Figura 5 – União dos Palmares – AL: Estabelecimentos comerciais no centro antigo, na rua Orlando Bugarim.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 6 – União dos Palmares – AL: Estabelecimentos comerciais no centro antigo, na rua Orlando Bugarim.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O centro renovado conta com ruas mais largas e bem extensas, as fachadas dos estabelecimentos apresentam aspectos de modernidade, são organizados e mais estruturados. É no centro renovado que os principais fixos geográficos estão instalados, principalmente as instituições do poder público. Nas figuras 7 e 8 podemos ver, nas duas principais ruas do centro novo, uma paisagem bem diferente da que vimos no centro desvalorizado.

Figura 7 – União dos Palmares – AL: Estabelecimentos comerciais no centro renovado, na rua Marechal Deodoro da Fonseca.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 8 – União dos Palmares – AL: Avenida Monsenhor Clóvis Duarte, principal rua do centro renovado.

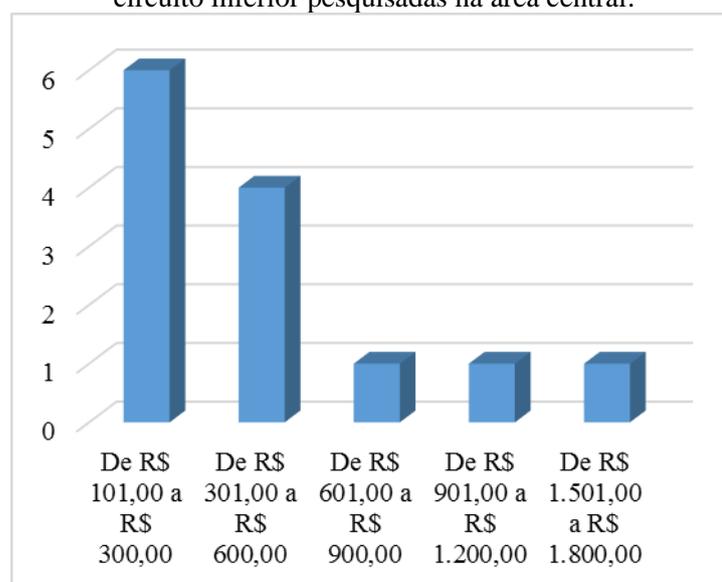


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Ao investigar a dinâmica do circuito inferior na área central, verificou-se que boa parte dos agentes têm dificuldades para manter seu pequeno negócio funcionando. Dos 26 estabelecimentos pesquisados, 8 estabelecimentos eram próprios e funcionavam em um ponto exclusivo para atividade; 12 exclusivos para atividade e eram alugados; 5 funcionavam na própria residência e 1 ponto abrigava mais de uma atividade.

A quantidade de estabelecimentos alugados correspondeu a 46,15% do total investigado. É um número expressivo que revela uma das mais importantes imposições instituídas pelo meio ambiente construído para dificultar a economia popular desempenhada pelas camadas mais pobres da cidade. Essa situação é refletida no valor médio do aluguel que são submetidos a pagar, como é apresentado no gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2 – União dos Palmares – AL: Média dos valores dos aluguéis que abrigam as atividades do circuito inferior pesquisadas na área central.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Conforme os entrevistados que pagavam entre o intervalo de R\$ 101,00 a R\$ 300,00, durante a entrevista, a grande maioria afirmou que não pagava menos de R\$ 250,00. Já entre R\$ 301,00 a R\$ 600,00, os entrevistados afirmaram que não pagavam menos de R\$ 500,00. Sem contar que as atividades não eram tão lucrativas, “mal dá para tirar o dinheiro da feira” (depoimento do entrevistado 3).

O valor do aluguel está também associado a idade do imóvel. A maioria dos entrevistados (88,46%) afirmou que os imóveis eram antigos, dos quais 50% possuem mais de 20 anos. Como é demonstrado na tabela 8.

Tabela 8 – União dos Palmares – AL: Idade dos imóveis que abrigam as atividades do circuito inferior pesquisadas na área central.

Tempo de construção do imóvel	Número de imóveis	%
Menos de 5 anos		
De 5 anos a 10 anos	3	11,54
Mais de 10 anos a 15 anos	5	19,23
Mais de 15 anos a 20 anos	5	19,23
Mais de 20 anos	13	50

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Quando perguntados se o imóvel foi construído para abrigar a atividade, 69,23% afirmaram que não e 30, 77% responderam que sim. Dos 69,23% que responderam que não, a grande maioria, 66,67%, já pertenciam a área comercial, mas com ramos diferentes do atual, como (frigorífico, padaria, lanchonete), 27,78% foram transformados de residências para pontos comerciais e somente 5,55% não souberam responder.

Com relação às condições do imóvel, dos 26 entrevistados, 7 consideraram regular, 16 boa, 1 ruim, 1 excelente e 1 muito boa.

Boa parte dos estabelecimentos estavam deteriorados, conforme 46,15% afirmaram, não tendo sido realizado nenhum tipo de reforma no ambiente comercial.

Uma das principais características do circuito inferior é a falta de capital para investir na própria atividade. Mesmo assim, entre os entrevistados, constatamos que existem aqueles que utilizam o pouco capital que acumularam para realizar melhorias em seus pontos comerciais. Não são reformas regulares, são bem esporádicas. Dos 26 entrevistados, 14 realizaram algum tipo de reforma, 2 reformaram seus estabelecimentos no ano de 2007, 2 no ano de 2010, 2 em 2011, 1 em 2012, 1 em 2013, 1 em 2015, 2 em 2016 e 3 não informaram o ano. No quadro 3 estão os tipos principais de reformas realizadas pelos agentes.

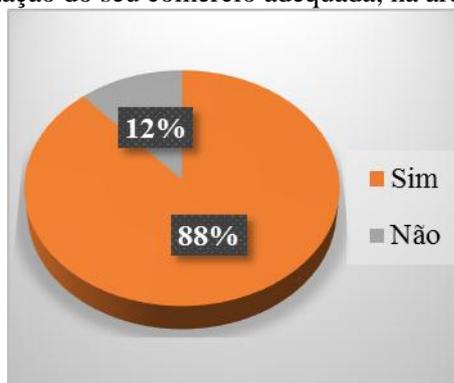
Quadro 3 – União dos Palmares – AL: Tipos de reformas realizadas pelos proprietários nos estabelecimentos que abrigam a atividade do circuito inferior na área central.

<b>Tipos de Reformas Realizadas Nos Estabelecimentos</b>		
Cerâmica	Pintura	Construção do primeiro andar
Ampliação do imóvel	Pisos e placas	Telhado
Adaptação para a lanchonete	Instalação elétrica	Reforma completa

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No que concerne à localização, mesmo estando a “sombra” dos estabelecimentos mais modernos e mais rentáveis, os agentes, em sua imensa maioria, consideraram que seus negócios estão bem localizados. Observe o gráfico 3.

Gráfico 3 – União dos Palmares – AL: Percentual de proprietários do circuito inferior que consideram a localização do seu comércio adequada, na área central.

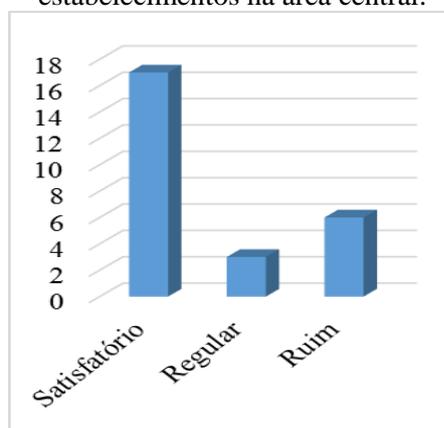


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Dos 88% que consideram a localização do seu ponto comercial adequada, a grande maioria atribui às condições próprias do bairro, como facilidade de acesso aos fornecedores de mercadorias, mão de obra barata e disponível, uma grande diversidade de serviços e principalmente pela proximidade do mercado consumidor, uma vez que “aqui no centro da cidade o movimento de pessoas é muito grande, aí dá para aproveitar e lucrar um pouquinho disso” (depoimento do entrevistado 4).

Por tudo isso, a maioria considerou que a infraestrutura do entorno é satisfatória, como está demonstrado no gráfico 4.

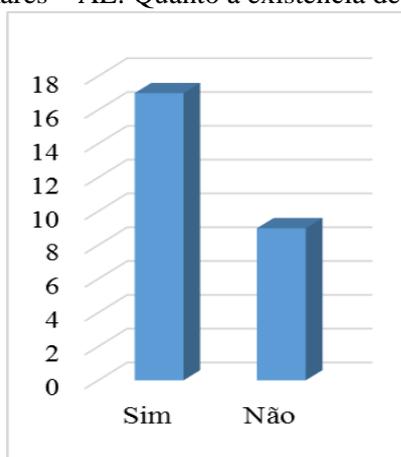
Gráfico 4 – União dos Palmares – AL: Satisfação quanto a infraestrutura do entorno dos estabelecimentos na área central.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Quando o assunto foi receitas e despesas, a maioria preferiu falar mais das despesas. O que reafirma a validade do circuito inferior enquanto uma expressão da pobreza, uma vez que, a receita é comprometida pelas despesas mais básicas para funcionamento do negócio. Dentre elas destacam-se a despesa mais alta para maioria, a própria mercadoria, o aluguel do imóvel, água e energia, empréstimos bancários e a agiotas, materiais de trabalho e pagamentos de seus raros funcionários. Outra questão que pesa bastante é a concorrência, mais da metade dos entrevistados afirmaram tê-la, como está ilustrado no gráfico 5.

Gráfico 5 – União dos Palmares – AL: Quanto à existência de concorrentes na área central.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Apesar da grande concorrência, os agentes quase que não utilizam a publicidade para promover suas atividades, é praticamente nula, pois 92% dos entrevistados não realizam nenhuma forma de propaganda. E os 8% que praticam a publicidade usam as emissoras de rádios locais e/ou panfletagens.

Em suma, as interações comunicacionais entre os indivíduos é o principal mecanismo de divulgação do pequeno comércio, o “boca-boca” é marcante no cotidiano das cidades interioranas, prevalece em detrimento dos meios de divulgação publicitária. Esse contato também se dá de forma direta entre os proprietários e consumidores por meio das redes sociais (*Instagram* e *facebook*) e do aplicativo do *Whatsapp*. Isso ocorre devido a popularização e a ampliação do acesso aos aparelhos celulares smartphones. Esses novos elementos são resultado da difusão do meio técnico científico e informacional. Difusão que ainda desigual, por ser seletiva, mas que atinge em graus distintos diversas parcelas do território.

Hoje, a divisão territorial do trabalho hegemônica de uma nação edifica-se sobre novas variáveis determinantes, isto é, tecnociência, informação e finanças, que permitem às grandes empresas e aos bancos novas escalas e possibilidades de ação. Nos seus diversos segmentos, o Estado torna-se um acelerador ou um freio para tais variáveis, cuja vocação para a convergência é inegável. A técnica informacional tem sido quiçá a mais emblemática, pois permite a integração das demais, isto é, a formação de um verdadeiro sistema técnico com tendência à unicidade. Essa mesma técnica fez possível a circulação de uma dada informação que normatiza a forma de trabalhar e, ao mesmo tempo, possibilita e legitima os grandes volumes de dinheiro especulativo. Por fim, as lógicas próprias desse dinheiro em estado puro – que não abandona tal forma por ser a mais rentável – subordinam todas as formas de produção e acumulação. A sofisticação contemporânea dos instrumentos financeiros e sua capilaridade no território revelam um retrato extremamente complexo, que pode ser entendido a partir dessas três unicidades já assinaladas por Milton Santos (1996): unicidade técnica, convergência dos momentos e unicidade do motor. (SILVEIRA, 2009, pp 65-66)

Nesse sentido, com relação à organização das atividades, durante a pesquisa ficou demonstrado que há um processo de incorporação, de forma tímida, dos objetos técnicos da informação que simbolizam o atual período. No que se refere ao grau de tecnologia utilizado, os agentes do circuito inferior contam com diversos desses objetos técnicos, de acordo com cada atividade. Dentre os objetos técnicos utilizados, constatamos que 61,53% dos entrevistados fazem uso diário do celular para tocar seu negócio, ora com ligações via operadora ora pelos canais de internet (ressaltados no parágrafo anterior), alguns possuem telefones fixos, 19,23% tem internet instalada em seus pontos, 20% usam o computador, e uma papelaria usa uma máquina de xerox, duas impressoras com scanners, pois disponibiliza também o serviço de xerox e impressão.

Cabe ressaltar que o computador/notebook, considerado como um dos principais objetos técnicos, símbolo do período atual, está presente em algumas atividades do circuito inferior central palmarino. Isso demonstra que está ocorrendo uma atualização das características do circuito inferior numa cidade que não faz parte de uma grande região metropolitana. Porém, este movimento de uso dos objetos técnicos pelas pequenas atividades se dá de forma desigual, ou seja, no campo das relações entre o espaço e a técnica, tem-se que considerar em primeiro plano a propagação desigual das técnicas (SANTOS, 2009a).

### 3.3 Pulverização do circuito inferior na área central

O circuito inferior funciona como um verdadeiro abrigo para os pobres da cidade, que privados de capital e de capacitação técnica profissional são alocados neste sistema para sobreviverem (SANTOS, 2008c), muitas vezes disputam a calçada com pedestres e até mesmo com os estabelecimentos mais modernos, como é mostrado nas figuras abaixo.

Figura 9 – União dos Palmares – AL: Comércio de ambulante fixo instalado na calçada da agência da Caixa Econômica Federal na avenida Monsenhor Clóvis Duarte.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 10 – União dos Palmares – AL: Comércio de ambulante fixo instalado na calçada às margens da avenida Monsenhor Clóvis Duarte.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Como foi abordado nas considerações acerca dos dois circuitos da economia urbana no início deste capítulo, o circuito inferior tem como forte característica a substituição do capital intensivo pelo trabalho intensivo, isto ocorre devido ao aumento desmedido e constante da quantidade de pobres e trabalhadores mal remunerados nas cidades. Nesse sentido, sem sombras de dúvidas, os pequenos negócios são muito importantes para a geração de trabalho e renda e para a parcela mais carente e desprovida de grande capital. Isso faz parte da realidade brasileira, pois ao longo do tempo

perpetuaram-se no Brasil relações de trabalho não capitalistas. Setores econômicos como agricultura de subsistência e serviços urbanos vinculados ao abastecimento (pequenas mercearias), lojas e oficinas de reparação e de atendimento pessoal e familiar permitiram que uma verdadeira economia de baixos rendimentos contribuísse para a cobertura de uma importante parcela do custo de reprodução da força de trabalho, inclusive nos grandes centros industriais do país (POCHMANN, 2010, pp. 22-23).

Destarte, quanto menor a diversidade das atividades econômicas da cidade, maior será a importância do circuito inferior para a economia (SANTOS, 2008c). Uma grande quantidade de pequenos negócios surge constantemente.

A extrema divisão do trabalho no circuito inferior constitui, em si mesma, um elemento multiplicador. Antes de mais nada, ela estimula a utilização produtiva do capital. A frequência das trocas aumenta a rapidez das transações e, por isso mesmo, multiplica a formação dos lucros, qualquer que seja seu volume. De outro lado, a multiplicidade dos atos de comércio age como um acelerador da circulação da moeda (SANTOS, 2008c, p. 252).

Diante disso, durante a pesquisa de campo, constatamos uma imensa quantidade de pequenos negócios no centro da cidade. Procurou-se entrevistar de forma diversificada os pequenos negócios espalhados pelas principais ruas do centro comercial da cidade, como mostrado no mapa 5.

Mapa 5 – União dos Palmares – AL: Localização das atividades pesquisadas na área central.



Os setores de comércio e serviços na área central concentra boa parte das atividades, como está demonstrado no quadro 4.

Quadro 4 – União dos Palmares – AL: Ramos de atividades pesquisados na área central.

<b>Ramos de atividades da área central</b>		
<b>Fabricação</b>	<b>Comércio</b>	<b>Serviços</b>
1 Costura	4 Lanchonetes	3 Cabeleireiros
1 Padaria	1 Papelaria	1 Conserto de celular
	1 Loja de calçados	1 Prótese dentária
	1 Agropecuária e materiais de construção	1 Consertos de eletrônicos
	1 Restaurante	2 Oficinas de moto*
	1 Mercearia	1 Sapataria
	1 Bomboniere	1 Barbearia
	1 Mercadinho	
	1 Peças de moto	
	1 Ração	
	1 Agro construção	
	1 Revistaria	

\*No estabelecimento funciona ao mesmo tempo o serviço de conserto e venda de peças de moto e bicicletas.

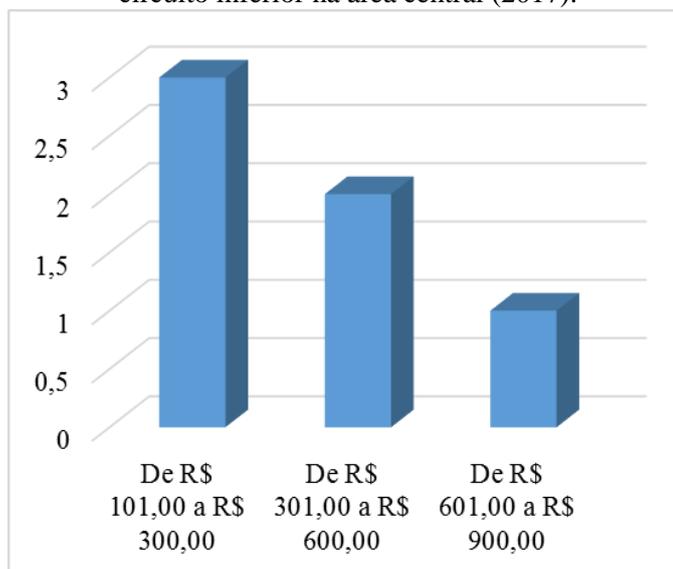
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A maioria dos proprietários entrevistados são do sexo masculino, 19, e 7 do sexo feminino. Desses, 17 são casados (as) e 9 solteiros (as). Ao averiguar o grau de escolaridade, apenas um não tinha escolaridade alguma; 8 com o ensino fundamental incompleto e um completo; 7 com o ensino médio incompleto e 6 com o médio completo; 1 com o ensino superior incompleto e 2 com superior completo.

Quando perguntados sobre o local de residência, 13 agentes disseram que moram no Centro e 13 em outros bairros, tais como: 1 Cohab Nova; 2 Roberto Correia de Araújo; 1 Zona Rural; 2 Loteamento Santa Maria Madalena; 1 Newton Pereira; 1 Nova Esperança; 1 Costa e Silva; 1 Alto do Cruzeiro; 1 Sagrada Família; 1 Bairro de Fátima; 1 Bairro dos Frios. Há, portanto, importante fluxo de pessoas saindo da periferia para trabalhar no centro.

Com relação ao domicílio, 23% moram em casas de aluguel, com valores entre R\$ 101,00 a R\$ 900,00, apresentado no gráfico 6 abaixo. Os valores mais elevados correspondem às residências localizadas no centro da cidade. Dos 13 proprietários que residem no Centro, cinco dos domicílios são de aluguel e apenas um mora de aluguel na periferia, bairro Robertão (Roberto Correia de Araújo). Ao ser perguntado por que não procura uma casa de aluguel na área central, para morar, respondeu que “o aluguel é muito mais caro no Centro”, sem contar que o mesmo também paga aluguel do estabelecimento comercial.

Gráfico 6 – União dos Palmares – AL: Valor médio do aluguel das residências dos proprietários do circuito inferior na área central (2017).

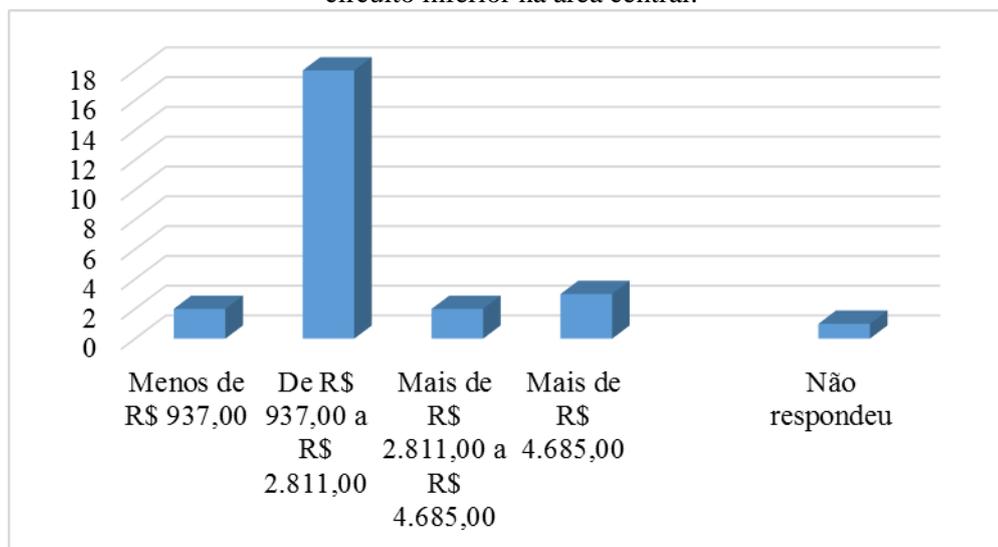


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Com relação ao deslocamento dos proprietários para seus estabelecimentos, 7 afirmaram que se deslocavam a pé, 13 usam carros ou motos próprios e 1 usa transporte coletivo. Já 5 não precisam se deslocar pelo motivo de que seu estabelecimento é uma extensão de suas residências.

A renda familiar dos agentes do circuito inferior é modesta, está dentro dos padrões de renda da maioria do país, o gráfico 7 a seguir revela forte desigualdade dos ganhos dos agentes, a grande maioria, 69,23% apresentaram uma renda média de R\$ 973,00 a R\$ 2.811,00 enquanto 7,69% possuem renda média de mais de R\$ 2.811,00 a R\$ 4.685,00, 11,53% com renda familiar de mais de R\$ 4.685,00.

Gráfico 7 – União dos Palmares – AL: Renda familiar dos proprietários de estabelecimentos do circuito inferior na área central.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A próxima tabela revela que a renda familiar dos agentes do circuito inferior depende muito de suas atividades, pouco mais da metade afirmou ser o único responsável pela composição da renda de sua família.

Tabela 9 – União dos Palmares – AL: Número de pessoas que contribuem para a obtenção da renda familiar dos pesquisados na área central.

Número de pessoas	Quantidade de entrevistados	%
1	14	53,85%
2	12	46,15%

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No que concerne a questão do trabalho, constatamos que antes de começar com a atividade atual, os entrevistados passaram por tantas outras ocupações. O percurso profissional é bem diversificado, há uma verdadeira resiliência, já que sobreviver perante circunstâncias tão desfavoráveis passa a ser uma. No quadro abaixo podemos observar algumas dessas ocupações exercidas anteriormente pelos agentes do circuito inferior.

Quadro 5 – União dos Palmares – AL: Trajetória profissional dos entrevistados.

Vendedora de roupas	Feirante	Lanchonete	Comerciante
Vendedor de peças de fogão	Moto táxi	Cargo comissionado na prefeitura	Terceirizado na Eletrobrás
Agricultor	Técnica de enfermagem	Vigilante	Caixa de uma padaria
Operadora de CNC (Controle de Números Computadorizados)	Comerciante de variedades	Vendedor em tabacaria e bomboniere	Contrato na prefeitura

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Dos 25 que disseram ter trabalhado em outra atividade antes, 17 responderam que não possuíam carteira assinada, contra 8 que possuíam carteira assinada. Quanto ao tempo que exerce a atividade atual, 57,70% afirmaram que já estão trabalhando há mais de 10 anos; 7,69% responderam que estão há menos de 1 ano trabalhando na atividade; 15,38% já estão de 5 a 10 anos; 11,54% de 1 a 3 anos e 7,69% de mais de 3 a 5 anos na atividade.

Boa parte dos entrevistados ao responder sobre a motivação para iniciar a atividade, disseram que além do pouco estudo e de terem vindo de outras cidades pequenas e da zona rural, a questão de sobrevivência “falou” mais alto. Dentre as motivações sugeridas aos entrevistados, pôde-se registrar que 23,07% associaram exclusivamente ao desemprego, 19,23% disseram que a motivação foi bem diversificada, de uma oportunidade dada pelo amigo ou continuação do trabalho do pai até a necessidade de obter alguma renda. 7,69% disseram que além da falta de emprego, sempre quiseram abrir o próprio negócio. 42,30% afirmaram que se tratou apenas da vontade de ter o próprio negócio e 7,69% pensaram em complementar a renda.

Dos 26 proprietários, 18 iniciaram sua atividade utilizando recursos próprios, 7 buscaram empréstimos e 1 deu continuidade à atividade que pertencia ao pai. O empréstimo foi obtido com amigos/parentes e/ou Banco.

Foram perguntados se ainda possuíam dívidas resultantes de algum tipo de empréstimo. Dos entrevistados, 12 afirmaram que não possuíam dívidas com empréstimos, 8 admitiram que possuíam e 6 não quiseram informar. Dos 8 que possuem dívidas com empréstimos, 5 são do Banco do Nordeste, 1 do Bradesco e 2 do Banco do Brasil.

Perguntados sobre o valor do empréstimo, 3 responderam ter dívidas de até R\$ 5.000,00, 1 entre mais de R\$ 5.000,00 a R\$ 10.000,00, 1 entre mais de R\$10.000,00 a R\$20.000,00, 2 disseram que a dívida estava no intervalo de mais de R\$ 20.000,00 a R\$ 30.000,00 e 1 mais de R\$ 30.000,00.

Estes dados revelam que há também, em União dos Palmares, um movimento de financeirização<sup>8</sup> do circuito inferior, principalmente com o acesso institucional bancário, como já foi dito por Medeiros:

Embora apresente uma multidão de novos nexos, o território globalizado tende a adotar uma racionalidade única que se concretiza por meio do consumo. Trilhando nesse sentido, um dado novo período é a propensão à difusão geral à adoção de novas formas de consumo, impulsionada por variáveis diversas, e pensadas sob a lógica do capital. Essa nova realidade admite que uma grande parcela da população de rendas menores, antes desprovida de serviços financeiros modernos, passe a usufruir do crédito bancário institucional antes restrito às atividades do circuito superior. (2013, p. 112).

Outro fator marcante é o trabalho intensivo como característica do circuito inferior. Essa questão é evidenciada na lógica de funcionamento, 88,46% relataram que abrem seus estabelecimentos de segunda a sábado, nos dois turnos e quase sempre não fecham para o almoço, sem contar que a grande maioria admitiu abrir o estabelecimento nos feriados. Já 7,69% funcionam de domingo a domingo e 3,84% de domingo a sexta (por serem membros da Igreja Adventista). O horário dos funcionários por vezes não é respeitado e quase nunca pagam horas extras por isso.

Outra discussão importante é sobre a questão da formalização das pequenas atividades, isso se dá devido à confusão que muitas vezes se faz ao tratar o circuito inferior como setor informal da economia. Na verdade o circuito inferior é um subsistema que está dentro de um sistema maior, sistema urbano, que é por sua vez um subsistema do sistema nacional (SANTOS, 2009b). Portanto, o circuito inferior tem que ser tratado como um sistema eminentemente social. É como Milton Santos diz, “Aplicada a uma sociedade, a noção de informalidade ou irracionalidade de um dos dois setores significaria que essa sociedade não opera de formal global” (2009b, p. 68).

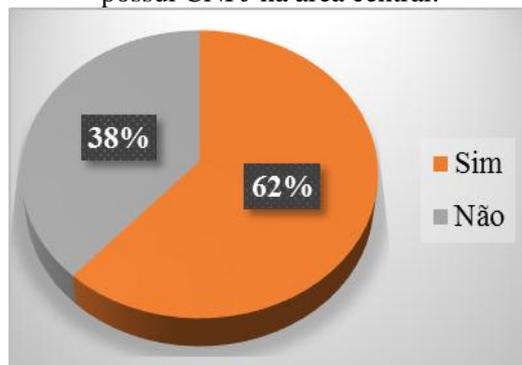
Mas a adoção do termo informal parece ser uma estratégia para conduzir a imaginação de que a economia dos pobres necessariamente precisa ser formalizada, passando a ideia de que a atividade do circuito inferior é uma irracionalidade, porém a atividade dos pobres funciona de acordo com uma lógica, por isso é racional (SANTOS, 2009b).

---

<sup>8</sup> [...] o circuito superior opera em todos os níveis: local, nacional e internacional. [...] a provável função essencial do circuito inferior é difundir o modo capitalista de produção entre a população pobre através do consumo, e absorver para o circuito superior a poupança e a mais valia das unidades familiares por intermédio da máquina financeira, de produção e de consumo. (SANTOS, 2009b, p. 70).

Destarte, durante a pesquisa de campo, procuramos saber sobre o quanto a formalização era presente neste setor da economia palmarina. Está exposto no gráfico 8, que na área central de União dos Palmares, existe um número expressivo de estabelecimentos formalizados, 62% do total.

Gráfico 8 – União dos Palmares – AL: Percentual das atividades pesquisadas do circuito inferior que possui CNPJ na área central.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A fim de promover a regularização jurídica das atividades econômicas, o Governo Federal implantou a Lei Complementar nº 128/2008 que alterou a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa (Lei Complementar nº 123/2006) para criar a figura do MEI (Microempreendedor Individual).

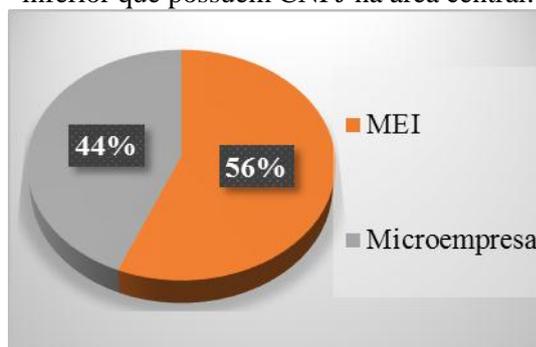
Ao questionar acerca do tipo de formalização, foi verificado que 56% estava enquadrado como MEI<sup>9</sup> e 44% como microempresa. Gráfico 9.

<sup>9</sup> O MEI é o pequeno empresário individual que atende as condições abaixo relacionadas:

- tenha faturamento limitado até R\$ 81.000,00 por ano
- Que não participe como sócio, administrador ou titular de outra empresa;
- Contrate no máximo um empregado;
- Exerça uma das atividades econômicas previstas no Anexo XIII, da Resolução do Comitê Gestor do Simples Nacional de nº 94/2011, o qual relaciona todas as atividades permitidas ao MEI.

Esta lei entrou em vigor 01/07/2009. Informação retirada do portal do empreendedor (<http://www.portaldoempreendedor.gov.br/duvidas-frequentes>)

Gráfico 9 – União dos Palmares – AL: Tipo de formalização das atividades pesquisadas do circuito inferior que possuem CNPJ na área central.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Esta lei criou condições para os chamados “trabalhadores informais” se legalizarem, tornando-se Micro Empreendedor Individual com registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), permitindo-lhes abrir conta bancária jurídica e adquirir empréstimos financeiros. São alocados no “Simples Nacional” e são isentos de tributos, como o Imposto de Renda, Programa de Integração Social (PIS) e Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (COFINS), por exemplo. Ao mesmo tempo que a formalização proporciona seguridade jurídica e social, também compromete uma parte da margem de lucro.

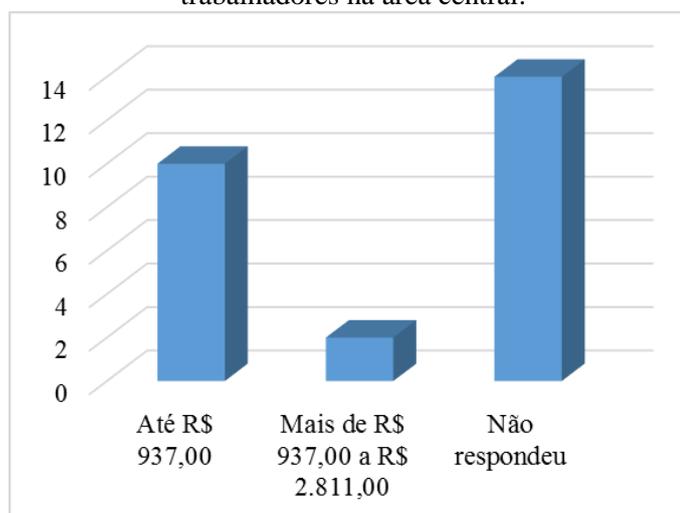
No tocante ao emprego, dos 26 entrevistados, somente 11 admitiram possuir empregados, desses, apenas 3 disseram ter trabalhadores com carteira assinada. Em suma, contabilizamos 25 empregados, sendo apenas 6 deles com carteira assinada. Dos 26 pesquisados, 12 possuem alguém da família como trabalhador, o que reafirma a característica de trabalho familiar do circuito inferior.

Se o circuito inferior oferece à população pobre um grande número de empregos, é graça à soma de possibilidades oferecidas pela multiplicidade de pequenas empresas, em geral familiares ou individuais. Cada unidade de produção, de comércio ou de serviços, entretanto, só pode oferecer um número pequeno de empregos (SANTOS, 2008c, p. 223).

O trabalho familiar é muito presente nas atividades do circuito inferior, o lucro é baixo e não dá para comprometê-lo com pagamentos de salários, o que acarretaria em pagamentos obrigatórios de encargos sociais. Quando os ganhos aumentam, o trabalho familiar diminui, mas não significa que haverá uma maior incorporação do trabalho assalariado, pelo contrário, aumenta o subemprego e os ganhos são definidos por comissões de vendas ou até mesmo por valores irrisórios e injustos.

Logo, “o emprego no circuito inferior é uma realidade difícil de definir pois compreende tanto o trabalho mal remunerado como o trabalho temporário ou instável” (SANTOS, 2008c, p. 203). Como boa parte das pessoas não conseguem investir em capacitação ou qualificação profissional para se inserirem no mercado de trabalho formal e assalariado, passam a ocupar os subempregos, que é flexível e pouco exigente. Observe o gráfico 10.

Gráfico 10 – União dos Palmares – AL: Média de salário pago pelos proprietários aos seus trabalhadores na área central.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Cabe ressaltar que existiu certa dificuldade na obtenção das informações relacionadas à média salarial dos trabalhadores contratados, pois a maioria dos entrevistados, temendo ser algum tipo de fiscalização ou algo que os prejudicasse, preferiu não responder quanto pagava de salário aos seus funcionários.

Dos 12 entrevistados que responderam, 10 disseram não pagar mais de um salário mínimo<sup>10</sup> e apenas 2 afirmaram pagar entre mais de R\$ 937,00 a R\$ 2.811,00. Isso revalida a tendência da má remuneração dos trabalhadores do circuito inferior.

Com relação ao movimento, 15 consideraram médio o fluxo de pedestres e de carros, 5 consideraram baixo e 6 proprietários afirmaram que é alto.

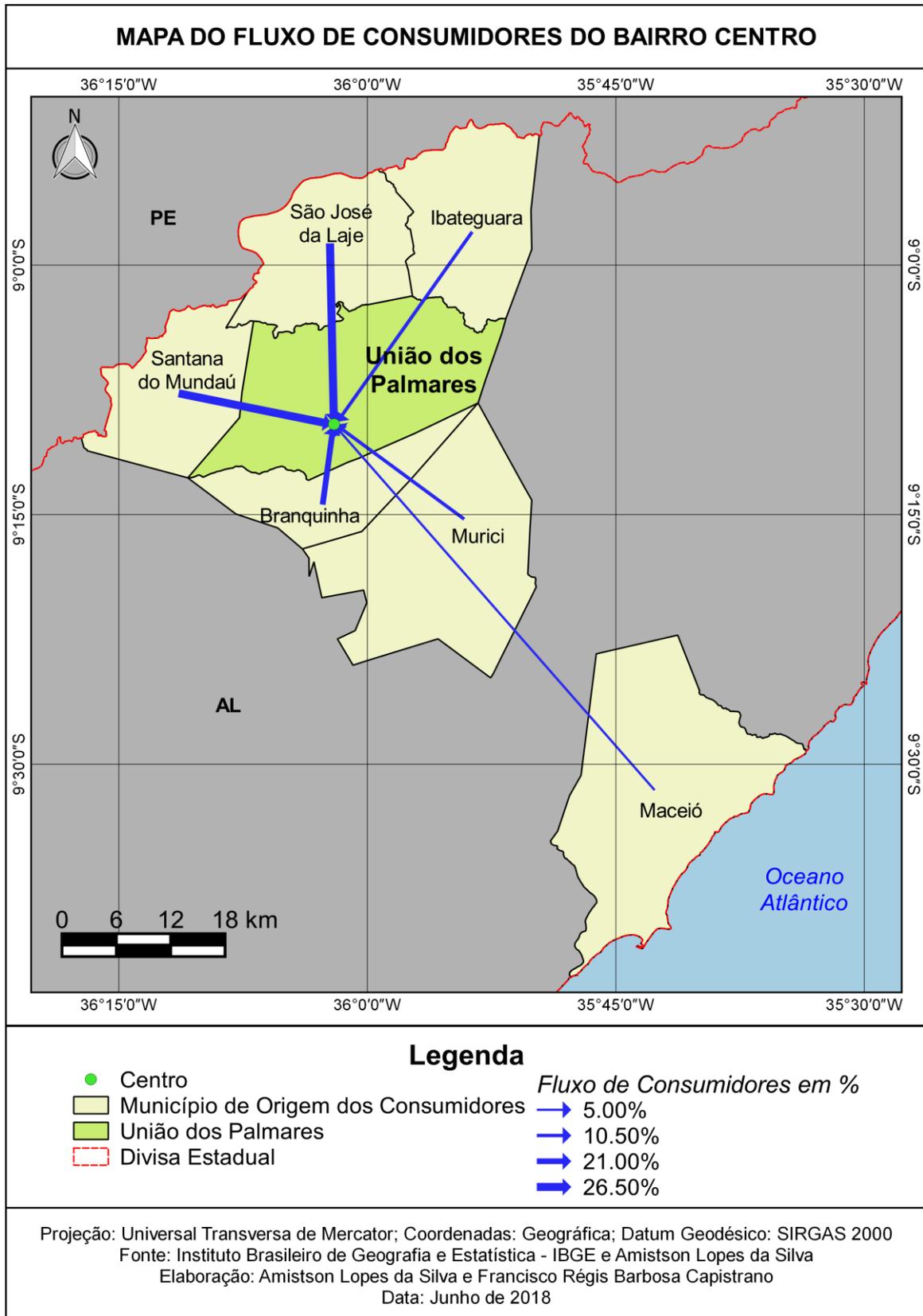
Quanto ao período de maior movimento, 1 proprietário afirmou ser durante todo o mês, 15 disseram que era no início do mês, 5 no final do mês, 1 na metade do mês, 3 no início e no final e 1 no início e metade do mês. A variação referente ao movimento, grosso modo, deve-se aos pagamentos de salários dos funcionários públicos, privados, aposentados e

<sup>10</sup> A referência é do salário mínimo do ano de 2017, quando realizamos a pesquisa.

beneficiários do Programa Bolsa Família. Mas é necessário salientar que no geral, há um equilíbrio nas vendas.

O consumo é também um fator que ajuda a compreender a racionalidade do circuito inferior, pois é um verdadeiro sistema que impõe ao território uma organização horizontal, acomoda a todos, mas principalmente a massa pobre não qualificada. O volume e o tamanho do circuito inferior na área central são maiores do que nas áreas periféricas, sobretudo no alcance e na abrangência do consumo. Até mesmo os pequenos negócios impõem certa influência na rede urbana, no que se refere ao consumo de bens e serviços, como podemos observar no mapa 6.

Mapa 6 – União dos Palmares – AL: Procedência da população que consome no circuito inferior da área central.



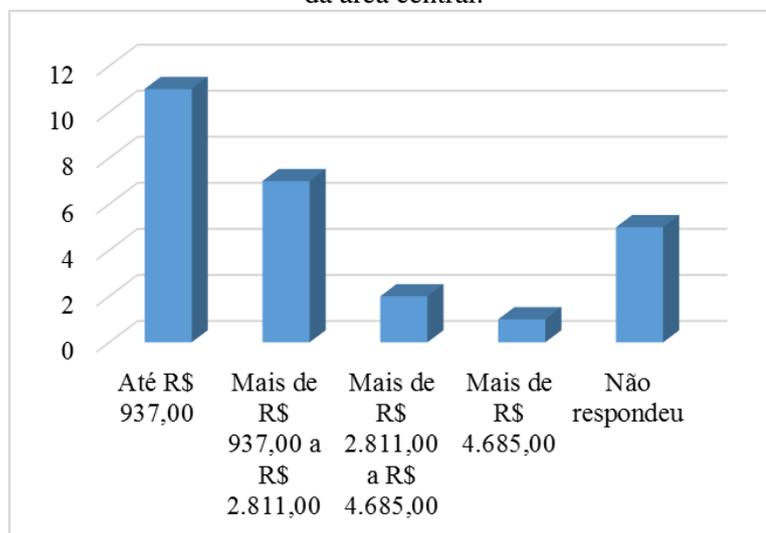
Organização das informações: Amistson Silva.  
 Elaboração Cartográfica: Francisco Capistrano.

A população das cidades vizinhas que mais consome no circuito inferior da área central de União dos Palmares procede, principalmente, dos municípios de Santana do Mundaú, Branquinha e São José da Laje e em menor número de Murici e Maceió.

Com relação às despesas, espontaneamente, boa parte dos entrevistados de imediato reclamaram do valor da conta de água, de energia e do aluguel. Quando perguntados sobre os gastos com os estabelecimentos, todos os 26 disseram que possuem energia elétrica e o valor, em geral, está dentro da variação da taxa de R\$ 20,00 e R\$ 300,00. Somente 3 proprietários possuem telefonia fixa, com taxa entre R\$ 40,00, R\$ 80,00 e R\$ 250,00. 5 não possuem água encanada e os 21 que possuem pagam em média de R\$ 32,00 a R\$ 100,00.

A margem do lucro se mostrou muito baixa, como é típico desse circuito, mas o agravante é que quando perguntado sobre o assunto, logo desconversam, não respondem com exatidão, existe muita desconfiança, principalmente naquelas atividades não formalizadas. Observando o gráfico 11, é possível notar que o índice maior de lucro corresponde até um salário mínimo, depois vem os que ganham na faixa de mais de R\$ 937,00 a R\$ 2.811,00, seguindo vem os que ganham entre mais de R\$ 2.811,00 a R\$ 4.685,00 e apenas um disse ter um lucro mensal de pouco mais de R\$ 4.685,00.

Gráfico 11 – União dos Palmares – AL: Média mensal de lucro dos proprietários do circuito inferior da área central.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O lucro é um problema para manter a atividade, “se em princípio, o lucro é o motor da atividade comercial, nos escalões inferiores do circuito inferior a maior preocupação é, antes de tudo, a sobrevivência” (SANTOS, 2008c, p. 246). De forma voluntária, os entrevistados apontaram o desemprego como um fator preponderante na causa do baixo lucro. Na fala de

alguns, se não fossem os funcionários públicos e os trabalhadores da zona rural, bem como os beneficiários de programas sociais, o problema seria ainda maior.

### 3.4 Avanço das estruturas do circuito superior na área central

Aproveitando a renovação do território, nas principais ruas da área central, os elementos do circuito moderno avançam em União dos Palmares. É nas áreas com mais densidade técnica, com maior infraestrutura, equipamentos técnicos modernos e com boa acessibilidade que os elementos do circuito superior se instalam. União dos Palmares passou por esse processo, tanto de seletividade espacial quanto social, visto que a área central foi desenhada para ser um fator de atração e concentração dos fixos e fluxos da modernidade. Para entender melhor a difusão das lojas e dos serviços modernos na cidade, foi organizado no quadro 6, a evolução da instalação das principais lojas e serviços com características modernas.

Quadro 6 – União dos Palmares – AL: Evolução da instalação das principais lojas e serviços modernos na área central e nas áreas de melhor infraestrutura.

Ano	Loja	Produtos ou serviços
1948	Banco do Brasil	Serviços bancários
1979	Banco do Nordeste	Serviços bancários
1987	COMAPAL	Produtos agropecuários
1996	Lojas Guido	Móveis e eletrodomésticos
2000	Globo Center	Hoje faz parte do Grupo Eliane do Globo: Padaria, Supermercado, Postos de Combustíveis e Concessionária de carros
2003	Insinuante	Móveis e eletrodomésticos
2003	Claro	Telefonia Móvel
2004	Thaís Color	Artigos de fotografias
2005	Veloo Net	Oferta de internet
2007	Eletroshopping	Móveis e eletrodomésticos
2010	MEGA Eletrônica	Equipamentos para sons automotivos e instrumentos musicais.
2011	Vivo	Telefonia Móvel
2011	Bradesco	Serviços Bancários
2011	REAL Distribuidora Alagoana	Comércio Atacadista de Mercadorias em Geral
2012	TodoDia	Supermercado
2012	Fiat MAVEL	Automóveis e veículos
2013	Aliança Motos	Venda e oficina
2014	Farmácia Permanente	Medicamentos e produtos de higiene pessoal
2016	Ricardo Eletro	Móveis e eletrodomésticos
2017	Farmácia Pague Menos	Medicamentos e produtos de higiene pessoal

Fonte: SILVA e SOUSA (2012); Trabalho de campo, 2017; ACADEAL – Associação do Comércio Atacadista e Distribuidor do Estado De Alagoas. Endereço eletrônico: <http://acadeal.com.br>.

Como adverte Maria Laura Silveira (2009, p. 68):

A capilaridade da técnica, da informação e das finanças permite uma expansão social e territorial dos mercados do circuito superior jamais vista, que contribui para evitar tanto a superprodução quanto a capacidade ociosa da indústria, ou ainda o excesso de estoques no comércio, incluindo o problema da obsolescência de certas mercadorias.

Desse modo, é que podemos compreender como uma rede internacional como o TodoDia, do Walmart, busca se instalar em cidades que despontam com maior dinamismo econômico, como União dos Palmares. A lógica do circuito superior também se difunde no conjunto das atividades, ao “introduzir sofisticados instrumentos financeiros”. Lojas Guido, Insinuante, Real Distribuidora Atacadista Alagoana, Ricardo Eletro, Farmácia Permanente, Farmácia Pague Menos possuem uma abrangência regional e representam a capilaridade do circuito superior marginal, pois estreitam relações com o circuito superior e inferior da economia. Por outro lado, algumas atividades comerciais locais crescem e diversificam-se, fazendo uso dos elementos do circuito superior, através, por exemplo, das compras a crédito. Desse modo, a lógica do circuito superior se instala nos lugares.

A venda de bens de consumo banal, como roupas, materiais de construção, móveis e eletrodomésticos a crédito, mas também de seguros pessoais, residenciais e odontológicos, assim como a concessão de empréstimo pessoal, se orientam a satisfazer – e a criar – uma demanda das classes sociais que antes se vinculavam, pela produção ou pelo consumo, ao circuito inferior. Isso sucede, fundamentalmente, em áreas da cidade que, até há pouco tempo, não granjeavam o circuito superior. Tal mercado pode ser caracterizado como uma constelação de indivíduos e famílias de baixa renda que buscam satisfazer necessidades consuntivas e produtivas, em centralidades de alta densidade, e que, graças ao seu importante número, tornam-se um volume total significativo. (SILVEIRA, 2009, p. 68).

A expansão da pequena parcela do circuito superior na cidade foi aumentando a partir dos anos 2000, quando ocorre maior avanço de lojas e serviços com características do circuito moderno. As figuras 11 e 12 são de estabelecimentos localizados na avenida Monsenhor Clóvis Duarte.

Figura 11 – União dos Palmares – AL: Lojas do circuito superior na área central.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 12 – União dos Palmares – AL: Estabelecimento do circuito superior da rede de supermercado varejista e atacadista do grupo Walmart.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Nas figuras 13 e 14 estão os estabelecimentos com características do setor moderno nascidos na própria cidade de União, pertencentes ao Grupo Eliane do Globo, que possui três

postos de combustíveis, duas padarias, uma pequena concessionária de carros novos e seminovos, um dos maiores supermercados da cidade, lojas de cosméticos, vestuários e variedades, uma lanchonete e supermercado atacadista e varejista que atende toda região Serrana dos Quilombos. O Grupo Eliane do Globo é um exemplo de um comércio local que se diversifica, cresce e adota lógicas e elementos do circuito superior.

Figura 13 – União dos Palmares – AL: Estabelecimento do Grupo Eliane do Globo localizado na praça Antenor Mendonça Uchôa no centro da cidade.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 14 – União dos Palmares – AL: Estabelecimento do Grupo Eliane do Globo localizado na BR 104 no lado oposto do bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O setor atacadista é um elemento importante para o circuito inferior da área periférica, por isso, a presença do atacado contribui para a sobrevivência e expansão dos pequenos negócios varejistas, que se pulveriza na periferia da cidade para atender à população que sobrevive com poucos recursos.

Ao realizar a intermediação entre a produção e o varejo sob novas formas organizacionais e tecnológicas, os atacadistas distribuidores contribuem para a produção de novos arranjos territoriais e para a criação de novas redes e fluxos no território nacional que tendem a organizar lugares e regiões em função dessa atividade. Uma nova geografia do consumo dos bens industriais se torna possível. (XAVIER, 2009, p. 187)

A interdependência entre o pequeno varejo e os atacadistas colabora para expansão territorial do consumo moderno (XAVIER, 2009), que abrange toda população, dos que possuem grandes recursos financeiros até os que possuem baixa renda, que mesmo sem ter condições são levados a consumir os bens modernos, dividem em várias parcelas ou até mesmo recorrem a empréstimos bancários ou de agiotas. Nesse sentido, paradoxalmente, aumenta o consumo e a reprodução da pobreza.

De acordo com Milton Santos (2008c, p. 56) “os dois circuitos têm a mesma origem, o mesmo conjunto de causas e são interligados. Contudo, é necessário precisar que, apesar de sua aparente interdependência, o circuito inferior aparece como dependente do circuito superior”. Dessa forma,

[...] a competição entre os dois circuitos pela conquista do mercado e o domínio do espaço é representada pela tendência do circuito superior a unificar totalmente o mercado e do circuito inferior a reclamar uma parte na organização do espaço e a se colocar em concorrência com circuito superior. (p. 359)

Essa dependência é evidenciada no processo de compras das mercadorias ou de insumos para abastecer as atividades. No geral, são abastecidos pelas grandes atividades do circuito superior. Quando não se deslocam até a fonte para realizar as compras, os intermediários levam suas mercadorias até os pequenos proprietários, como está demonstrado no quadro 7.

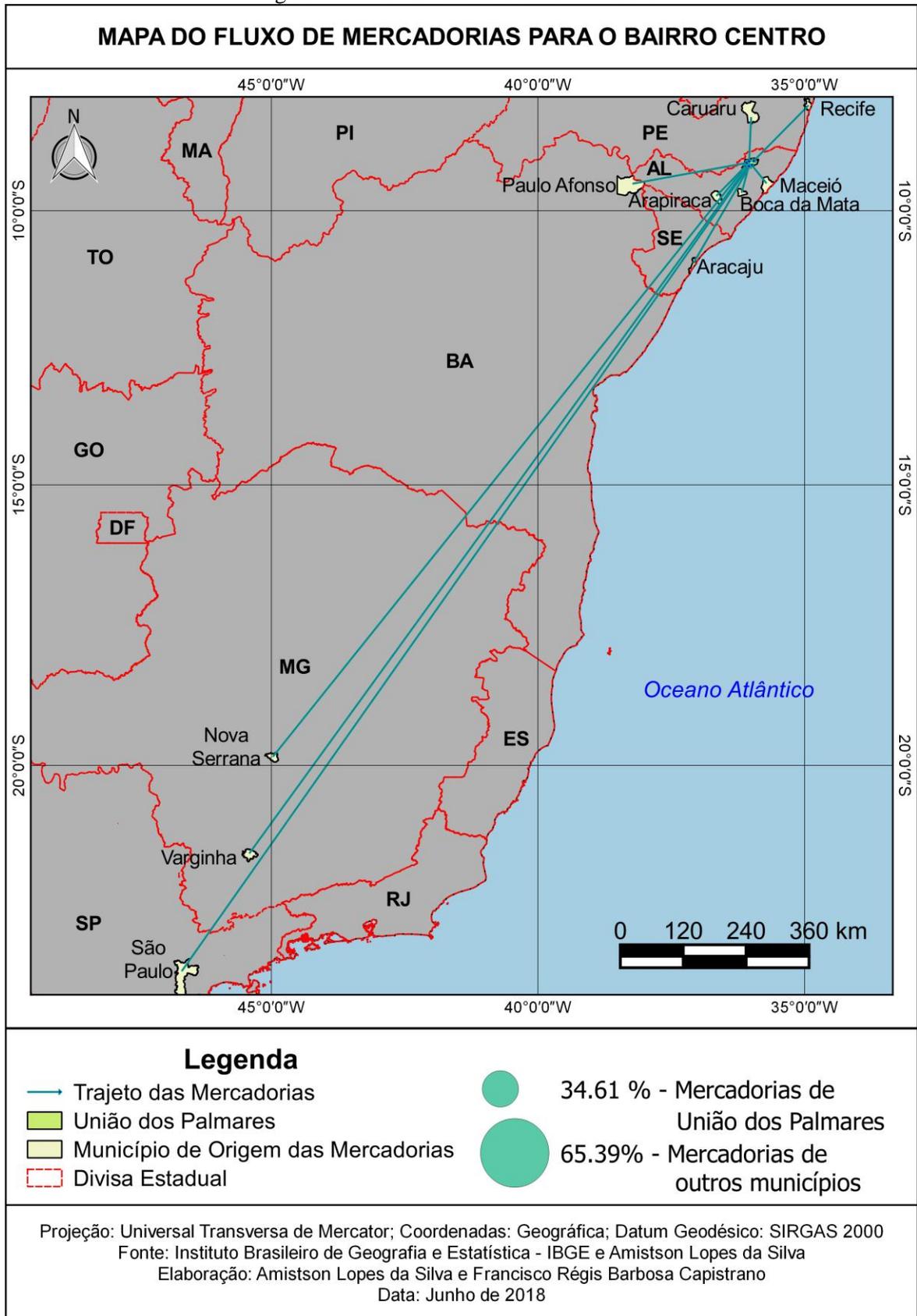
Quadro 7 – União dos Palmares – AL: Compras de mercadorias e/ou insumos para abastecer as atividades do circuito inferior na área central.

<b>As mercadorias e/ou insumos são comprados?</b>		
A intermediários	8	30,77%
O proprietário se desloca para realizar as compras	15	57,69%
A intermediários e o proprietário se desloca para realizar as compras	3	11,54%

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A maior parte dos proprietários se deslocam até as atividades modernas, 57,69%. Por vezes, utilizam as duas formas de abastecimento e somente 30,77% não viajam para realizar as compras, preferem esperar pelos intermediários. É bom lembrar que “quanto mais pobre é o indivíduo, mais ele depende dos intermediários para se abastecer” (SANTOS, 2008c, p. 225). No mapa 7 podemos ver a origem das mercadorias que abastece esse subsistema.

Mapa 7 – União dos Palmares – AL: Procedência dos insumos e produtos comercializados pelos agentes do circuito inferior na área central.



A procedência das mercadorias reafirma a dialética entre os circuitos, há uma ligação de interdependência econômica das etapas de produção, distribuição, comercialização e consumo. As mercadorias chegam praticamente de todo lugar do país, por transportadoras, caminhoneiros autônomos ou pelo serviço dos correios. Na área central, 65,39% das mercadorias são de outros municípios e estados. As mercadorias que têm origem no próprio município são produzidas no campo.

Os agentes costumeiramente não compram grandes volumes de mercadorias, mas por serem muitos, dinamizam a economia como um todo. A periodicidade das compras é bem relativa, pois, 19,23% fazem compras mensais, 34,61% realizam as compras toda semana, 26,92% a cada quinze dias, 3,84% faz diariamente e 15,37% só se reabastecem a cada seis meses.

As compras não são feitas em grandes volumes porque o capital disponibilizado é bem reduzido e seus negócios são de pequeno porte, como consequência acabam estocando pouco, até mesmo em razão de que os locais de estoque são pequenos. Quando falta espaço para guardar as mercadorias muitos passam a usar as próprias residências como estoque.

Por isso investigamos o grau de satisfação dos agentes sobre o estoque e contraditoriamente, 16 consideraram que seus estoques eram suficientes, mas diferentemente dos grandes comércios do circuito inferior, existentes no centro da cidade<sup>11</sup>, a satisfação com o estoque se deve ao baixo movimento, a demanda é baixa e por isso a renovação das mercadorias só acontece quando há necessidade. Outra questão a ser pontuada diz respeito aos alimentos perecíveis, que são renovados mais frequentemente, mas não em grande número. Os motivos são variados, dentre eles, os destaques são: baixo capital, por isso só compram o suficiente para atender a demanda; o movimento não é tão expressivo por isso não conseguem trabalhar com reservas.

Na prática, pôde-se perceber que tanto os que consideraram o estoque suficiente quanto os que consideraram insuficiente, na verdade, justificaram uma das características principais do circuito inferior, que é a ausência ou a inexpressiva existência de estoque de mercadorias.

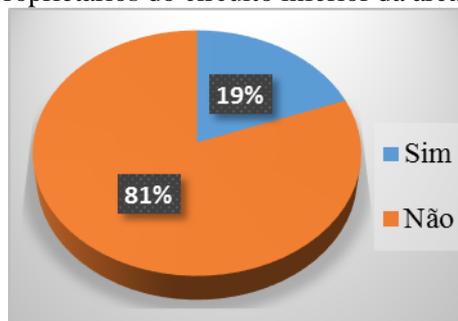
No que se refere às formas de pagamento utilizadas pelos proprietários para realizar as compras de mercadorias e/ou insumos: 2 utilizam cheques e boletos bancários; 2 disseram que usam somente o boleto bancário; 14 somente dinheiro e 8 afirmaram que usam além do dinheiro o boleto bancário, cheque, cartão e nota promissória.

---

<sup>11</sup> Cabe ressaltar que as entrevistas, em suma, foram realizadas junto aos pequenos estabelecimentos, um ou outro que era de porte maior.

Quando questionados se pagavam em dia suas mercadorias, apenas 19% relataram que atrasam os pagamentos. Gráfico 12.

Gráfico 12 – União dos Palmares – AL: Com relação a atrasos nos pagamentos das compras realizadas pelos proprietários do circuito inferior da área central.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Os proprietários que têm dificuldades para pagar na data certa, as mercadorias e ou insumos, acusam a falta de recurso. O lucro é muito baixo devido à baixa procura, conseqüentemente provoca mais despesas do que receita, principalmente por causa da venda que é baixa.

Com relação às formas de pagamento oferecidas a clientela, o dinheiro é o mais exigido, mas também existe uma pequena parte que disponibiliza o cartão de crédito/débito, como mostra o quadro 8.

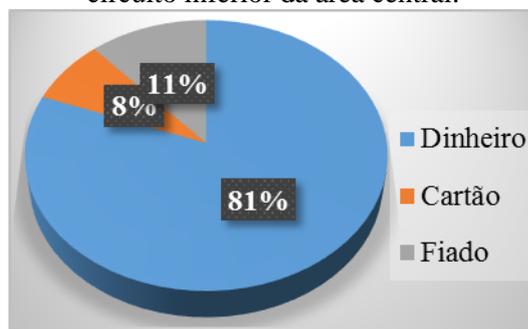
Quadro 8 – União dos Palmares – AL: Quanto as formas de pagamento disponibilizadas aos consumidores do circuito inferior na área central.

<b>Formas de pagamento disponibilizadas aos consumidores</b>		
Dinheiro	26	100%
Cartão	4	15,39%
Fiado	13	50%

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A forma principal de pagamento utilizada pelos clientes é o dinheiro, como está posto no gráfico 13, o percentual é de 81%. Isso ocorre em razão de que o circuito inferior tem uma enorme “fome” pelo dinheiro líquido. [...] “O dinheiro líquido funciona como primeiro pagamento para obter o crédito e depois como prestação para conservá-lo. Ele age como um “lubrificante” nas engrenagens do circuito inferior” (GEERTZ, 1963, p. 39 APUD SANTOS, 2008c, pp. 232-233).

Gráfico 13 – União dos Palmares – AL: Forma principal de pagamento usada pelos consumidores do circuito inferior da área central.

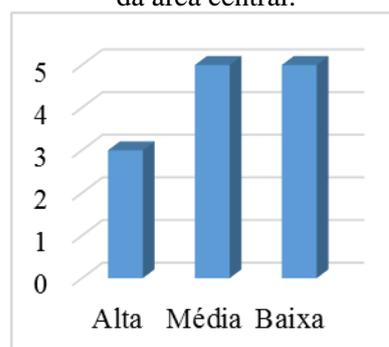


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Somente um proprietário afirmou ter despesa com o aluguel da maquina e os demais disseram que não pagavam aluguel em razão de que a maquina era quitada, mas pagam o percentual da financeira responsável pela transação.

Ainda é comum a existência do fiado, e a forma de controle é bem variada, no centro foi constatado que uma parte não utiliza nenhum mecanismo de controle, e quando controlam, usam a nota promissória ou a caderneta. Desta feita, a inadimplência é inevitável. O gráfico 14, ilustra bem isso, principalmente quando somamos os índices dos que responderam que a inadimplência era alta e média.

Gráfico 14 – União dos Palmares – AL: Nível de inadimplência dos consumidores do circuito inferior da área central.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A inadimplência é atribuída, pelos agentes das pequenas atividades, ao critério utilizado para selecionar quem pode ou não comprar usando o fiado. A maioria diz que o principal critério é a amizade, ou seja, tem que ser conhecido. A condição financeira do cliente é também um fator importante, é o caso das pessoas que possuem vínculo empregatício, dos aposentados/pensionistas e beneficiados dos programas de transferência de renda do Governo Federal.

## **4 DINÂMICA ATUAL DO CIRCUITO INFERIOR NAS ÁREAS PERIFÉRICAS**

### **4.1 Meio ambiente construído e os dois circuitos da economia urbana no bairro Roberto Correia de Araújo**

#### 4.1.1 A dinâmica do circuito inferior nos bairros periféricos de União dos Palmares

O Roberto Correia de Araújo é um dos maiores bairros da cidade de União dos Palmares, possui uma população estimada em pouco mais de 10.000 habitantes (SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2017). A maioria da população consome produtos e serviços do próprio bairro, já que existe uma grande diversidade de atividades econômicas, ficando atrás somente do centro da cidade. O Roberto Correia de Araújo possui um centro comercial forte, localizado nas ruas Lindolfo Gomes Cabral e José Hortêncio de Souza. São supermercados que vendem no varejo e no atacado; lojas de materiais de construção, variedades, vestuários e calçados; mercadinhos; quitandas de produtos perecíveis; e postos de combustíveis.

A dinâmica econômica da localidade foi ampliada a partir da instalação de uma Casa Lotérica, em 2011, que segundo Silva (2015), nas datas de pagamento aos beneficiados do Programa Bolsa Família, várias mulheres vão ao bairro e quando recebem, gastam parte dos recursos nos estabelecimentos próximos. Como a quantidade de beneficiários em União é expressiva, contempla aproximadamente 38,85% da população, as duas Casas Lotéricas do centro da cidade não conseguem atender a demanda em tempo hábil, então boa parte segue para o Roberto Correia de Araújo. Quando falta dinheiro nas casas lotéricas dos municípios em que residem, muitas famílias dos municípios vizinhos também se dirigem ao bairro para receber o benefício. Na tabela 10, podemos observar que o número de famílias que recebem o benefício na região Serrana dos Quilombos é bem significativo, representa 4,70% de todo Estado de Alagoas, segundo a Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação (SAGI) do Ministério do Desenvolvimento Social, no mês de maio de 2018.

Tabela 10 – Alagoas: Número de famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família (PBF) no mês de maio de 2018 no município de União dos Palmares e nas cidades vizinhas.

Municípios	Nº de famílias beneficiadas pelo PBF	% da população beneficiada
Branquinha	1.973	49,49%
Ibateguara	2.356	41,97%
Santana do Mundaú	1.770	40,76%
São José da Laje	3.520	39,91%
União dos Palmares	9.481	38,85%

Fonte: Brasil, 2018.

Organização: Amistson Silva, 2018.

Os supermercados Eldorado e Robertão (figuras 15 e 16), são estabelecimentos comerciais que exemplificam a racionalidade que se impõe ao território como elementos com mais características mais modernas que são ligadas a própria difusão do meio técnico-científico-informacional.

Figura 15 – União dos Palmares – AL: Estabelecimento localizado na rua Lindolfo Gomes Cabral no centro do bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 16 – União dos Palmares – AL: Estabelecimento localizado na rua José Hortêncio de Souza no centro do bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Ambos possuem boa organização, usam tecnologia na parte administrativa, disponibilizam pagamentos por cartão de crédito. O supermercado Eldorado além do varejo também funciona como distribuidor de mercadorias para a região, segundo seu proprietário.

Na figura 16 podemos perceber que ao lado do supermercado está a Casa Lotérica, que desempenha importante papel para a economia do bairro, por ser um objeto ativo do sistema urbano na área periférica, tanto que segundo Silva (2015), 57,04% da clientela do bairro recebe o Bolsa Família.

A figura 17 é de um dos dois postos de combustíveis, que contribui para o intenso fluxo de carros e motos do bairro.

Figura 17 – União dos Palmares – AL: Elemento do circuito moderno localizado na Avenida João Lyra Filho no bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Há uma seletividade espacial e social latente no bairro, uma vez que os locais mais estruturados, com asfalto, saneamento básico e sistema de drenagem são ocupados por atividades mais estruturadas.

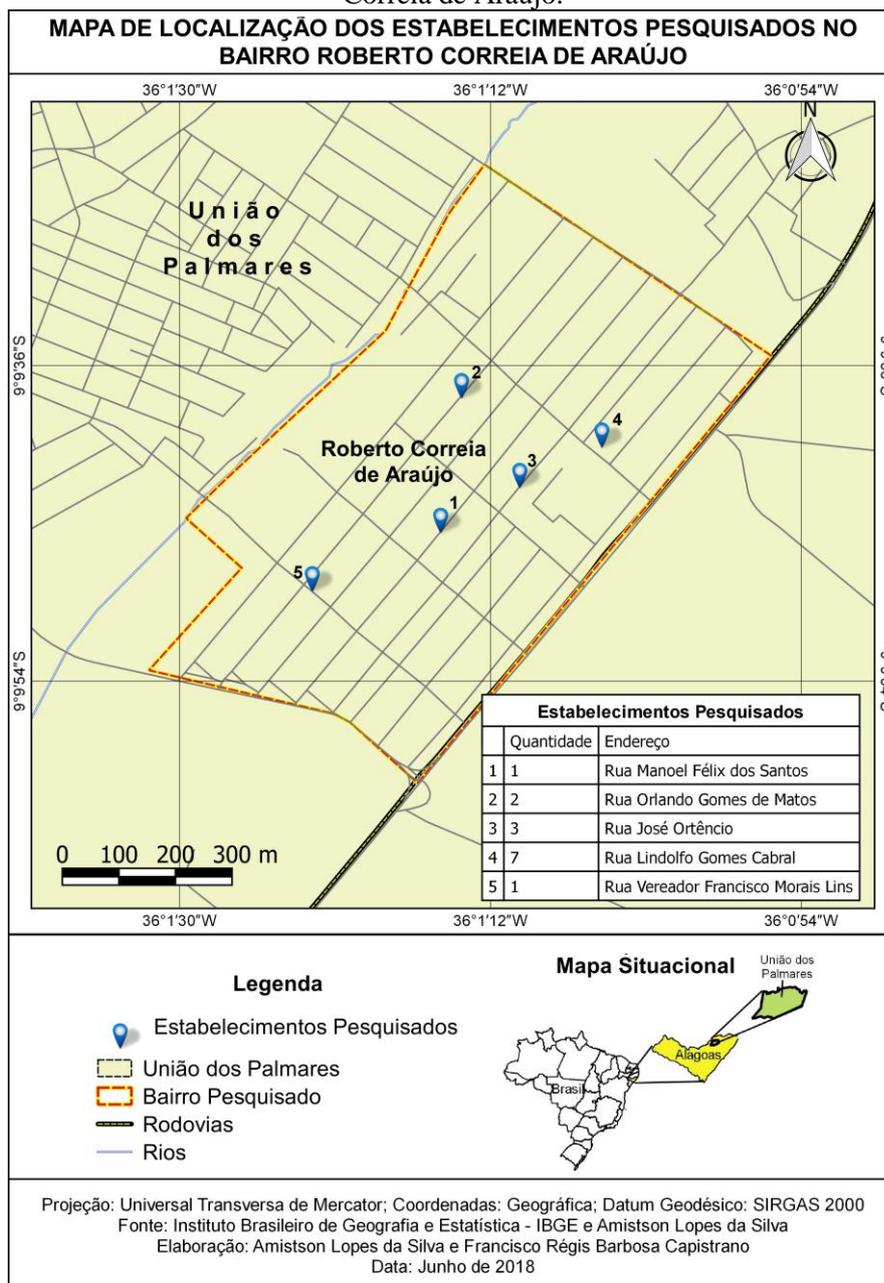
#### 4.1.2 Meio ambiente construído deteriorado como abrigo para o circuito inferior da economia urbana.

Durante o processo de urbanização, a cidade de União foi conformada espacialmente de forma diferenciada, uma área central mais estruturada e uma área periférica mais densa e caótica, porém articulada. Como grande parte das cidades brasileiras, União dos Palmares possui um espaço urbano bastante fragmentado e articulado, cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que com intensidade muito variável (CORRÊA, 1995).

O Roberto Correia de Araújo é um bairro periférico de contrastes marcantes, em sua infraestrutura, boa parte de suas ruas não são pavimentadas, não possuem sistema de drenagem adequado e a parte baixa, nas margens do rio Canabrava, sofre com inundações sempre que chove forte. A população, no geral, não possui grande poder de consumo e o pequeno comércio é bem variado.

Os estabelecimentos comerciais estão localizados nas principais ruas do bairro, principalmente nas ruas que apresentam melhores condições de infraestrutura. No mapa 8 podemos apreciar as ruas principais do bairro onde estão localizados os pequenos negócios investigados.

Mapa 8 – União dos Palmares – AL: Localização das atividades pesquisadas no bairro Roberto Correia de Araújo.



Organização das informações: Amistson Silva.  
Elaboração Cartográfica: Francisco Capistrano.

Somente as ruas José Hortêncio e a Lindolfo Gomes Cabral são asfaltadas e possuem sistema de drenagem. Uma parte das ruas é pavimentada e têm sistema de drenagem enquanto a maioria ainda não é pavimentada e algumas delas têm esgoto a céu aberto (ver figuras 18 e 19). Conseqüentemente, as lojas mais bem estruturadas e organizadas estão nas melhores ruas.

Figura 18 – União dos Palmares – AL: Trecho da rua José Hortêncio de Souza no centro do bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 19 – União dos Palmares – AL: Atividade do circuito inferior no meio ambiente construído degradado do bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No quadro 9 estão os ramos de atividades que foram pesquisados. No trabalho de campo foi possível verificar que o circuito inferior possui um grande conjunto de atividades, identificamos, rua por rua, pouco mais de 250 estabelecimentos de pequeno porte. Claro que algumas atividades não foram percebidas, uma vez que o circuito inferior é dinâmico, criativo e com rara organização. Existem atividades que funcionam nas próprias residências e muitas vezes não tem identificação nas fachadas. Existe pelo menos uma por rua, porém, três ruas concentram a maior parte, a rua Lindolfo Gomes Cabral, José Hortêncio de Souza e a rua Vereador Francisco Morais Lins. Essas ruas são as principais vias internas do bairro, que dá acesso ao centro da cidade e que apresentam as melhores condições de infraestrutura, pelo menos nos maiores trechos.

Quadro 9 – União dos Palmares – AL: Ramos de atividades pesquisados no bairro Roberto Correia de Araújo.

<b>Ramos de atividades do bairro Roberto Correia de Araújo</b>		
<b>Fabricação</b>	<b>Comércio</b>	<b>Serviços</b>
1 Marcenaria	2 Mercadinhos	1 Salão de beleza
	2 Variedades	1 Cabeleireiro
	1 Avícola e quitanda	
	2 Lanchonetes	
	3 Lojas de roupas	
	1 Mercearia	
	1 Barraca de frutas	
	1 Quitanda	

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Essa amostra de 16 estabelecimentos distribuídas por setor, no quadro 9 acima, aponta que o maior destaque do comércio do bairro é para o setor de comércio varejista, depois o setor de serviços e por fim o de fabricação, que é muito raro. A marcenaria é muito simples, numa estrutura aparentemente desgastada. O dono produz portas, portões, janelas, grades para muro e até mesmo brinquedos e móveis, depende do que o cliente solicitar. A fabricação é por encomenda e o alcance ultrapassa o bairro, o proprietário disse que a maioria dos clientes são de outros bairros e esporadicamente de outras cidades, principalmente de Murici.

O setor de serviços tem uma abrangência mais local, e os poucos que são de outros bairros utilizam o serviço por causa da amizade que tem com o pequeno empresário.

O perfil dos proprietários é bem diversificado, não tem um padrão rígido, mas sim bem flexível. A participação da mulher é significativa, dos 16 proprietários entrevistados, 12 eram mulheres. Uma das proprietárias, de forma espontânea, afirmou que a renda dependia muito da atividade, posto que o marido é pedreiro autônomo e nem sempre aparece serviço,

quando consegue é por pouco tempo e o dinheiro ganho mal dá para pagar as contas pendentes.

Outra questão importante é o grau de escolaridade, 18,75% disseram não ter nenhuma escolaridade, 25% fundamental incompleto, 18,75% tem o ensino fundamental completo e apenas 6,25% possuem o ensino superior completo. Esses dados nos faz refletir acerca da necessidade imediata de sobrevivência da parcela mais pobre da sociedade, típico do circuito inferior da economia urbana.

Todos disseram que moravam em União dos Palmares, 14 no próprio bairro e 2 no bairro Nova Esperança. Esses dois viviam no bairro Roberto Correia de Araújo, mas por serem vítimas da enchente de 2010 foram contemplados com uma casa no bairro Nova Esperança (PROGRAMA DA RECONSTRUÇÃO DO GOVERNO ESTADUAL, 2010), mas continuaram utilizando o espaço do imóvel, depois de reformado, com o pequeno negócio.

Quando perguntados sobre a situação do domicílio, 81,25% afirmaram que suas residências eram próprias ou quitadas, 12,5% moram em domicílios cedidos por algum parente ou amigo e 6,25% moram de aluguel.

O valor do solo urbano no bairro Roberto Correia de Araújo, evidentemente é menor que o da área central, enquanto os valores dos aluguéis no centro vão de R\$ 101,00 a R\$ 900,00, no Robertão<sup>12</sup> os valores partem de R\$ 101,00 e chegam no máximo a R\$ 400,00. Cabe ressaltar que esses valores correspondem ao interior do bairro, já que na parte externa, a oeste, está a principal via de entrada da cidade, a Avenida João Lyra Filho, que possui os estabelecimentos maiores e um pouco mais estruturados.

Como 68,75% das atividades investigadas funcionam nas próprias residências dos agentes, somente 18,75% se deslocam a pé ao trabalho e apenas 12,5%, por morarem no bairro Nova Esperança, usam moto própria e/ou o serviço de mototaxistas<sup>13</sup>.

Ao perguntar sobre os bens de consumo que os agentes possuíam em casa, a análise das respostas nos levou a corroborar com Montenegro (2011), quando aponta que o consumo juntamente com a técnica, a informação e as finanças são as variáveis-chave do período atual. Nesse sentido, os agentes têm acesso à informação, visto que, todos possuem TV, rádio e usam internet pelo celular (utilizando os dados móveis) ou mesmo pela rede instalada em casa. Os proprietários são também o elo da dialética dos dois circuitos da economia urbana,

---

<sup>12</sup> O bairro Roberto Correia de Araújo da cidade de União dos Palmares é conhecido popularmente como Robertão devido à grande dimensão do bairro.

<sup>13</sup> Segundo a Associação dos Mototaxistas de União dos Palmares há 200 mototaxistas associados.

pois são consumidores de produtos oriundos do circuito moderno. Enumeramos alguns desses bens de consumo no quadro abaixo.

Quadro 10 – União dos Palmares – AL: Bens de consumo dos proprietários entrevistados no bairro Roberto Correia de Araújo.

<b>Produtos oriundos do circuito superior</b>				
<b>TVs e áudio</b>	<b>Eletrodomésticos</b>	<b>Informática</b>	<b>Telefonia</b>	<b>Veículos</b>
Smart TV	Geladeira	Notebook	Smartphone	Carro
Micro system	Máquina de lavar	Desktop		Moto
Home theater	Micro-ondas			Bicicleta
TV a cabo	Freezer			
Netflix				

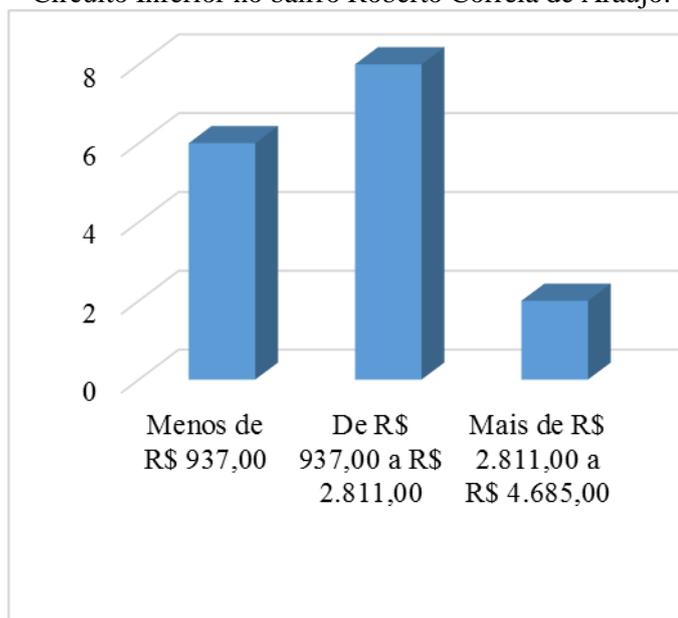
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O poder de consumo dos proprietários é bem variável, depende muito da renda, por isso o número de proprietários que disseram possuir todos ou quase todos os produtos do quadro 10 representa 37,5% do total. Em 2010, o IBGE já mostrava considerável aumento do consumo desses bens, por exemplo, 84,3% da população palmarina possuía geladeira, 72,15% tinham rádio, 92,8% tinham televisão, 10,9% possuíam máquina de lavar e 15,2%, computador.

Ocorre uma “natural” seletividade socioeconômica do consumo, principalmente quando comparamos com o poder de consumo dos entrevistados na área central, uma vez que nesta área 61,54% afirmaram possuir todos os itens elencados acima, incluindo o ar-condicionado.

Outro fator é a renda, que contribui para esse consumo seletivo, como podemos observar no gráfico 15 abaixo.

Gráfico 15 – União dos Palmares – AL: Renda familiar dos proprietários de estabelecimentos do Circuito Inferior no bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

É claro e evidente que obter dados precisos neste tipo de questionamento não é uma tarefa fácil, muitas vezes é necessário confiar na informação dada pelo entrevistado, isso pode incorrer no erro já que as respostas são bem genéricas e imprecisas, daí a necessidade de estimular a resposta com intervalos de renda. Dessa maneira, pode-se fazer a análise. O resultado exposto no gráfico 15 sobre a renda familiar, reafirma o baixo poder de capital que os agentes do circuito inferior possuem.

A dificuldade de consumir, portanto existe, ainda mais quando 43,75% dos entrevistados disseram que eram os únicos responsáveis pela renda da família e 37,5% disseram possuir a ajuda de outra pessoa da família. Na tabela 11, ainda é possível observar que há mais pessoas engajadas com a obtenção da renda familiar.

Tabela 11 – União dos Palmares – AL: Número de pessoas que contribuem para a obtenção da renda familiar dos pesquisados no bairro Roberto Correia de Araújo.

Número de pessoas	Quantidade de entrevistados	%
1	7	43,75%
2	6	37,50%
4	2	12,50%
5	1	6,25%

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Cabe destacar um relato complementar: “se não fosse minha esposa e minhas duas filhas, a renda tirada daqui mal daria pra comer” (depoimento do entrevistado 11). Essa frase mostra a importância das atividades do circuito inferior para a sobrevivência das famílias.

O circuito inferior, enquanto sistema urbano, se configura como um verdadeiro modo de resistência dos mais pobres, que fazem do cotidiano um campo de luta pela sobrevivência. O dinamismo desse subsistema foi verificado quando investigamos a trajetória profissional. No bairro, foi constatada expressiva variedade de ocupações exercidas anteriormente pelos proprietários: cortador de cana; vendedor; gerente de hotel; dono de uma pequena lanchonete; auxiliar administrativo; feirante; revendedora Avon; marceneiro; trabalhou na irrigação para o plantio de cana da Usina Laginha quando funcionava; lavador de carros e motos; trabalhou numa fábrica de biscoitos em São Paulo; doméstica.

Dos 81,25% que relataram já ter trabalhado antes, 53,85% não tinham carteira assinada enquanto 46,15% possuíam. Quanto ao tempo que os proprietários estão trabalhando com a atividade atual, 18,75% estavam há mais de 10 anos, 31,25% entre 3 e 5 anos, 25% de mais de 5 a 10 anos, 18,75% responderam que começaram há menos de 1 ano e apenas 6,25% de mais de 1 a 3 anos. Essa resistência para sobreviver, característica do circuito não moderno, se dá por meio do trabalho intensivo, que condiciona o ser humano a viver muitas vezes sem a proteção do Estado, são “invisíveis” (ARROYO, 2008).

Analisando a trajetória das atividades, é possível entender um pouco mais sobre as estratégias de sobrevivência desses trabalhadores pobres. Quando perguntados sobre o porquê de ter começado a atividade, a questão do desemprego foi a mais forte, seguida pela vontade de ter o próprio negócio, e apenas um respondeu que começou para complementar a renda.

Como já mencionamos, o trabalho intensivo é uma característica do circuito inferior. Nesse sentido, no bairro Robertão, constatamos que 37,5% abrem seus estabelecimentos de segunda a sábado, enquanto 62,5% abrem para funcionamento de domingo a domingo<sup>14</sup>, a mesma lógica adotada pelo circuito inferior central, como observamos no capítulo 3. De forma espontânea, alguns dos entrevistados relataram que mesmo quando o estabelecimento está fechado, muitas vezes há atendimento, principalmente quando o estabelecimento é ao mesmo tempo residência. Isso se deve a relação de confiança e amizade entre os clientes e os pequenos comerciantes.

---

<sup>14</sup> A maioria dos estabelecimentos funciona neste período devido a feira-livre que ocorre todo domingo no bairro Robertão, na rua principal Lindolfo G. Cabral, atendendo tanto a população do próprio bairro quanto de outros bairros e da zona rural. Cabe salientar que na área central, essa feira ocorre na segunda-feira, quarta-feira, sexta-feira e no sábado.

Com relação ao recurso utilizado para iniciar a atividade, 75% disseram que foi com recursos próprios, 18,75% obtiveram por meio de empréstimos bancários e apenas 6,25% receberam o pequeno negócio como herança de algum parente.

Com relação à financeirização, metade dos proprietários afirmaram que atualmente possuem dívidas referentes a empréstimos bancários. Desses, 87,5% são empréstimos concedidos pelo Banco do Nordeste (BNB) e 12,5% pela Caixa Econômica Federal (CEF). O valor do empréstimo variou entre R\$ 5.000,00 e R\$ 30.000,00. Os empréstimos são exemplos da introdução do circuito superior.

Podemos dizer que, hoje, o circuito superior reconhece a importância de desburocratizar o crédito, para estender suas oportunidades de lucro e, assim, os requisitos exigidos são mínimos. Todavia o custo desse crédito é extremamente alto, com taxas de juros que oscilam entre 5% e 13% ao mês. Constituído por baixo capital fixo, o circuito inferior é amiúde impingido a aumentar seu capital de giro, por meio de um crédito dessa natureza, ainda mais porque muitos desses atores trabalham como pessoa física e não como pessoa jurídica (SILVEIRA, 2009, p. 69).

A maior expressão do BNB se dá pelo fato de que a maioria dos empréstimos concedidos é por meio do Programa Crediamigo<sup>15</sup>, de acordo com relatos de alguns proprietários. Trata-se de um programa financeiro bem flexível, é um programa de microcrédito que oferece aos empreendedores fácil acesso ao crédito bancário, tanto do setor informal quanto do setor formal da economia. É disponibilizado acompanhamento e orientações técnicas para que os agentes possam aplicar corretamente o dinheiro. O valor do empréstimo é definido de acordo com o produto requerido. No entanto, como observa María Laura Silveira (2009), os microcréditos cobram juros elevados.

Esponaneamente, um dos entrevistados afirmou utilizar o produto Giro Popular Solidário (Finalidade: recursos para aquisição de matéria prima/mercadorias e pequenos equipamentos), que possui as seguintes características: Empréstimos de R\$ 100,00 até R\$ 2.000,00 com taxa de juros de 1,62% ao mês, mais Taxa de Abertura de Crédito (TAC) de até 3% sobre o valor liberado, com prazo de 4 a 12 meses para quitação; Os pagamentos são fixos e mensais; Admite-se que até 20% dos integrantes do grupo solidário estejam iniciando atividades produtivas, enquanto que os demais deverão ter, no mínimo, 06 meses de atividade

---

<sup>15</sup> Os clientes do Crediamigo são pessoas que trabalham por conta própria, empreendedores individuais ou reunidos em grupos solidários, que atuam nos setores informal ou formal da economia. O Crediamigo também facilita o acesso ao crédito às pessoas de perfil empreendedor, que tenham interesse em iniciar uma atividade produtiva, através dos bancos comunitários (Informação retirada do site do Banco do Nordeste do Brasil <https://www..bnb.gov.br/publico-alvo>). Acesso em 04 de fevereiro de 2018.

em funcionamento; Para conseguir o empréstimo, é necessário uma garantia, que consiste na formação do grupo solidário de 3 a 10 pessoas, as pessoas serão avalistas uma das outras ou seja, avalistas solidários. Os valores iniciam em R\$ 100,00 e podem chegar, quando renovados, até R\$ 15.000,00 dependendo do produto e do crescimento e desenvolvimento da atividade (BNB, 2018). Seriam formas de “fugir” dos empréstimos com alta carga de juros.

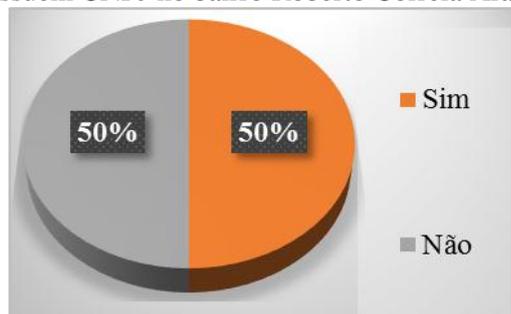
Esse tipo de crédito bancário se impõe como alternativa para a sobrevivência das atividades do circuito inferior, já que, como os agentes não conseguem empréstimos maiores com os bancos, por falta de garantia, acabam adquirindo esses pequenos valores por meio da formação de grupos solidários. Daí mais uma grande diferença entre o circuito moderno e o circuito inferior, enquanto o primeiro possui linhas de crédito para estimular a produção o segundo possui na origem do crédito a necessidade de consumir e de vender seus produtos (SANTOS, 2008c). Porém, o endividamento é uma implicação recorrente e evidente, já que

“há, efetivamente, um desequilíbrio flagrante entre a massa monetária à disposição do circuito inferior e a massa de usuários. Resulta disso uma dupla tendência: de um lado, o recurso ao crédito torna-se indispensável e, de outro, a aceleração da circulação fiduciária torna-se um corolário da carência em liquidez” (SANTOS, 2008c, p. 231)

Por outro lado, estas novas racionalidades instaladas recentemente no território, aumentam profundamente tanto o alcance territorial da ação das instituições financeiras como o poder delas de comandar os demais conteúdos e ações presentes no território brasileiro. Os tempos locais e regionais são cada vez mais substituídos pelos tempos nacionais ou globais, visto que as famílias e os indivíduos são capturados pela creditização do território, o que leva a alteração do ritmo de reprodução de vida, sobretudo da geografia urbana do país (CONTEL, 2006).

Nas estatísticas oficiais, como do IBGE, Sebrae, entre outros, existe uma classificação relacionada ao setor formal. Cabe ressaltar que é muito importante os critérios estatísticos na produção de dados pelas instituições de pesquisa, mas para investigar a dinâmica e o comportamento do circuito inferior, os dados estatísticos não são suficientes, por causa das características que definem esse circuito, e por isso as estatísticas institucionais não abrangem a totalidade e a diversidade das atividades. No gráfico 16, podemos constatar que há de certo modo, no bairro Robertão, importante número de atividades formalizadas.

Gráfico 16 – União dos Palmares – AL: Percentual das atividades pesquisadas do circuito inferior que possuem CNPJ no bairro Roberto Correia Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

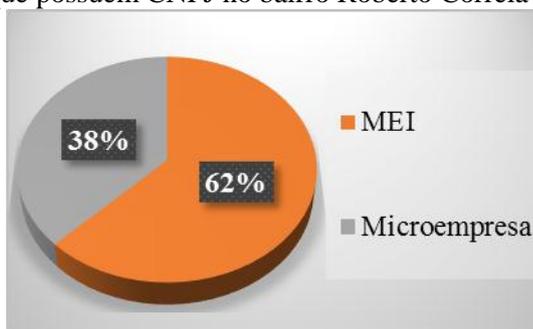
Alguns entrevistados dos estabelecimentos formalizados, disseram que buscaram a formalização pelo temor de sofrer sanções oriundas de fiscalização ou alguma restrição por parte do poder público, por estarem usando o território de forma ilegal.

A designação informal, dada ao circuito inferior, poderia ser significativa se fosse efetivamente associada à noção de racionalidade. Seria então possível considerar o assim chamado setor informal como destinado a desaparecer e dar lugar a uma nova ordem, onde toda a economia seria “formalizada”, isto é, totalmente sujeita às leis do capitalismo tecnológico, que é a forma atual do capitalismo em fase internacional (SANTOS, 2009b, p. 69).

A racionalização dos setores da economia vem se notabilizando como uma característica das ações econômicas como política de Estado. São criados mecanismos para facilitar a captura por parte do poder público dos mais simples empreendedores. Como ilustração, tem-se o alvará municipal para permitir o funcionamento, depois as tipologias de micro e/ou pequenos negócios. Destarte, é necessário considerar a importância do circuito inferior na sustentação da máquina pública e do sistema capitalista. Na prática paga-se mais impostos e em contrapartida recebe-se menos benefícios.

No bairro Robertão foi verificado dois tipos de formalização, o Microempreendedor Individual (MEI) e a microempresa. Do total de atividades formalizadas, a grande maioria, 62% dos pequenos negócios eram do tipo Microempreendedor Individual (MEI), enquanto 38% eram Microempresa, como podemos ver no gráfico 17. Isso repercute o baixo grau de capital que dispõem os agentes do circuito inferior.

Gráfico 17 – União dos Palmares – AL: Tipo de formalização das atividades pesquisadas do circuito inferior que possuem CNPJ no bairro Roberto Correia de Araújo.



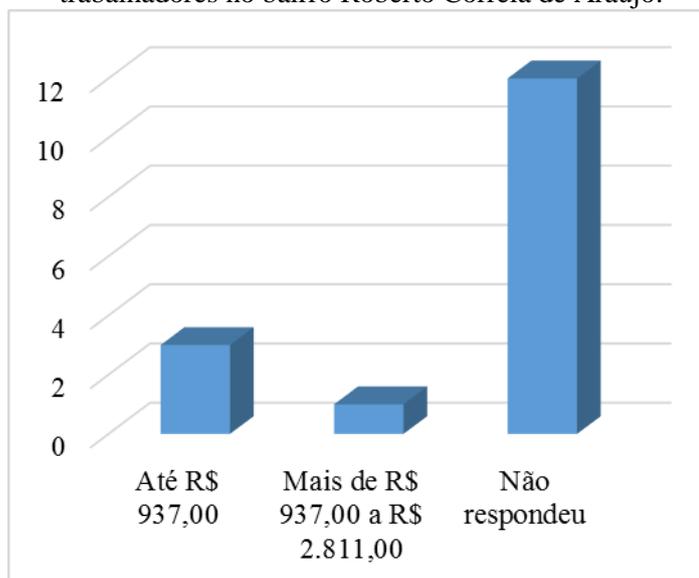
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Cabe ressaltar que o fator formalização não é determinante para definir maiores rendimentos, uma vez que, em muitos casos, os pequenos comerciantes buscam se formalizar por medo de serem penalizados e não pelo motivo de que terão maiores ganhos.

A questão do emprego, como já foi tratado, é bem relevante para se entender a vida “dos invisíveis” da economia urbana. Nesse sentido, além dos 16 proprietários entrevistados, existem 12 pessoas que são empregadas nas atividades, 11 possuem algum grau de parentesco com os donos dos estabelecimentos, por isso não tem carteira assinada, somente 1 possui carteira assinada e não é parente do proprietário. A maioria disse tocar sozinho a atividade e por isso assume ao mesmo tempo a direção, o capital e o trabalho. Enquanto 43,75% dos proprietários relataram que sempre há alguém da família ajudando a tocar a atividade.

Quando questionados sobre a média de salário pago aos trabalhadores, foi possível perceber uma mudança brusca no semblante da grande maioria dos entrevistados. Demonstraram muito receio para responder precisamente. Dessa maneira, é possível observar no gráfico 18 que a maioria esmagadora preferiu não informar os valores. Ainda teve quem questionasse se era algum tipo de fiscalização.

Gráfico 18 – União dos Palmares – AL: Média de salário pago pelos proprietários aos seus trabalhadores no bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Quando analisamos o gráfico, percebemos que os empregados são mal remunerados, mal chegam a ganhar um salário mínimo, sob a justificativa de que o lucro é muito baixo e não dá para regularizar os trabalhadores. Para minimizar o fato, existe o pagamento de comissão, que varia de acordo com o número de vendas. Em relação ao movimento, 10 agentes consideraram que os fluxos de pedestres e carros eram medianos, outros 5 disseram que era alto e apenas 1 considerou o movimento muito baixo. Como o Robertão é um dos maiores bairros da cidade, há uma pulverização de atividades do circuito inferior e as atividades são bem diversificadas.

Com relação ao movimento das vendas, 50% afirmaram que o movimento é maior no início do mês, 31,25% equilibrado, 12,5% que era no final do mês e apenas 6,25% responderam na metade do mês. É importante frisar que o movimento é maior aos domingos devido à feira livre.

A variação do período de maior movimento é atribuída aos pagamentos de salários e aos agricultores que aos domingos frequentam a feira livre, tanto para vender seus produtos quanto para realizar compras.

Os consumidores, em suma, são do próprio bairro, mas alguns de outros bairros e até das cidades circunvizinhas também consomem, principalmente os serviços de mecânica de automóveis (figura 20) e esporadicamente os serviços de marcenarias.

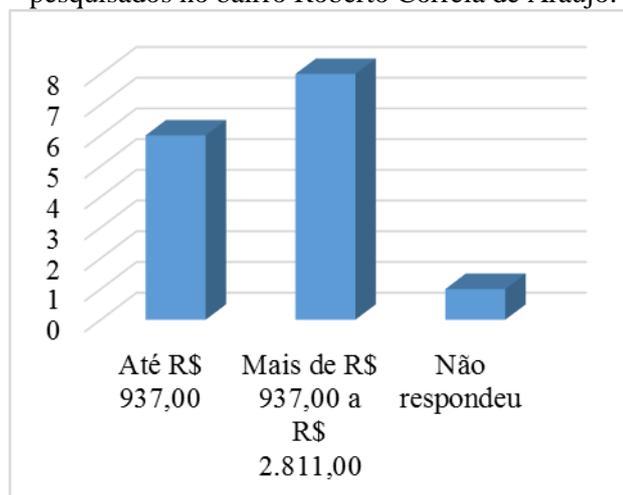
Figura 20 – União dos Palmares – AL: Oficina de automóveis de pequeno porte no bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Com relação aos gastos com o estabelecimento, a água e a energia pesam bastante no orçamento dessas pequenas atividades, os valores das contas de água variam de R\$ 32,50 a R\$ 90,00 e da energia de R\$ 25,00 a R\$ 500,00 (os mercadinhos maiores). O telefone fixo, quando possuem, serve para basicamente manter a maquineta, e os valores variam de R\$ 22,00 a R\$ 70,00. Desse modo, o lucro é comprometido, isso fragiliza a manutenção da atividade tendo em vista que não é possível realizar maiores investimentos em melhorias estruturais e em mercadorias.

Gráfico 19 – União dos Palmares – AL: Média mensal de lucro dos proprietários do circuito inferior pesquisados no bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O gráfico 19 corrobora com a percepção anterior. Grosso modo, a média de lucro é baixa. A maioria apresentou ganhos de pouco mais de um salário mínimo a três salários mínimos, outra parte bem significativa demonstrou um ganho abaixo do salário mínimo e os que não conseguiram mensurar foi porque não tem controle entre as despesas e as receitas, como é típico do circuito inferior.

No que diz respeito a estrutura que acomoda as atividades pesquisadas, 62,5% utiliza a própria estrutura da casa para realizar a atividade, 6,25% em barracas móveis e apenas 31,25% estão instalados em pontos exclusivos, que são alugados. O valor do aluguel desses pontos fica na margem de R\$ 101,00 a R\$ 300,00. Em relação a especulação imobiliária e o valor do uso do solo urbano, a partir desses dados, é evidente a seletividade espacial, uma vez que no centro as pequenas atividades com as mesmas dimensões e tamanhos possuem valores mais altos nos aluguéis.

Na tabela 12, que trata da idade dos imóveis que abrigam os pequenos negócios, constata-se que o circuito inferior é bem flexível no que se refere ao tempo e a estrutura usada. Tem imóveis de várias idades e de diferentes formas, não há padronização, um verdadeiro complexo espontâneo da vida urbana. Fatores como a necessidade de adaptação perante o consumo moderno e as determinações do capital forçam a economia dos mais pobres a se reinventar constantemente.

Tabela 12 – União dos Palmares – AL: Idade dos imóveis que abrigam as atividades do circuito inferior pesquisadas no bairro Roberto Correia Araújo.

Idade do imóvel	Número de imóveis	%
Menos de 5 anos	1	6,25
De 5 anos a 10 anos	3	18,75
Mais de 10 anos a 15 anos	3	18,75
Mais de 15 anos a 20 anos	4	25
Mais de 20 anos	5	31,25

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A mutabilidade desse circuito não é considerada um problema, ao contrário, pode ser uma retomada e/ou resistência. É comum deste circuito a reconfiguração do mesmo local para acomodar outra atividade, isso tem a ver com o baixo capital investido e o pequeno espaço usado, é na prática uma verdadeira estratégia de sobrevivência perante as transformações e inovações da economia da cidade.

Encontramos essa realidade também no bairro Roberto Correia de Araújo, visto que, 75% dos estabelecimentos pesquisados não foram construídos para abrigar a atividade atual, enquanto apenas 25% dos estabelecimentos foram construídos com esse fim. Do montante maior, 66,66% eram apenas residências e 33,33% eram em suma: lanchonetes, Vídeo Game, bares, mercearias e *Lan House*.

É muito comum que os proprietários do circuito inferior, principalmente nas áreas periféricas, não sejam muito exigentes com a estrutura do seu ponto. Mesmo com as dimensões modestas, porém bem organizadas, 18,75% consideraram excelentes as condições dos estabelecimentos, outros 31,25% disseram que as instalações eram ruins, 31,25% regulares, 12,5% boas condições e 6,25% muito boas condições. Como fator de resistência, 56,25% dos atuais proprietários não realizaram nenhum tipo de reforma, enquanto 43,75% já reformaram seus estabelecimentos, ou seja, se adaptaram. No quadro 11 estão algumas das reformas executadas.

Quadro 11 – União dos Palmares – AL: Tipos de reformas realizadas pelos proprietários nos estabelecimentos que abrigam a atividade do circuito inferior no bairro Roberto Correia de Araújo.

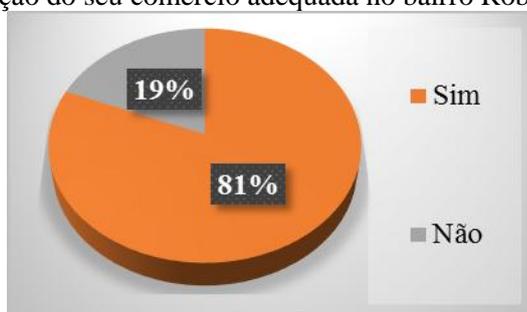
Tipos de Reformas Realizadas Nos Estabelecimentos		
Cerâmica	Pintura	Consertos
Aumentou o espaço físico	Forros e reboco	Telhado
Frente e calçada	Retoques	Aterro e alvenaria

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

As reformas são eminentemente esporádicas e bem pontuais, um ou outro comerciante é que consegue realizar de forma mais ampla. Por não poder fechar o estabelecimento, os agentes acabam realizando as reformas no mesmo horário de funcionamento. Um dos proprietários relatou que teve muito prejuízo na última reforma, primeiro por conta da demora da obra, devido à “concorrência” com os clientes e segundo por causa do movimento que diminuiu bastante devido a poeira e outros entraves provocados pela obra.

Surpreendentemente, quando questionados sobre a localização, a maioria considerou que o ponto estava numa localização adequada, como pode ser observado no gráfico 20.

Gráfico 20 – União dos Palmares – AL: Percentual de proprietários do circuito inferior que consideram a localização do seu comércio adequada no bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Dos 81% que consideram a localização do seu ponto comercial adequada, a maioria atribuiu às condições próprias do bairro, como facilidade de acesso aos fornecedores de mercadorias, mão de obra barata e esporádica, proximidade do mercado consumidor. Por tudo isso, a maioria considerou que a infraestrutura do entorno é satisfatória. Os 19% que não aprovaram a localização de seus estabelecimentos, apontaram de forma mais abrangente os problemas de infraestrutura do bairro, como várias ruas sem pavimentação e sem drenagem, ou por estarem às margens do rio Canabrava, que transborda com as chuvas fortes do inverno.

É possível admitir que, assim como o circuito superior, guardadas as devidas proporções, o circuito inferior também usa o território de forma seletiva, é ao mesmo tempo uma “contra-racionalidade”<sup>16</sup> uma vez que funciona de acordo com uma lógica própria, mesmo sendo dependente e complementar do sistema econômico maior. A quantidade de atividades é maior e pouco mais organizada nas ruas que apresentam melhores condições de

<sup>16</sup> O que muitos consideram, adjetivamente, como “irracionalidade” e, dialeticamente, como “contra-racionalidade”, constitui, na verdade, e substancialmente, outras formas de racionalidade, racionalidades paralelas, divergentes e convergentes ao mesmo tempo. (SANTOS, 2009a, p. 309)

infraestrutura, mais fluxos de pessoas e veículos. Por isso pode-se compreender a satisfação positiva dos proprietários tanto no que se refere à estrutura interna quanto externa.

Ao questionar sobre a despesa fixa mais alta, 31,25% apontaram a conta de energia, 25% o aluguel, 12,5% os empréstimos bancários (ou agiotas<sup>17</sup>) e os demais responsabilizam as compras das mercadorias e os salários dos funcionários.

Outro fator que pressiona a receita e o lucro para baixo é a existência de concorrentes no bairro. Mesmo com enorme concorrência, o grau de organização do circuito inferior da economia urbana do Robertão se dá de forma simples, não há nenhum tipo de propaganda realizada pelos pequenos negócios, mas está sendo comum utilizar as redes sociais e aplicativos como *Whatsapp* para contactar diretamente os clientes. A incorporação desses elementos da modernização faz com que a relação com a clientela se estreite ainda mais. Os equipamentos utilizados para tocar a atividade são bem modestos e comuns como: celulares, máquinas de cortar cabelo (encontramos vários estabelecimentos de cortes de cabelos), moenda para vender caldo de cana, TV, telefone, internet e outros.

#### *Dependência e complementaridade dos dois circuitos econômicos*

Nos países periféricos, a existência dos intermediários é fator essencial e a base das possibilidades estruturais para o funcionamento da economia. As disparidades de rendas são enormes, a população é pobre e por isso a economia não poderia funcionar sem eles.

Os intermediários são verdadeiros elos entre os dois circuitos. Ao mesmo tempo em que há concorrência e complementaridade, existe uma dependência de um circuito para com o outro. No circuito inferior as atividades nunca são totalmente autônomas, por um lado, dependem da aquisição de algum insumo ou ferramenta fornecida pelas empresas do circuito superior e, por outro, pela existência e a reprodução do circuito inferior se explicam por uma carência de empregos e serviços não comportada pelo circuito moderno da economia urbana (ARROYO, 2008).

A presença dos intermediários é forte na cidade de União dos Palmares, chegam a todos os bairros, um pouco mais em um ou outro, e respondem por cerca de 30% do abastecimento das atividades do circuito inferior palmarino. Os atacadistas são importantes elementos de complementaridade dos circuitos econômicos, na cidade de União, em muitos

---

<sup>17</sup> Dois entrevistados relataram que recorriam periodicamente aos agiotas, porém, omitiram essa informação quando perguntados acerca do tipo de empréstimo que possuíam.

casos, desempenham ao mesmo tempo a venda no atacado e no varejo, sobretudo no setor de alimentos.

No quadro 12 é possível perceber que para abastecer seus pequenos negócios, os proprietários, em sua maioria, se deslocam para efetuar as compras das mercadorias ou insumos. No circuito inferior, os proprietários acabam acumulando todas as funções de funcionamento de suas atividades, é um trabalho exaustivo. Ao longo dos relatos complementares, alguns entrevistados afirmaram que era uma vida “puxada”, muito cansativa.

Quadro 12 – União dos Palmares – AL: Compras de mercadorias e/ou insumos para abastecer as atividades do circuito inferior no bairro Roberto Correia de Araújo.

<b>As mercadorias e/ou insumos são comprados</b>		
A intermediários	4	25%
O proprietário se desloca para realizar as compras	10	62,50%
A intermediários e o proprietário se desloca para realizar as compras	2	12,50%

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Ainda existe a parcela que realiza o abastecimento das duas formas, diretamente com os fornecedores e através dos intermediários. Para esse fato, temos duas explicações: os intermediários demoram a aparecer; uma boa parte compra na própria cidade.

O circuito inferior é importante também para entender o funcionamento da circulação de mercadorias no território. A Globalização é um período marcado pelo surgimento de uma verdadeira sociedade de consumo, e para atendê-la não basta somente produzir, tem que fazer a mercadoria circular. Por sua vez a circulação incide sobre a produção e a obriga a se modernizar. Daí os fluxos multiplicam-se, difundem-se e tornam-se ainda mais importantes para a realização da produção (ARROYO, 2006).

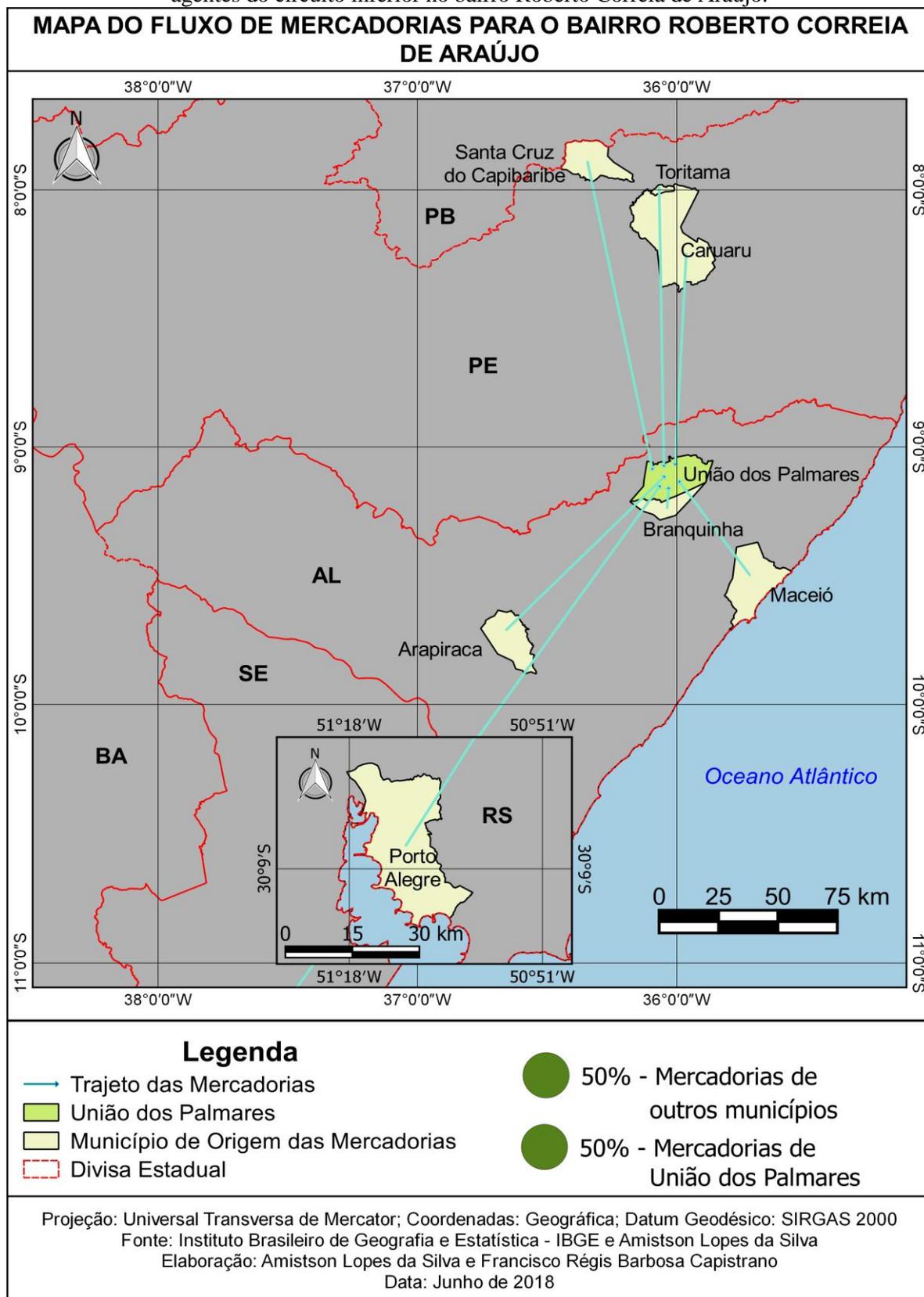
Como dito, o sistema econômico palmarino está inserido numa lógica nacional de mercado e os dois circuitos são na verdade mecanismos de difusão do sistema capitalista. O circuito inferior é mais difuso, mas não menos importante, por tudo que já foi colocado até então.

A maioria dos pequenos comerciantes do bairro Robertão busca abastecimento na própria cidade de União e em Maceió. Outra parcela busca também em outras cidades de Alagoas como, Arapiraca e Branquinha. A circulação das mercadorias também procede de cidades da região nordeste e de outras regiões do país. Pernambuco é o maior destaque com

Caruaru, Santa Cruz de Capibaribe e Toritama, principalmente para abastecer o setor de roupas e tecidos.

Encontramos um salão de beleza, muito bem organizado e que obtém lucros expressivos diante da realidade das atividades econômicas do bairro, este realiza compras de produtos vindos do Rio Grande do Sul, via internet. Dessa forma, o circuito inferior em União dos Palmares tem um comportamento bem abrangente no que se refere ao abastecimento de seus produtos, como podemos observar no mapa 9.

Mapa 9 – União dos Palmares – AL: Procedência dos insumos e mercadorias comercializados pelos agentes do circuito inferior no bairro Roberto Correia de Araújo.



Organização das informações: Amistson Lopes.

Elaboração Cartográfica: Francisco Capistrano.

O volume de mercadorias procedente de outras cidades e estados para abastecer os estabelecimentos deste bairro periférico já é menor do que no centro, é uma característica do circuito inferior.

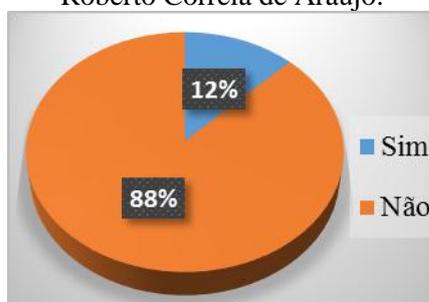
Não são grandes os volumes das compras, segundo os entrevistados, e a periodicidade é bem flexível, pois 37,5% realizam as compras semanalmente, 43,75% a cada quinze dias, 6,25% uma vez no mês, 6,25% a cada seis meses e outros 6,25% realizam uma vez por semana ou uma vez a cada quinze dias, vai depender muito do movimento.

O estoque do circuito inferior é reduzido, essa situação é creditada ao consumo da clientela, que é feito de forma fracionada, essa dinâmica caracteriza, grosso modo, os bairros periféricos das cidades tropicais, ou seja, compra-se pouco e compra-se todos os dias (SANTOS, 2008c).

No que concerne ao estoque, 68,75% disseram considerar insuficiente, 31,25% suficiente. O problema é atribuído à baixa venda, tratar-se de produtos perecíveis, serem feitos sob encomenda, e principalmente pelo pouco dinheiro que se tem para reposição de mercadorias.

Tratando-se das formas de pagamento utilizadas pelos agentes do circuito inferior para comprar as mercadorias e/ou insumos, 81,25% utilizam o dinheiro líquido, mas uma pequena parte desse percentual confessou que usava vez ou outra a nota promissória, principalmente por ter ganhado a confiança dos fornecedores, já que são clientes há um bom tempo. Os demais usam cartão de crédito, boleto bancário e nota promissória. Isso repercute no baixo índice de inadimplência das compras de mercadorias pelos agentes do circuito inferior, como podemos apreciar no gráfico 21.

Gráfico 21 – União dos Palmares – AL: Com relação a atrasos nos pagamentos das compras no bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No geral, os atrasos não comprometem a relação com os fornecedores por praticamente não existir o fiado, a transação se dá por meio da troca direta do produto pelo

dinheiro líquido. Os 12% que relataram atraso nos pagamentos, usam intermediários bancários como o cartão de crédito/débito e/ou boleto bancário. Os atrasos esporádicos ocorrem pelo número pequeno de vendas e também por conta do lucro ser muito baixo.

A maior parte dos consumidores vive no próprio bairro, outra porção mora em outros bairros e até em cidades vizinhas como a cidade de Branquinha. Essa abrangência do circuito inferior tem estreita relação com a presença de uma Casa Lotérica, como já foi mencionado.

As formas de pagamento disponibilizadas a clientela que consome no circuito inferior do bairro Robertão são, na ordem de importância (ver o quadro 13 a seguir), o dinheiro, fiado e o cartão de crédito/débito. Diferentemente da relação proprietários-fornecedores descrita acima, a relação dos proprietários das atividades do circuito inferior com seus clientes é também conduzida por meio do fiado.

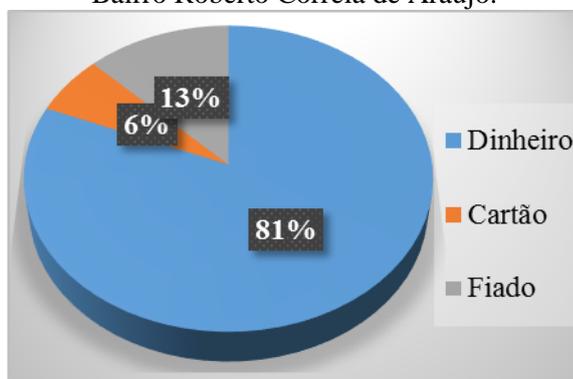
Quadro 13 – União dos Palmares – AL: Quanto às formas de pagamento disponibilizadas aos consumidores do circuito inferior no bairro Roberto Correia de Araújo.

<b>Formas de pagamento disponibilizadas aos consumidores</b>		
Dinheiro	16	100%
Cartão	4	24%
Fiado	13	81,25%

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A forma principal de pagamento exigida é o dinheiro, como está demonstrado no gráfico 22. Quanto ao uso do cartão, somente 12,5% afirmaram possuir despesas com a maquineta, uma média de R\$ 56,00.

Gráfico 22 – União dos Palmares – AL: Forma principal de pagamento usada pelos consumidores no Bairro Roberto Correia de Araújo.

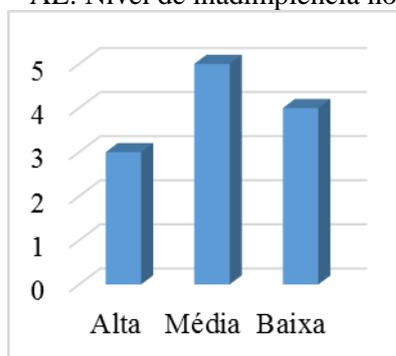


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Uma parte significativa da clientela recorre ao fiado, no entanto, não é todo mundo que tem acesso, uma vez que os critérios utilizados para definir quem pode comprar fiado ou não, são: conhecidos e amigos; clientes antigos; por indicação de clientes antigos; aposentados e beneficiários do Bolsa Família.

O fiado se estabelece como forma de pagamento no circuito inferior devido à proximidade e a relação de confiança entre a clientela e os proprietários. Ele é instituído com a promessa de que o pagamento será efetuado depois. Mesmo com essa relação de confiança a inadimplência é considerada significativa como é apresentado no gráfico 23.

Gráfico 23 – União dos Palmares – AL: Nível de inadimplência no bairro Roberto Correia de Araújo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Essa realidade é fruto de uma população empobrecida e despossuída de recursos financeiros e por causa do alto índice de desemprego da própria cidade.

Quanto à organização da atividade, a maioria não realiza nenhum tipo de balanço ou controle das mercadorias. Para controlar o fiado, 62,5% fazem uso da famosa caderneta, 6,25% usam a nota promissória e confiam simplesmente na memória.

Os sistemas de ações e os sistemas de objetos conformados pelo circuito inferior faz o bairro Robertão funcionar de forma orgânica, mesmo sofrendo com os impactos das modernizações, esse verdadeiro sistema social é movido por espontaneidade e por uma vontade latente de sobreviver.

## **4.2 Valorização seletiva do meio ambiente construído e circuitos da economia urbana nos bairros Newton Pereira e Nova Esperança.**

### 4.2.1 Meio ambiente construído renovado e o circuito inferior da economia urbana

Os dois bairros, o Nova Esperança e o Newton Pereira, representam a expansão recente do sistema urbano palmarino. Neles, as ações são ainda mais espontâneas do que nos outros bairros discutidos. As relações sociais e econômicas nos bairros são mais sofridas e a percepção da pobreza é mais acentuada, por se tratarem de bairros construídos para alojar os desabrigados das enchentes de 2010, as casas são simples, com tamanhos e dimensões acanhadas.

Para sobreviver, a população pobre desses bairros se organiza e usa de diversas formas o território para obtenção de qualquer renda. Um dos entraves é a distância para o centro da cidade, cerca de pouco mais de 2,5 km para o Nova Esperança e pouco mais de 4 km para o centro do bairro Newton Pereira. Deslocar-se é então prejuízo certo se não quiser enfrentar uma “minimaratona” a pé, principalmente para os mais pobres do Newton Pereira. Dessa forma, para sobreviver, parte da população busca refúgio em atividades no próprio bairro, as estratégias são bem diversificadas.

No trabalho de campo, aplicamos 16 questionários no Newton Pereira e 15 no Nova Esperança, para compreendermos um pouco da vida dos mais pobres, que produzem e conduzem o circuito inferior da economia urbana destes bairros.

As atividades investigadas no Nova Esperança, seguindo a ordem de prevalência, funcionam em: 1 barraca ou banca de madeira coberta com lona; 8 estabelecimentos que utilizam a própria residência; 5 são pontos exclusivos e próprios; 1 carro móvel (carrinho de doces). Nenhum estabelecimento é alugado.

Já no Newton Pereira, seguindo a ordem de prevalência, funcionam em: 5 em barracas ou banca de madeira coberta com lona; 9 em pontos exclusivos e próprios; 2 em pontos alugados, exclusivos para realização da atividade, com valores entre R\$ 101,00 a R\$ 300,00.

Na tabela 13, podemos observar que a maioria dos imóveis são relativamente novos, como o próprio bairro.

Tabela 13 – União dos Palmares – AL: Idade dos imóveis que abrigam as atividades do circuito inferior pesquisadas nos bairros Newton Pereira e Nova Esperança.

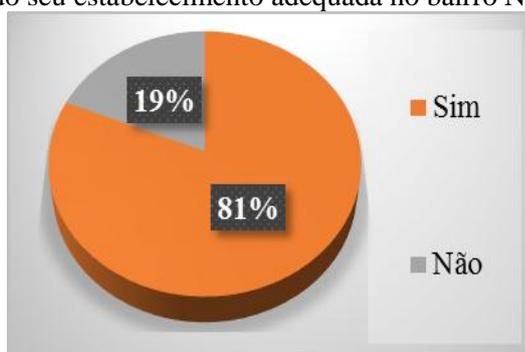
Idade do imóvel	Número de imóveis	%
Menos de 5 anos	28	90,32
De 5 anos a 10 anos	3	9,68

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No Newton Pereira, 87,5% dos estabelecimentos foram construídos para abrigar a atividade atual e apenas 2,5% disseram já ter abrigado outro tipo de atividade anteriormente. Esse percentual menor demonstra a capacidade de mobilidade do circuito inferior, independente do tempo, constantemente muda-se de atividade do mesmo modo que surgem novas.

Quanto à satisfação com as condições da estrutura dos imóveis, 43,75% consideraram regulares, 37,5% boas, 12,5% excelentes, 6,25% consideraram que as instalações eram ruins. Por causa do baixo rendimento, apenas 18,75% dos entrevistados conseguiram fazer reforma, sobretudo de manutenção, reparos e pinturas. A grande maioria considerou adequada a localização de seu estabelecimento para realizar a atividade, como é ilustrado no gráfico 24, principalmente por estarem localizados na avenida principal, mas deixaram claro que isso é a nível do bairro, tanto é que os que afirmaram que a localização não era adequada disseram que seria melhor se fosse no centro, principalmente porque os moradores realizam mais compras no centro do que no próprio bairro Newton Pereira.

Gráfico 24 – União dos Palmares – AL: Percentual de proprietários do circuito inferior que considera a localização do seu estabelecimento adequada no bairro Newton Pereira.

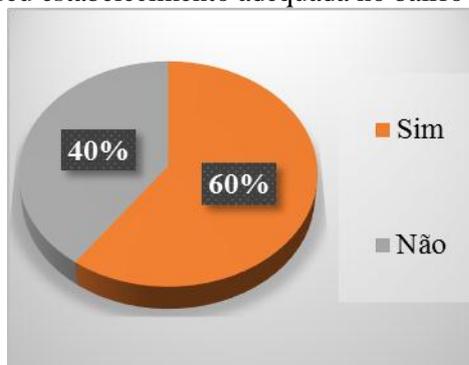


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No bairro Nova Esperança, dos 15 empreendimentos investigados, 9 afirmaram que o ponto foi construído para abrigar a atividade. Os 6 estabelecimentos restantes ou já abrigaram outros tipos de atividades ou eram somente residências. Quanto às condições do imóvel, 8 optaram por não responder, 2 disseram que consideravam boas, 1 ruim e 4 excelente. Somente

um proprietário disse ter feito algum tipo de reforma e adaptação na estrutura, comprou equipamentos e fez reparos e retoques em paredes e pisos.

Gráfico 25 – União dos Palmares – AL: Percentual de proprietários do circuito inferior que considera a localização do seu estabelecimento adequada no bairro Nova Esperança.

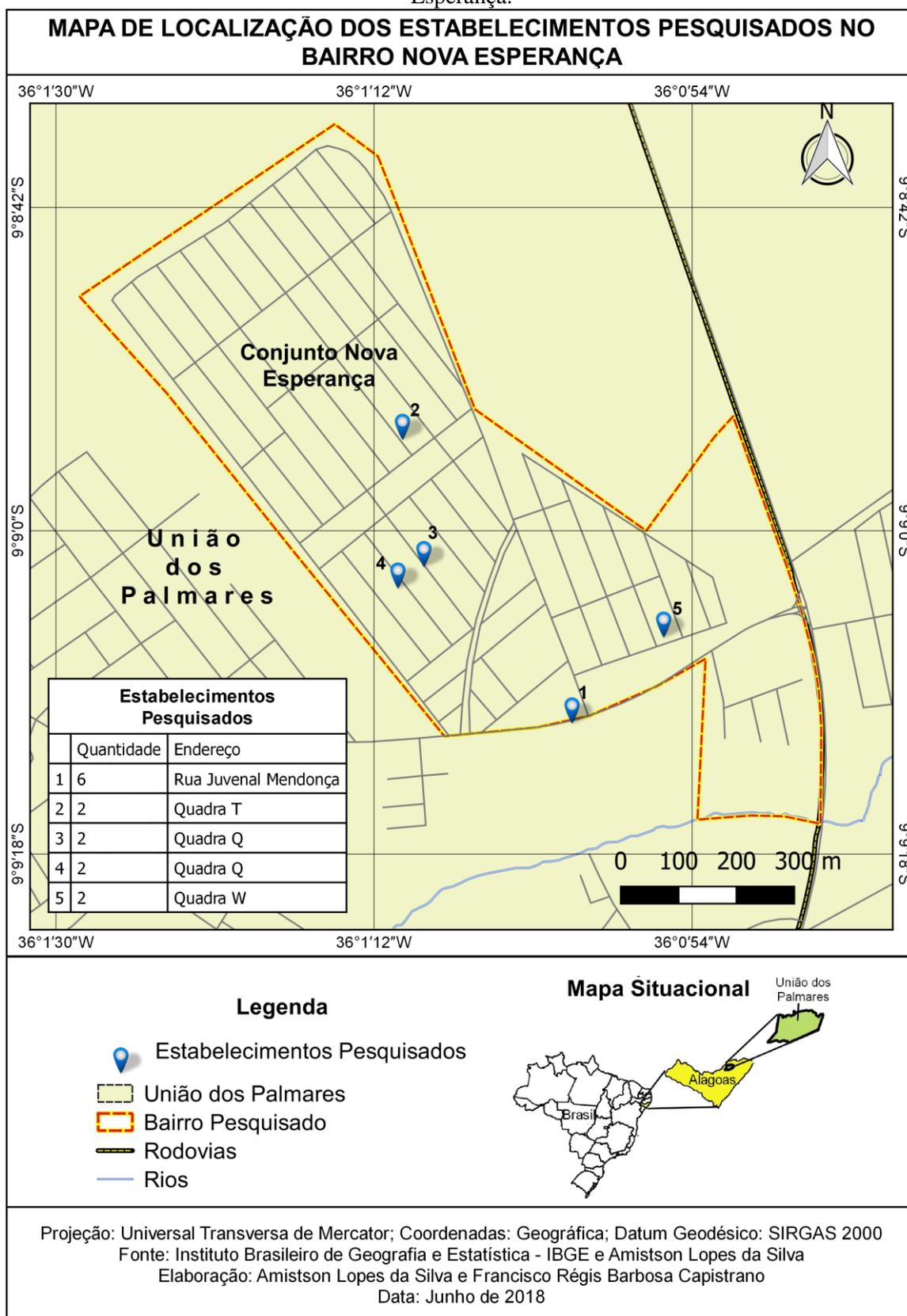


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No gráfico 25 é demonstrado o índice de satisfação dos proprietários com a localização de seus estabelecimentos. Esse dado revela a capacidade que o circuito inferior tem de organizar o território. Os estabelecimentos estão espalhados em duas partes principais do bairro, no interior do bairro e a outra parte está concentrado na rua Juvenal Mendonça, principal via de acesso à cidade, para quem vem do norte pela rodovia BR 104. Os 60% que consideraram a localização adequada creditaram ao fato de estarem alojados nessa rua. Já os 40% que reprovaram, responsabilizaram a localização, por ser no interior do bairro, pois ficam isolados e escondidos.

Apesar dos dois bairros terem sido construídos no mesmo período e pelo mesmo motivo, apresentam uma configuração diferente, principalmente no que se refere à dinâmica econômica do circuito inferior. O bairro Newton Pereira por ser mais afastado do centro da cidade do que o bairro Nova Esperança, possui uma dinâmica econômica mais restrita ao próprio bairro, enquanto o Nova Esperança possui uma dinâmica econômica mais abrangente, principalmente por causa das atividades localizadas na rua Juvenal Mendonça. Como podemos ver nos mapas 10 e 11, que identificam os locais de aplicação dos questionários.

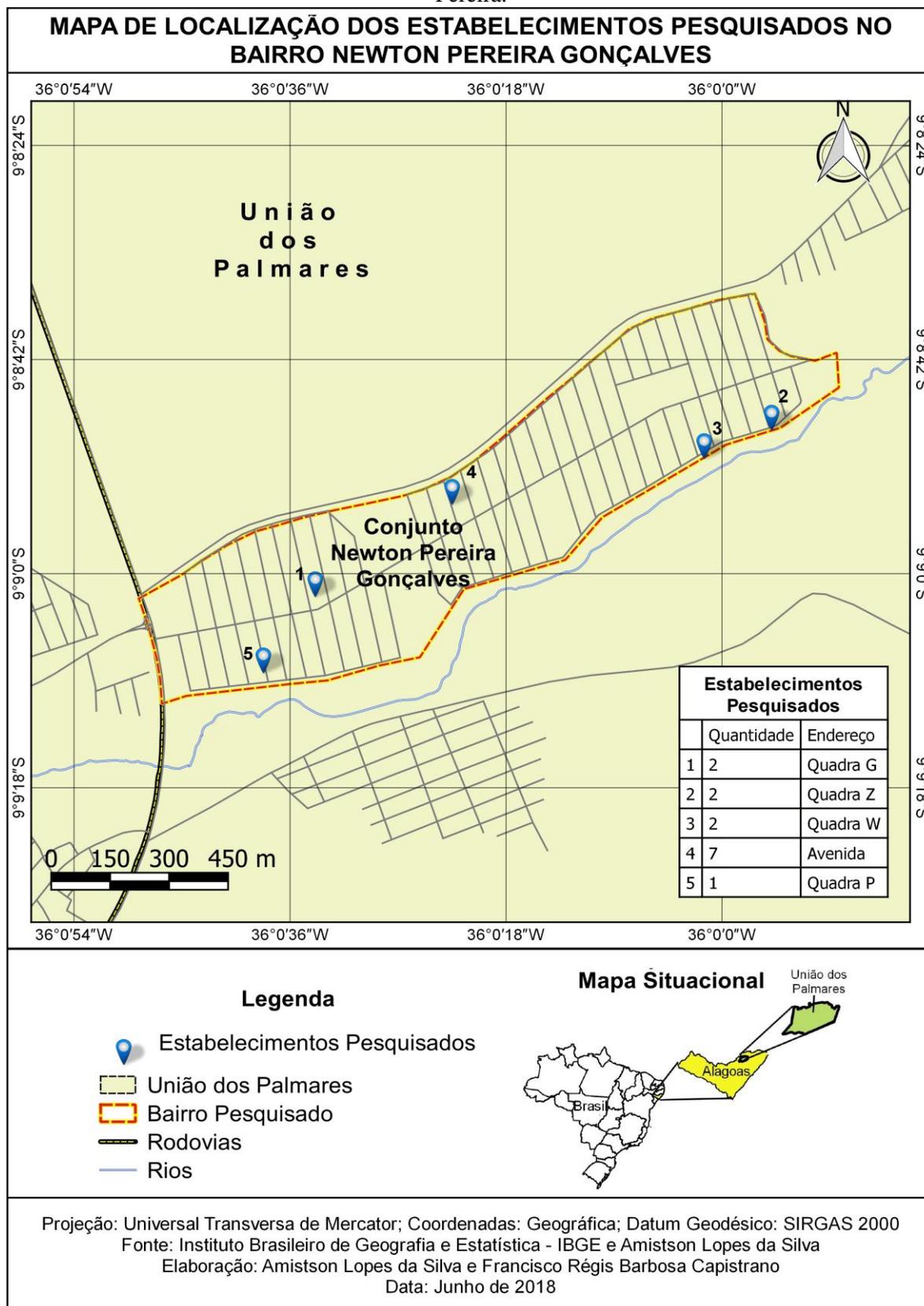
Mapa 10 – União dos Palmares – AL: Localização das atividades pesquisadas no bairro Nova Esperança.



Organização das informações: Amistson Silva.

Elaboração Cartográfica: Francisco Capistrano.

Mapa 11 – União dos Palmares – AL: Localização das atividades pesquisadas no bairro Newton Pereira.

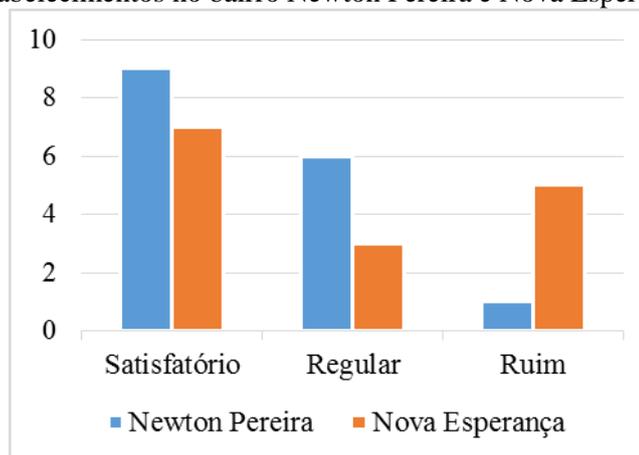


Organização das informações: Amistson Silva.

Elaboração Cartográfica: Francisco Capistrano.

Quando perguntados sobre a infraestrutura do entorno, no Newton Pereira o índice de aprovação foi bem maior em relação ao Nova Esperança, como podemos verificar no gráfico 26.

Gráfico 26 – União dos Palmares – AL: Satisfação quanto à infraestrutura do entorno dos estabelecimentos no bairro Newton Pereira e Nova Esperança.



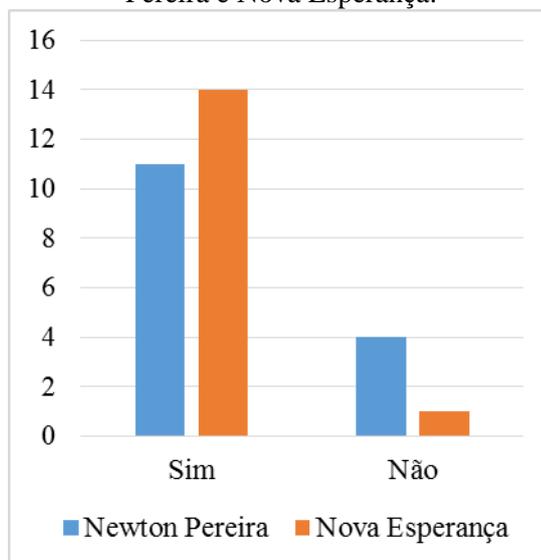
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No bairro Nova Esperança a maioria considerou que a infraestrutura do entorno era insatisfatória, devido a degradação do saneamento e do sistema de drenagem, bem como pela pavimentação das ruas estarem comprometidas, mesmo tendo sido construídas há pouco tempo pelo Programa da Reconstrução do Governo Estadual. Os 46,67% que acham a infraestrutura do entorno satisfatória, atribui a localização, como já foi dito anteriormente.

No Newton Pereira, a realidade é diferente, há um índice de satisfação maior em relação à infraestrutura do entorno. Dentre os motivos apresentados está a pavimentação das ruas, que possibilitam fácil acesso aos meios de transportes e por ter saneamento básico.

Outro fator que promove dificuldades para a permanência da atividade é a existência de concorrentes. No gráfico 27, podemos verificar que nos dois bairros existe forte concorrência entre os pequenos negócios.

Gráfico 27 – União dos Palmares – AL: Quanto à existência de concorrentes nos bairros Newton Pereira e Nova Esperança.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A grande concorrência no bairro Nova Esperança é atribuída à localização, que tem um fluxo muito grande de pessoas e veículos automotores todos os dias. Já no Newton Pereira a concorrência é um pouco menor, devido a menor expressividade dos mesmos fatores.

Dos 16 entrevistados no bairro Newton Pereira, 2 fazem uso da propaganda nas rádios locais. As emissoras de rádio de União dos Palmares têm alcance regional, mas na prática, atraem eminentemente os próprios moradores do bairro. Quanto à organização e o uso de objetos da modernização, dependendo do tamanho e do ramo, têm-se o uso de celulares smartphones, computadores e instalações de internet como principais divulgadores de suas atividades.

No Nova Esperança, também só encontramos dois que fazem uso da propaganda. São donos de oficinas de carro e de moto, respectivamente, que anunciam diariamente nas emissoras de rádio da cidade. Além dos equipamentos que são essencialmente para tocar a atividade, também tem acesso à internet, TV, rádio e computador no estabelecimento.

#### 4.2.2 Diversidade do circuito inferior da economia urbana nos bairros Newton Pereira e Nova Esperança.

##### *Características do circuito inferior da economia urbana no bairro Newton Pereira*

Por falta de emprego e de terras para trabalhar, os indivíduos passam a criar alternativas dentro do sistema econômico citadino. Quanto maior a população e a distância do bairro mais complexa é a divisão do trabalho, sobretudo no setor de comércio e serviços. Há uma grande variedade, mas com pouca sofisticação, baixa organização e rara tecnologia.

A criatividade e a espontaneidade são uma marca importante das ações dos agentes econômicos mais pobres<sup>18</sup>, provocam uma verdadeira multiplicação de atividades para atender as mais diversas necessidades da vida urbana no próprio local de residência. O tamanho e a dimensão dos estabelecimentos não são empecilhos, porque o mais importante é a sobrevivência.

O circuito inferior constitui, portanto, um mecanismo de integração permanente e horizontal, pois acomoda todos, os migrantes e não qualificados do próprio lugar e também especializados. Responde, ao mesmo tempo, às necessidades do consumo e à situação geral do emprego e do capital (SANTOS, 2008c).

Essa diversidade e esse dinamismo também foram constatados no bairro Newton Pereira. Durante a observação de campo e registros de fotos, verificamos que há uma verdadeira pulverização de atividades, todas misturadas e espalhadas por todo bairro, principalmente ao longo da grande via de quase 2 km de extensão que corta o bairro, como está posto nas figuras.

---

<sup>18</sup> Os pobres são aqueles que não possuem acesso, de modo regular ou nenhum, aos bens de consumo corrente considerados como o mínimo indispensável numa certa sociedade (SANTOS, 2008c).

Figura 21 – União dos palmares – AL: Mercadinho improvisado na principal avenida do bairro Newton Pereira.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Figura 22 – União dos palmares – AL: Barracas improvisadas na principal avenida do bairro Newton Pereira.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No setor de fabricação, encontramos duas marcenarias e uma serralharia, mas não aceitaram responder o questionário. Foi no setor de comércio e serviço que foi aplicado o questionário, principalmente pela enorme quantidade de estabelecimentos.

O circuito inferior do Newton Pereira tem uma abrangência limitada ao próprio bairro, em relação aos consumidores, ou seja, esse circuito é do tipo residencial porque seu funcionamento atende basicamente as necessidades da população do próprio bairro.

Cabe ressaltar que o objetivo não foi quantificar, mas compreender um pouco do comportamento e o funcionamento do sistema urbano da periferia a partir da conformação do circuito inferior da economia urbana. As atividades expostas no quadro 14 foram escolhidas de acordo com a quantidade que observamos no bairro.

Quadro 14 – União dos Palmares – AL: Ramos de atividades pesquisados no bairro Newton Pereira Gonçalves.

<b>Ramos de atividades do bairro Newton Pereira</b>		
<b>Fabricação</b>	<b>Comércio</b>	<b>Serviços</b>
	2 Variedades	1 Oficina de moto
	1 Depósito de bebidas	1 Borracharia
	2 Quitandas de frutas e verduras	1 Lava a jato
	3 Mercadinhos	1 Cabeleireiro
	1 Banca de roupas	
	1 Venda de DVD's	
	1 Farmácia	
	1 Calçados e roupas	

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Como assevera o professor Milton Santos (2008c), o setor de alimentos é o maior destaque dos bairros periféricos mais distantes do centro. São mercadinhos, mercearias e pequenas bodegas, além de quitandas de frutas, verduras e frangos vivos ou abatidos. No setor de serviços, vários cabeleireiros e salões de beleza, além de oficinas de moto e de carro, borracharias e os lava a jato, são os maiores destaques. Isso está relacionado à difusão da modernização nos bairros, como aponta o professor Milton Santos:

O consumo crescente de produtos modernos por uma população pobre faz nascer uma série de novas atividades no circuito inferior. Talvez o melhor exemplo seja o das oficinas de conserto de automóveis. O caminhão, meio de transporte essencial, e o carro, cobiçado por todos, são o protótipo desses produtos modernos. Muitas vezes comprados de segunda mão, exigem reparos constantes nas oficinas de pequenas dimensões, com recursos disponíveis no local, aos quais é necessário acrescentar a capacidade de invenção de mecânicos autodidatas. Fora das grandes aglomerações, a importação e o estoque de peças de carros são impossíveis. Mas, mesmo nelas, os recursos dos indivíduos “motorizados” não lhes permitem frequentar as oficinas modernas e pagar à vista. Essa atividade de reparos apela para as atividades ligadas à metalurgia, à mecânica ou à eletricidade e todas, se bem que nascidas da adaptação aos consumos modernos, pertencem

ao circuito inferior, por suas dimensões e suas características. São responsáveis por um grande número de empregos. (2008c, p. 256).

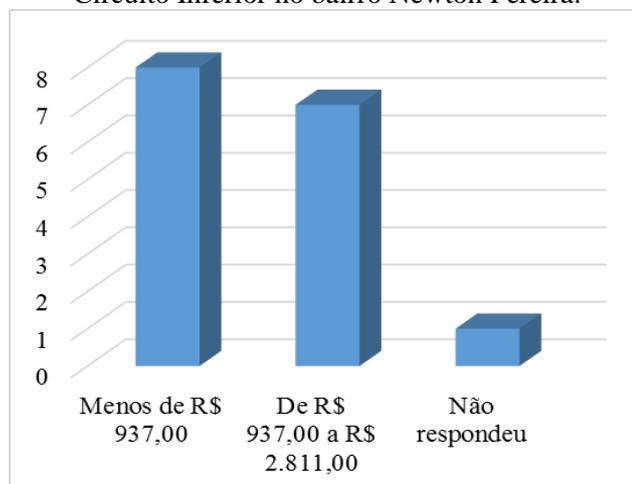
A frota de veículo em União já era bem considerável (DENATRAN, 2016), 14.581 no total. Desse total, 7.919 eram motocicletas e motonetas e 4.304 eram de automóveis. Devido à proliferação desses produtos modernos, muitas oficinas mecânicas com características do circuito inferior se espalharam pela cidade.

Esses trabalhos são pouco exigentes no que concerne à qualificação e a escolaridade, tanto no setor de comércio quanto no setor de serviços. No Newton Pereira, somente 37,5% dos entrevistados possuíam o ensino médio completo, 43,75% fundamental incompleto e os que tinham o ensino fundamental completo, médio completo, e sem escolaridade, juntos somaram 18,75%.

Os proprietários, em sua maioria, moram no próprio bairro, 93,75%, e apenas 6,25% moram em outro bairro, mais precisamente o Roberto Correia de Araújo. Somente 18,75% afirmaram que moravam de aluguel, apesar de as casas terem sido cedidas pelo Programa da Reconstrução do Governo Estadual para os atingidos pelas enchentes de 2010. A despesa com o aluguel fica entre R\$ 101,00 e R\$ 300,00. Em relação ao deslocamento para o trabalho 75% vão a pé, 12,5% usam carro próprio e 12,5% se deslocam de moto própria.

Comparando com os outros bairros pesquisados, a renda familiar dos agentes do circuito inferior é ainda menor no Newton Pereira. A maioria alegou obter uma renda familiar mensal que não ultrapassava o salário mínimo, não houve nenhum agente com rendimento familiar acima de três salários mínimos.

Gráfico 28 – União dos Palmares – AL: Renda familiar dos proprietários de estabelecimentos do Circuito Inferior no bairro Newton Pereira.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A partir do rendimento familiar é possível perceber o quão pobre são as pessoas que compõem esse sistema econômico no bairro. Muitas vezes somente uma pessoa da família é responsável pela obtenção da renda, como podemos verificar na tabela 14.

Tabela 14 – União dos Palmares – AL: Número de pessoas que contribuem para a obtenção da renda familiar dos pesquisados no bairro Newton Pereira.

Número de pessoas	Quantidade de entrevistados	%
1	8	50%
2	5	31,25%
3	2	12,50%
4	1	6,25%

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A insatisfação e o sofrimento com a situação de escassez são latentes. De forma espontânea, muitos questionaram: como viver dignamente com uma renda tão baixa? E sustentar os filhos?

Mesmo com tantas dificuldades, os agentes conseguem consumir produtos do circuito moderno. Todos disseram que possuíam TV, rádio e geladeira. Outra parte importante tem micro-ondas. A minoria possui máquina de lavar roupas, computador e notebook. Dos agentes pesquisados, 43,75% possuem motocicletas e 18,75% têm carros. Pelo baixo poder de consumo, esses agentes acabam adquirindo automóveis seminovos, não comprando na concessionária. Poucos conseguem comprar motocicleta do ano, e em sua maioria também são seminovas.

A ideologia do consumo se impõe, subverte os valores, visto que grande parte da população pobre vislumbra, como uma das prioridades para satisfazer seus desejos, o consumo de produtos modernos, sacrificando boa parte de sua renda que já é tão baixa.

A trajetória de trabalho dos entrevistados é bem diversificada, antes das atividades atuais já trabalharam como: empregadas domésticas; no campo; ajudante de pedreiro; pedreiro (ainda trabalha); porteiro; mecânico; autônomo; vendedora de DVD; motorista; pintor; balconista de farmácia; garçom de restaurante. Porém, apenas 25% possuíam carteira assinada.

Na atividade atual 25% responderam que trabalham de 1 a 3 anos, 31,25% menos de 1 ano, 37,5% mais de 5 a 10 anos e 6,25% já estão tocando a atividade há mais de 3 a 5 anos. O pouco tempo de existência das atividades se deve ao fato do Newton Pereira ser um bairro novo, construído entre os anos de 2010 e 2012.

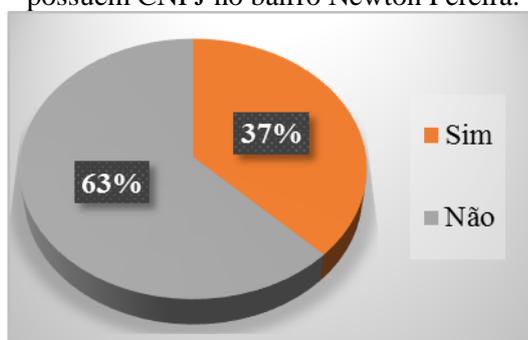
Em relação à trajetória das atividades, a maioria apontou o desemprego como principal fator motivador para iniciar a atividade, os demais incluíram o desejo de ter o próprio negócio e complemento de renda. A grande maioria, 87,5%, utilizaram recursos financeiros próprios para abrir o negócio. Somente 12,5% recorreram a empréstimos bancários, parentes e/ou amigos.

Quando perguntados se possuem dívidas de empréstimos bancários, apenas 18,75% responderam que sim, e os bancos são: Banco Santander (Maceió), CEF (Caixa Econômica Federal), Bradesco. Todos disseram que o valor do empréstimo foi de R\$ 5.000,00.

No tocante ao funcionamento, 31,25% disseram que funcionavam todos os dias, 56,25% de segunda a sábado, 6,25% somente segunda e terça e 6,25% de domingo a sexta (por serem membros da igreja Adventista).

O número de atividades do bairro que não possui nenhum tipo de formalização é bem maior do que na área central e no bairro Roberto Correia de Araújo, como podemos verificar no gráfico 29.

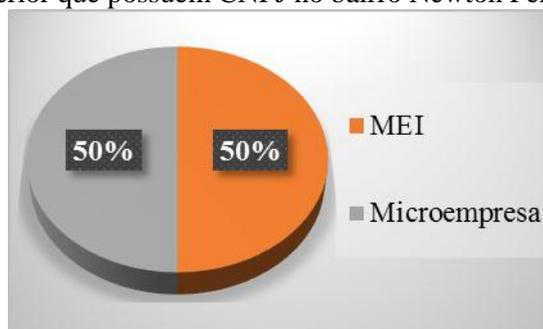
Gráfico 29 – União dos Palmares – AL: Percentual das atividades pesquisadas do circuito inferior que possuem CNPJ no bairro Newton Pereira.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No que concerne o tipo de formalização, constatamos que metade era MEI e a outra Microempresa, como que está exposto no gráfico 30.

Gráfico 30 – União dos Palmares – AL: Tipo de formalização das atividades pesquisadas do circuito inferior que possuem CNPJ no bairro Newton Pereira.

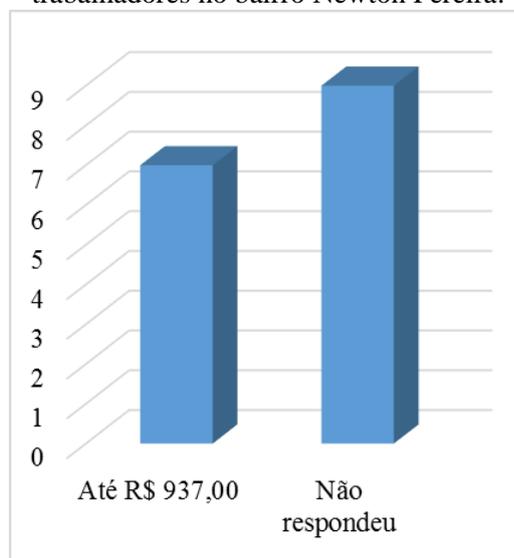


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Além dos proprietários, existem 17 pessoas empregadas e apenas 2 com carteira assinada. O trabalho familiar é muito presente, 56,25% dos entrevistados possuem ajuda de alguém da família, no total são 14 familiares contribuindo direta ou indiretamente para tocar a atividade.

O trabalho é intensivo e é mal remunerado. No gráfico 31 é demonstrado que os proprietários dos pequenos negócios no Newton Pereira mal pagam um salário mínimo aos empregados.

Gráfico 31 – União dos Palmares – AL: Média de salário pago pelos proprietários aos seus trabalhadores no bairro Newton Pereira.



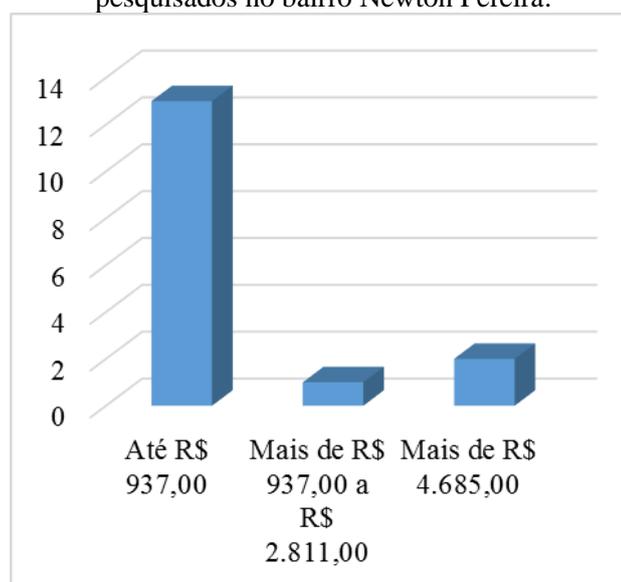
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Como a maior parte dos estabelecimentos está localizado na principal avenida do bairro, os agentes consideram que o fluxo de pedestres e de carros, no geral é satisfatório, 50% consideram o fluxo médio, 31,25% alto e 18,75% baixo. A maioria afirmou que as

vendas são melhores no final do mês e no início do mês. Essa variação é atribuída essencialmente aos pagamentos de salários e programas sociais.

Somente 56,25% dos proprietários têm gastos referentes à água, e a despesa varia entre R\$ 32,50 a R\$ 100,00. Boa parte, 68,75%, possui energia elétrica e a despesa varia entre R\$ 50,00 e R\$ 90,00. Mas, um entrevistado afirmou que paga por mês uma média de R\$ 450,00 de energia, por ser um dos maiores mercadinhos do bairro e possuir uma variedade considerável de produtos, principalmente frios, que precisam de um cuidado maior para serem mantidos, logo causam um aumento no consumo de energia. Nenhum estabelecimento possui telefone fixo. Essas taxas de serviços públicos, mesmo sendo relativamente baixas, chegam a comprometer o lucro, que como é mostrado no gráfico 32, é bem pequeno.

Gráfico 32 – União dos Palmares – AL: Média mensal de lucro dos proprietários do circuito inferior pesquisados no bairro Newton Pereira.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A margem de lucro das pequenas atividades econômicas pesquisadas no Newton Pereira é menor do que a margem de lucro dos agentes dos outros bairros investigados, há uma grande concentração na faixa de ganhos, que vai até um salário mínimo. Segundo os depoimentos, o destino do lucro é dividido entre o consumo familiar e os investimentos na própria atividade.

Com relação ao abastecimento de mercadorias e/ou insumos, os próprios proprietários, em sua maioria, se deslocam para realizar as compras, como podemos ver no quadro 15.

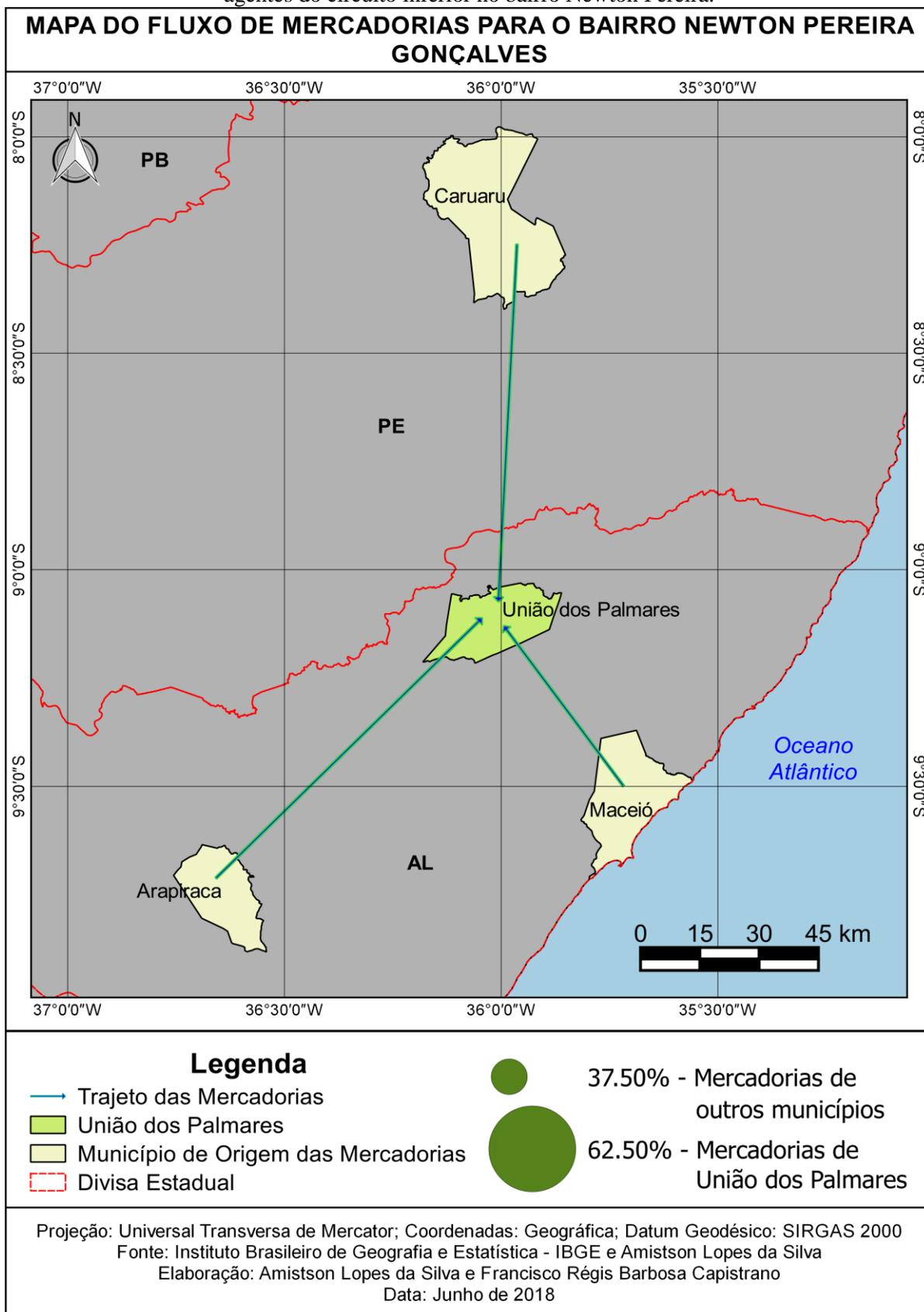
Quadro 15 – União dos Palmares – AL: Compras de mercadorias e/ou insumos para abastecer as atividades do circuito inferior no bairro Newton Pereira.

<b>As mercadorias e/ou insumos são comprados</b>		
A intermediários	6	37,50%
O proprietário se desloca para realizar as compras	9	56,25%
A intermediários e o proprietário se desloca para realizar as compras	1	6,25%

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

As mercadorias têm origem bem diversificada, mas uma boa parte é comprada no próprio município de União dos Palmares, tanto na zona rural quanto na cidade (Mapa 12). Isso deve-se ao fato de o setor de alimento recorrer aos atacadistas e varejistas que estão instalados na cidade e também ao setor agrícola do município.

Mapa 12 – União dos Palmares – AL: Procedência das mercadorias e insumos comercializados pelos agentes do circuito inferior no bairro Newton Pereira.



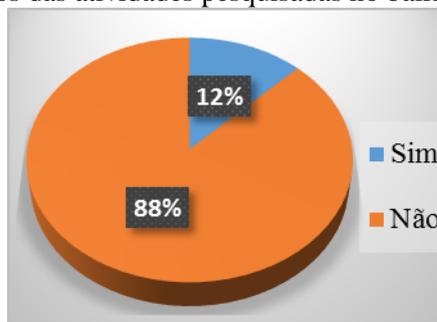
Organização das informações: Amistson Silva.  
 Elaboração Cartográfica: Francisco Capistrano.

As mercadorias e os insumos que têm procedência em outras cidades abastecem o setor de mercadinhos, mas sobretudo o setor de variedades, vestuários e calçados. O setor de maior destaque na área periférica é o setor de alimentos, existem muitos mercadinhos, mercearias e bodegas, e muitas delas funcionam na própria residência. A grande parte se abastece na própria cidade, como apresentado no mapa 12, pois existem dois grandes supermercados que vendem no atacado e no varejo, um pertence a rede Walmart e o outro ao grupo Eliane do Globo, circuito superior nascido em União dos Palmares.

A periodicidade no abastecimento é bem flexível, 31,25% abastecem uma vez por mês, 25% a cada quinze dias, 31,25% semanalmente e 12,50% uma vez por semestre, principalmente porque as lojas de pequenas variedades e de roupas vendem pouco. Mesmo assim, 68,75% disseram que o estoque era suficiente e 31,25% insuficiente. Cabe ressaltar que uma parte significativa disse que o estoque era suficiente devido ao movimento baixo. O estoque insuficiente foi atribuído à inexistência dele, também a demora dos fornecedores de entregarem a mercadoria e a falta de dinheiro para renovar o estoque com mais frequência.

Como característica do local, destaca-se o baixo índice nos atrasos dos pagamentos das compras.

Gráfico 33 – União dos Palmares – AL: Com relação a atrasos nos pagamentos das compras realizadas pelos proprietários das atividades pesquisadas no bairro Newton Pereira.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Esse baixo índice é explicado, uma vez que, 62,50% utilizam somente o dinheiro para realizar as compras das mercadorias, 18,75% usam o boleto bancário, 6,25% cartão de crédito/débito, 6,25% disseram usar ao mesmo tempo, dinheiro, cartão de crédito/débito e 6,25% dinheiro e fiado. De maneira geral não há atrasos nos pagamentos das compras e quando ocorre é por questão de dias.

A respeito das formas de pagamento disponibilizadas aos consumidores do bairro, no quadro 16, é marcante a exigência pelo dinheiro líquido, em segundo plano vem o fiado e raramente o cartão de crédito/débito.

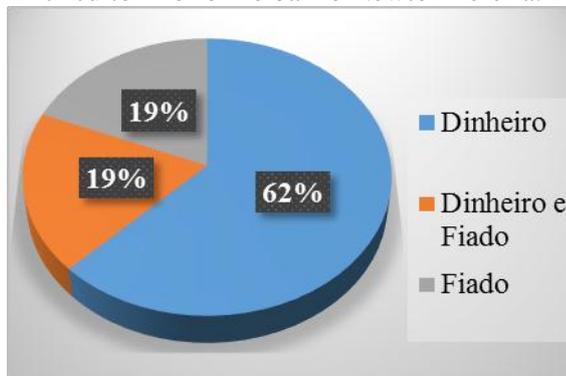
Quadro 16 – União dos Palmares – AL: Formas de pagamento disponibilizadas aos consumidores do circuito inferior no bairro Newton Pereira.

<b>Formas de pagamento disponibilizadas aos consumidores</b>		
Dinheiro	16	100%
Cartão	1	6,25%
Fiado	13	81,25%

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A grande maioria afirmou que não há dificuldade nenhuma em vender fiado, que é muito comum nas áreas periféricas da cidade. No gráfico 34, podemos observar que o número de fiado é grande.

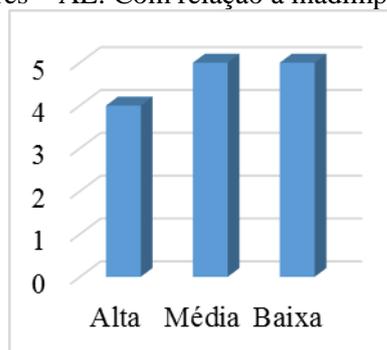
Gráfico 34 – União dos Palmares – AL: Forma principal de pagamento usada pelos consumidores do circuito inferior no bairro Newton Pereira.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Pagamento com cartão de crédito é praticamente inexistente, os clientes utilizam o dinheiro e o fiado. O fiado compromete a organização e o funcionamento das atividades, principalmente porque existe uma forte inadimplência (gráfico 35).

Gráfico 35 – União dos Palmares – AL: Com relação à inadimplência no bairro Newton Pereira.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

É importante considerar o fato de que não há um controle eficiente do fiado, uma vez que a grande maioria ainda usa a arcaica caderneta, poucos trabalham com nota promissória e uma parte importante confia apenas na memória, ou seja, os critérios utilizados para permitir as compras no fiado são basicamente a confiança nos conhecidos e aposentados. Há uma verdadeira solidariedade entre os agentes e os clientes, essa solidariedade é oriunda das necessidades cotidianas de cooperação entre os pobres, que precisam pensar constantemente em formas para sobreviver diante de um contexto de escassez.

#### *Características do circuito inferior da economia urbana no bairro Nova Esperança*

Assim como em todos os outros bairros estudados, no bairro Nova Esperança o circuito inferior é composto por grande diversidade de atividades. Para compreender um pouco do funcionamento e comportamento desse subsistema, foram aplicados 15 questionários em diferentes atividades.

O setor de maior destaque do circuito inferior no bairro Nova Esperança é o setor de serviço, que vem crescendo de forma acelerada nos últimos anos. Nesse sentido Pochmann chama atenção para a importância desse setor na condução da economia citadina e principalmente ao potencial de empregabilidade:

“[...] a categoria de trabalhadores alocada no setor de serviços abrange uma enorme diversidade de formas de contratação laboral nos segmentos estruturados, que incluía as atividades assalariadas de gerência e supervisão em escritórios, por conta própria e autônoma, bem como estratégias simplificadas e brutalizadas de sobrevivência (subemprego e informalidade)” (POCHMANN, 2010, p. 84).

No quadro 17 está posto a quantidade de questionários aplicados por ramo de atividade.

Quadro 17 – União dos Palmares – AL: Ramos de atividades pesquisados no bairro Nova Esperança.

<b>Ramo de atividade do bairro Nova Esperança</b>		
<b>Fabricação</b>	<b>Comércio</b>	<b>Serviços</b>
	2 Lanches ambulantes	1 Lava a jato
	3 Mercadinhos	1 Cabeleireiro
	1 Confeitos, pipocas e bebidas	1 Cabelereiro e conserto de som
		2 Oficinas automotiva
		1 Centro automotivo e mecânica de motos
		1 Salão de beleza
		1 Oficina de moto
		1 Borracharia e mecânica

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Inicialmente temos dois destaques, o primeiro é para a existência dos vendedores ambulantes que não são tão dependentes da clientela do próprio bairro, eles saem a procura, nos escritórios, nas repartições públicas e nos outros bairros, ou seja, percorrem toda a cidade, independentemente da situação climática (SANTOS, 2008c). O segundo destaque é para o funcionamento de dois ramos de atividades totalmente diferentes no mesmo estabelecimento. A mistura de atividades no mesmo ambiente construído é uma importante marca do circuito inferior (SANTOS, 2008c).

Todos os entrevistados (as) são casados (as). O nível de escolaridade é muito baixo, 10 possuíam o fundamental incompleto, 2 o ensino médio incompleto, 1 fundamental completo, 1 sem escolaridade e apenas 1 possui o ensino superior completo. Todos residem no município de União, mas somente 10 residem no Nova Esperança, 3 residem na área central da cidade, 1 no bairro Nossa Senhora das Dores e 1 no loteamento Santa Maria Madalena.

Dos agentes residentes no Centro, 2 pagam aluguéis com valores entre R\$ 301,00 a R\$ 600,00, e 1 mora numa casa financiada pela CEF. A situação de moradia dos demais são: 1 mora numa residência cedida por um parente e 11 proprietários moram em residências próprias. Todas as residências localizadas no próprio bairro são quitadas (PROGRAMA DA RECONSTRUÇÃO DO GOVERNO ESTADUAL, 2010).

Assim como nos outros bairros, os agentes do circuito inferior do bairro Nova Esperança são consumidores em potencial de produtos modernos. Claro que o consumo é bem

seletivo, depende muito da renda de cada indivíduo. Durante a pesquisa, constatamos os seguintes produtos modernos:

Quadro 18 – União dos Palmares – AL: Produtos modernos consumidos pelos agentes do circuito inferior no bairro Nova Esperança.

<b>Produtos oriundos do circuito superior</b>				
<b>TVs e áudio</b>	<b>Eletrrodomésticos</b>	<b>Informática</b>	<b>Telefonia</b>	<b>Veículos</b>
TV e rádio	Geladeira	Notebook	Smartphone	Carro
Micro system	Máquina de lavar	Desktop		Moto
TV a cabo	Micro-ondas	Internet		Bicicleta
Netflix	Freezer			

Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Os dados expostos no quadro 18 também revelam que os agentes do circuito inferior possuem acesso à informação, variável chave do período, assim como o consumo, a tecnologia e as finanças (MONTENEGRO, 2011).

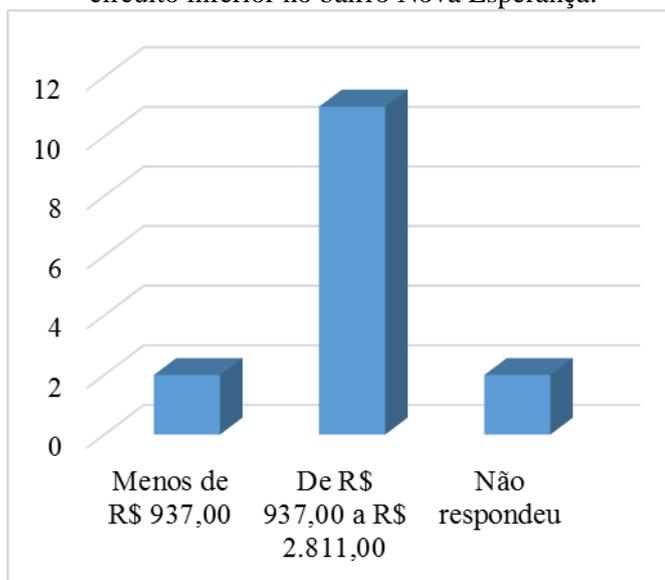
Não há deslocamento até o trabalho para 8 proprietários porque as atividades são extensões de suas residências. Os demais vão de transporte coletivo<sup>19</sup> ou mototaxista<sup>20</sup>, a pé, de carro próprio e/ou de motocicleta própria.

O circuito inferior do Nova Esperança é um pouco mais dinâmico do que o Newton Pereira, pois de acordo com o gráfico 36, a concentração maior da renda está numa faixa que varia de um salário mínimo a três salários mínimos.

<sup>19</sup> Vinculada à Associação de Transporte Complementar interurbano de União dos Palmares, surgiu, em 2013, a primeira linha propriamente urbana de transporte com destino a alguns bairros periféricos de União dos Palmares. [...] Dois anos depois foi criada a Associação de Transporte Urbano Municipal de União dos Palmares – ATUMUP, com o objetivo de realizar o transporte de passageiros para todas as demais periferias da cidade. (SILVA, 2017, p. 214).

<sup>20</sup> A Superintendência Municipal de Transportes e Trânsito - SMTT de União dos Palmares iniciou, na segunda década dos anos 2000, um processo de “regularização” do serviço, concedendo alvará para cada mototaxista vinculado à Associação do município. (SILVA, 2017, p. 218).

Gráfico 36 – União dos Palmares – AL: Renda familiar dos proprietários de estabelecimentos do circuito inferior no bairro Nova Esperança.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No processo de obtenção da renda familiar, a maioria disse que era o único responsável pela renda da família. Outra parcela afirmou ter a ajuda do cônjuge para sustentação da família. A minoria respondeu que era 5 ou mais de 5 pessoas responsáveis. A partir da análise desses dados, expressos na tabela 15, podemos assegurar que há um empobrecimento dessa população, principalmente pela baixa renda e pela quantidade de pessoas que dependem dessa renda.

Tabela 15 – União dos Palmares – AL: Número de pessoas que contribuem para a obtenção da renda familiar dos pesquisados no bairro Nova Esperança.

Número de pessoas	Quantidade de entrevistados	%
1	7	46,67%
2	5	33,33%
5	2	13,33%
Mais de 5	1	6,67%

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Todos os agentes já trabalharam com outras atividades, como dono ou como funcionário. Ao investigar a trajetória profissional encontramos: Soldador industrial; Funcionário na indústria de mármore e granito no estado de São Paulo; Feirante (também trabalha para complementar a renda); Agricultor; Doméstica; Autônomo; Trabalhava com gesso; Lanternagem e pintura de carros e motos; Pequeno empresário; Montador industrial;

A maioria disse que não tem a atividade atual como único meio de sobrevivência, e que estão exercendo a atividade enquanto não aparece melhores oportunidades. Outros afirmaram que ao mesmo tempo que tocam a atividade, também fazem outros bicos, como pedreiro, ajudante de pedreiro, serviços de reparos em alvenaria e derivados. Um proprietário relatou que a principal fonte de renda não era a atividade pesquisada, mas o ponto comercial que ele abre nos dias de feira-livre no centro da cidade<sup>21</sup> e como ele mora no interior do bairro tem que percorrer pouco mais de 3 km para levar suas barracas e mercadorias.

Somente 4 dos 15 entrevistados tinham carteira assinada no trabalho anterior. Quanto ao tempo de existência da atividade atual, 6 disseram que já têm de 1 a 3 anos de funcionamento, 4 possuem mais de 3 a 5 anos, 1 mais de 5 a 10 anos, 3 mais de 10 anos e somente 1 com menos de 1 ano. (As atividades localizadas as margens da rua Juvenal Mendonça ou AL 205 já existiam antes da implementação do bairro Nova Esperança)

Em relação ao motivo principal para ingressarem na atividade, 46,66% disseram que a causa central foi o desemprego, os outros, aparentemente sem muita convicção, além do desemprego falaram da vontade de ter o próprio negócio, complemento de renda e outros fatores.

Em relação ao recurso financeiro utilizado para iniciar o empreendimento, 73,33% afirmaram ter usado recursos próprios, enquanto 26,67% recorrem a empréstimos, sendo uma parte foi de Bancos e a outra de amigos<sup>22</sup> e parentes.

Dos entrevistados, 4 admitiram ainda possuir dívidas referentes a empréstimos bancários, todos no Banco do Brasil, 3 disseram que o valor obtido foi de R\$ 5.000,00 e 1 afirmou ser de mais de R\$ 5.000,00 a R\$ 10.000,00. Nesse sentido, o sistema financeiro vem se mostrando como uma importante forma de empobrecimento das populações e das atividades do circuito inferior da economia urbana.

Para que possam obter uma renda capaz de custear as despesas da família e do próprio empreendimento, os agentes se veem obrigados a trabalhar numa carga horária flexível, sem hora fixa para fechar e muitas vezes não tem dia de folga. Como confirmação dessa afirmação, 8 disseram que abrem todos os dias, 6 de segunda a sábado e 1 de segunda a sexta porque no sábado colocam banca na feira-livre.

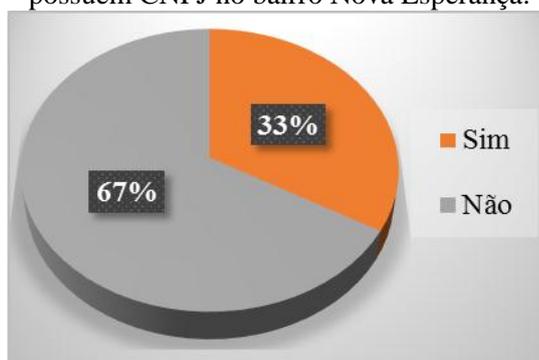
---

<sup>21</sup> No centro da cidade de União dos Palmares funciona uma das maiores feiras-livres da região Serrana dos Quilombos. É reconhecidamente a maior fonte de renda do povo palmarino e ocorre nos dias de segunda-feira, quarta-feira, sexta-feira e aos sábados.

<sup>22</sup> Quando perguntado se o amigo cobrou algum valor como forma de compensação do empréstimo, respondeu que sim. Isso configura a bem conhecida agiotagem, que é uma alternativa mais fácil do recorrer a uma instituição financeira, menos burocracia.

Como podemos analisar no gráfico 37, o número de atividades formalizadas no circuito inferior do bairro Nova Esperança é o menor, comparado a todos os bairros pesquisados.

Gráfico 37 – União dos Palmares – AL: Percentual das atividades pesquisadas do circuito inferior que possuem CNPJ no bairro Nova Esperança.

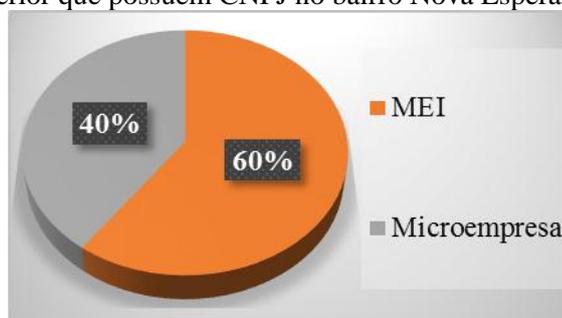


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O processo de formalização dos pequenos negócios é uma estratégia usada pelo Estado para ampliar as formas de obtenção de mais impostos. Quanto mais escassa for a finança mais existirá dificuldade para custear a formalização do pequeno negócio, mesmo com os programas que facilitam a adesão da população mais pobre.

Quanto ao tipo de formalização, a maioria, assim como identificamos nos outros bairros, é MEI, o programa com menor dificuldade burocrática e financeira.

Gráfico 38 – União dos Palmares – AL: Tipo de formalização das atividades pesquisadas do circuito inferior que possuem CNPJ no bairro Nova Esperança.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O circuito inferior é um importante abrigo para população trabalhar, por unidade emprega-se pouca gente, mas a quantidade de emprego é expressiva devido a pulverização de atividades. Nos estabelecimentos pesquisados no bairro Nova Esperança, sem contar com os

15 proprietários entrevistados, contabilizamos no total 25 trabalhadores, mas somente 1 com carteira assinada.

O trabalho familiar é uma característica muito forte também desse bairro, visto que, mais de 50% das pessoas disseram contar com alguém da família para tocar a atividade, 11 no total. Como exemplo do trabalho familiar, encontramos um lava a jato, nessa atividade trabalha o pai, a mãe e a filha (figura 23).

Figura 23 – União dos Palmares – AL: Lava a jato no bairro Nova Esperança.

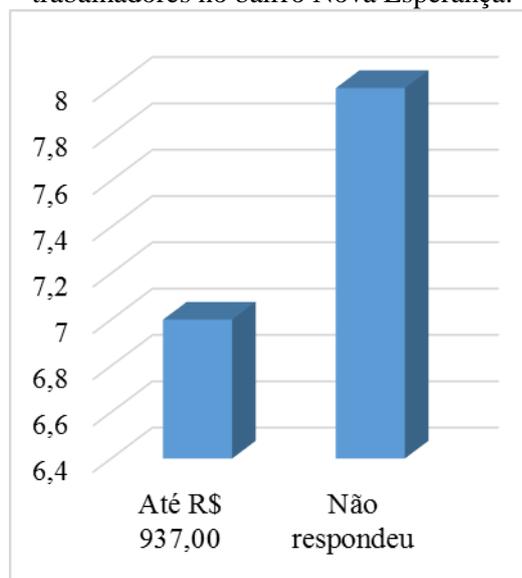


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Na figura 23, podemos também notar que os agentes acabam utilizando a própria residência e parte da rua, um espaço pequeno e inadequado, para desenvolver a atividade.

Quando tratamos sobre a média de salário pago aos trabalhadores, a imensa maioria, demonstrando receio, preferiu não responder. Os que responderam, disseram que não tinham condições de pagar mais que um salário, como podemos apreciar no gráfico 39.

Gráfico 39 – União dos Palmares – AL: Média de salário pago pelos proprietários aos seus trabalhadores no bairro Nova Esperança.

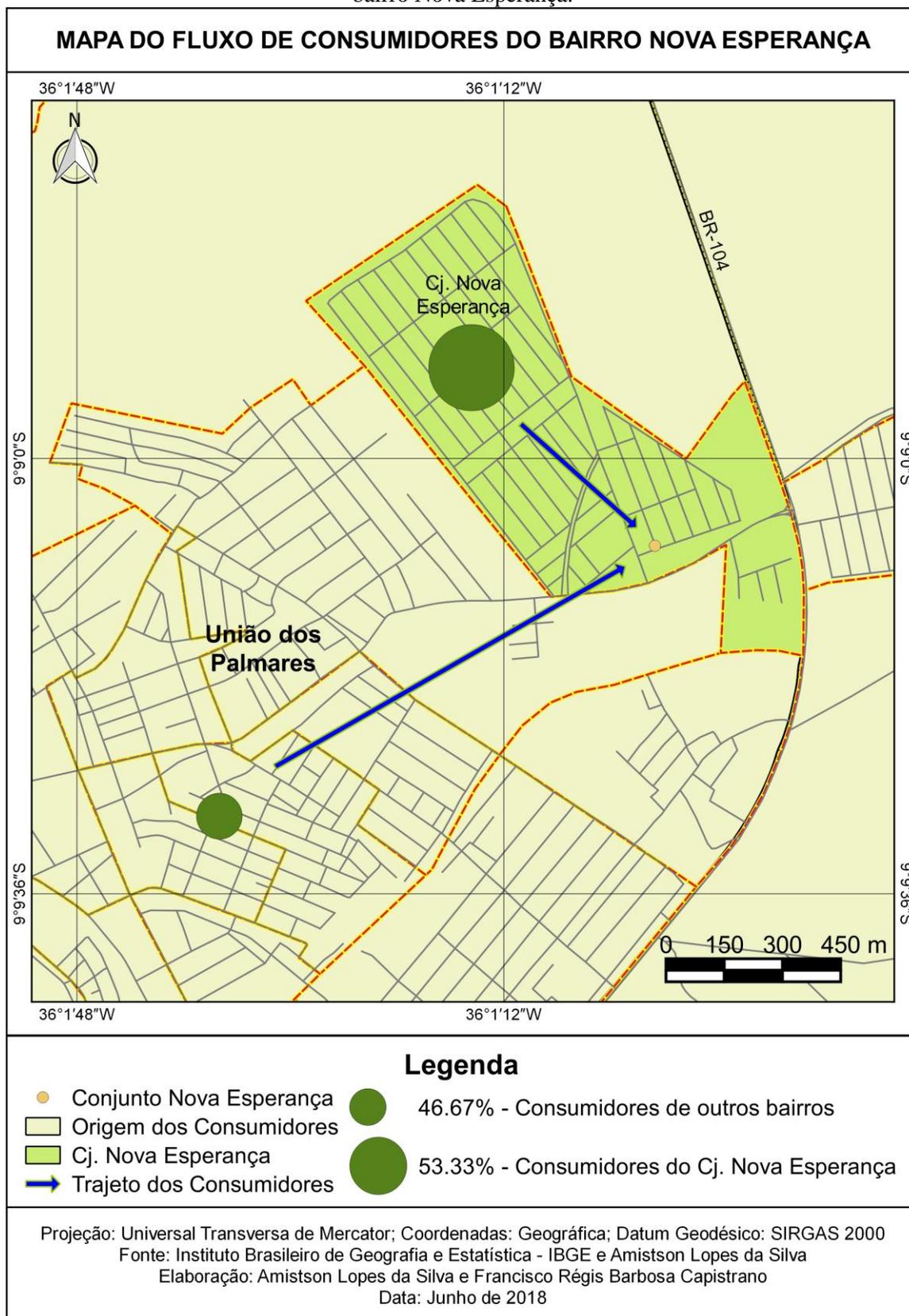


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O espaço urbano em que estão localizados os pequenos negócios não é muito movimentado, tendo em vista que 8 consideraram o fluxo de carros e de pessoas relativamente alto, 4 disseram que era médio e 3 que o fluxo era baixo. Para 2 o período de maior venda é no final do mês, enquanto 3 agentes afirmaram ser no início do mês, já a grande maioria, mais especificamente 10 deles, consideraram, em suma, o movimento das vendas bem equilibrado, pois o movimento é fraco, vende-se pouco, mas todo dia.

Mesmo quando é época de pagamento dos funcionários públicos, aposentados e beneficiários de programas sociais do governo, o movimento não se altera muito, principalmente porque a grande maioria realiza as compras principais no centro da cidade. A população que consome no circuito inferior localizado no interior do bairro é eminentemente da própria cidade, mas sobretudo do próprio bairro, como é apresentado no mapa 13.

Mapa 13 – União dos Palmares – AL: Procedência da população que consome no circuito inferior do bairro Nova Esperança.



Organização das informações: Amistson Silva.  
 Elaboração cartográfica: Francisco Capistrano.

Mas nos estabelecimentos localizados na Rua Juvenal Mendonça, uma das principais vias de acesso ao centro da cidade, recebem consumidores também da cidade de Iateguara, São José da Laje e até mesmo de cidades de Pernambuco, bem como de outros bairros de União dos Palmares como Newton Pereira, Roberto Correia de Araújo, Sagrada Família e Santa Fé. Eles buscam serviços de oficinas de carro e de moto, borracharias e mercadinhos de médio porte (figura 24).

Figura 24 – União dos Palmares – AL: Oficina mecânica localizada na rua Juvenal Mendonça no bairro Nova Esperança.

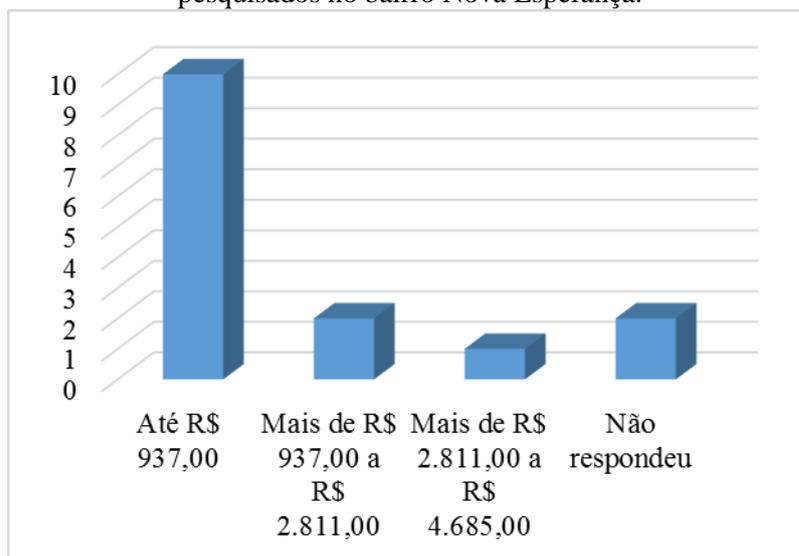


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

As despesas com taxas de consumo de água variam entre R\$ 32,50 e R\$ 100,00, já a de energia fica em torno de R\$ 30,00 e R\$ 70,00. Somente um agente não tem energia elétrica e apenas um, paga pouco mais de R\$ 100,00 de tarifa de água devido ao lava a jato. Somente um afirmou que possuía despesa com telefone fixo, R\$ 40,00.

Todas essas tarifas servem para sustentar a máquina pública e para prejudicar o lucro dos agentes do circuito inferior, que já é tão baixo, como é demonstrado no gráfico 40.

Gráfico 40 – União dos Palmares – AL: Média mensal de lucro dos proprietários do circuito inferior pesquisados no bairro Nova Esperança.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Assim como o Newton Pereira, no Nova Esperança o lucro mensal da imensa maioria oscila bastante, mas não passa do salário mínimo. Um grupo menor chega a obter lucros na faixa de um a três salários mínimos e muito raramente de três a cinco salários mínimos.

O baixo rendimento repercute na forma de abastecimento, o estoque é pequeno e em muitos casos é nulo. As mercadorias e os insumos são comprados, em sua maioria, diretamente aos fornecedores e a menor parte dos agentes recorrem aos intermediários (quadro 19).

Quadro 19 – União dos Palmares – AL: Compras de mercadorias e/ou insumos para abastecer as atividades do circuito inferior no bairro Nova Esperança.

<b>As mercadorias e/ou insumos são comprados?</b>		
A intermediários	2	13,33%
O proprietário se desloca para realizar as compras	7	46,66%
A intermediários e o proprietário se desloca para realizar as compras	6	40%

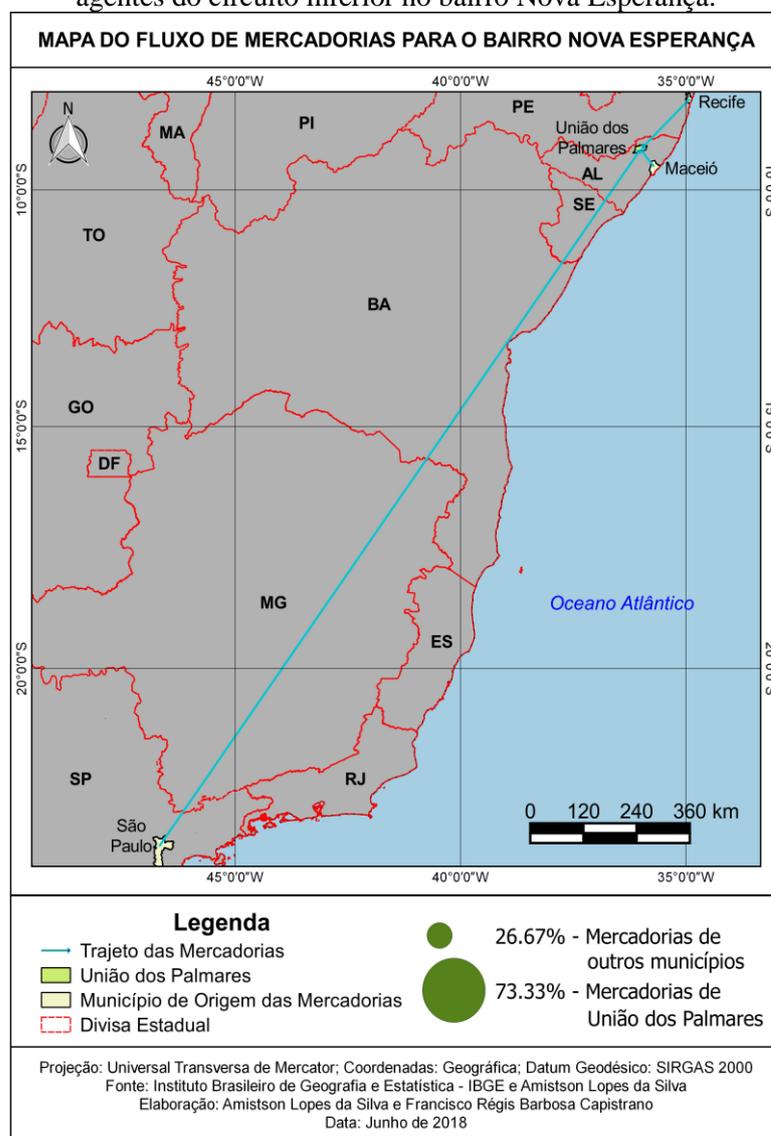
Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Os proprietários acumulam todas as funções de funcionamento das atividades, do controle financeiro ao abastecimento. Para melhorar os ganhos são obrigados a se deslocarem para realizar as compras, mas na prática também gera mais gastos porque tem que usar o próprio carro ou mesmo quando se organizam para fretar o transporte.

Nesse sentido, a relação dos agentes do circuito inferior com seus clientes passa a sofrer interferências do circuito superior, principalmente porque há a necessidade de se abastecer neste circuito (SILVA, 2017). Isso é mais evidente quando os produtos são do ramo de mercearia básica. A procedência das mercadorias e dos insumos, que podemos ver no mapa 14 a seguir, reafirma também coexistência dos dois circuitos da economia urbana. Essa dialética desmonta completamente a visão dualista que ainda persiste no âmbito acadêmico (SANTOS, 2008c).

O circuito inferior do bairro Nova Esperança se abastece no circuito superior marginal da própria cidade de União dos Palmares, principalmente o setor de comércio de alimentos.

Mapa 14 – União dos Palmares – AL: Procedência dos insumos e mercadorias comercializadas pelos agentes do circuito inferior no bairro Nova Esperança.



Organização das informações: Amistson Silva.  
 Elaboração Cartográfica: Francisco Capistrano.

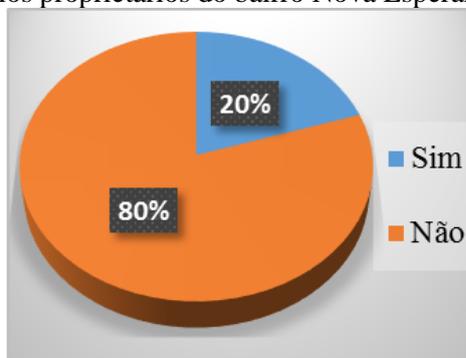
O setor de serviços e comércio de vestuários recorrem a outras localidades como, Maceió, Caruaru, Toritama, Recife, como podemos apreciar no mapa 14. A dona do salão de beleza disse que a maior parte de suas compras são realizadas pela internet, principalmente de produtos da região Sudeste do Brasil.

A periodicidade das compras é bem variável, já que 6 agentes responderam que não possuíam nenhum controle sobre o período exato para realizar as compras porque depende muito da necessidade e dos pedidos dos clientes. Três fazem compras toda semana, outros 3 a cada quinze dias e 3 uma vez no mês.

No tocante ao estoque, 4 agentes consideraram suficiente e 11 disseram que o estoque era insuficiente. A justificativa foi a mesma, lucro baixo e pouco movimento. Não conseguem investir muito na estrutura física para ampliar o estoque.

Para obter a mercadoria, 10 proprietários disseram que usam somente o dinheiro líquido para pagar as compras, os demais disseram que usam além do dinheiro a nota promissória e muito raramente cartão de crédito/débito e boleto bancário. Porém, ainda existem atrasos nos pagamentos, como podemos ver no gráfico 41.

Gráfico 41 – União dos Palmares – AL: Com relação a atrasos nos pagamentos das compras realizadas pelos proprietários do bairro Nova Esperança.



Fonte: trabalho de campo, 2017.

Os 20% que relataram algum tipo de atraso, atribuíram a demora que os clientes passam para pagá-los, mas esses atrasos não chegam a um mês.

Sobre as formas de pagamento disponibilizadas aos clientes do circuito inferior do bairro Nova Esperança, além do dinheiro líquido os agentes são levados a disponibilizar o fiado. O uso do cartão de crédito/débito é baixo porque no ato da compra o valor aumenta um pouco para o consumidor devido às taxas de manutenção pagas pelo serviço.

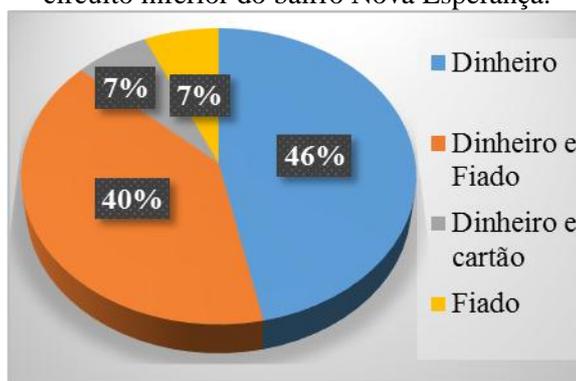
Quadro 20 – União dos Palmares – AL: Formas de pagamento disponibilizadas aos consumidores do circuito inferior do bairro Nova Esperança.

<b>Formas de pagamento disponibilizadas aos consumidores</b>		
Dinheiro	15	100%
Cartão	3	20%
Fiado	12	80%

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Conforme o quadro 20, o número de agentes que disponibilizam o fiado é alto. Quando comparamos com os outros bairros pesquisados, constatamos que a necessidade de vender fiado é maior nas áreas periféricas do que na área central da cidade. Isso repercute também no número de pessoas que utilizam como forma principal de pagamento o fiado (gráfico 42).

Gráfico 42 – União dos Palmares – AL: Forma principal de pagamento usada pelos consumidores do circuito inferior do bairro Nova Esperança.

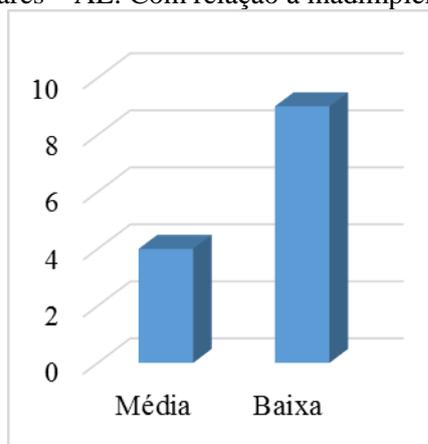


Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Quanto mais pobre e distante do centro é o bairro mais o fiado ganha força, mas o dinheiro líquido continua sendo a principal forma de pagamento exigida pelo sistema.

Apesar de não utilizarem objetos técnicos modernos para controlarem o fiado, o índice de inadimplência é considerado baixo, como podemos notar no gráfico 43.

Gráfico 43 – União dos Palmares – AL: Com relação à inadimplência no bairro Nova Esperança.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A relação entre os clientes é também uma variável que diferencia os dois circuitos, e o fiado é um elemento importante dessa conjuntura. No circuito inferior, a relação é mais pessoal, o fiado é um símbolo disso, primeiro porque o controle é desburocratizado e muito flexível, visto que grande parte usa a “arcaica” caderneta ou simplesmente a memória. Segundo, porque os agentes concedem o fiado aos conhecidos, amigos, clientes antigos ou por indicação.

Desse modo, como o período técnico-científico-informacional não consegue inserir a totalidade da população economicamente ativa nem os jovens trabalhadores no setor moderno de trabalho, não podemos negar a legitimidade e eficácia do circuito inferior no que tange a perspectiva de novas oportunidades de trabalho e consumo. Para Milton Santos (2008c), pobreza e circuito inferior são sinônimos, logo a difusão de diversas formas de trabalho, que constituem este circuito na cidade de União dos Palmares, aponta que há um empobrecimento da sua população. Nesse sentido, não podemos tratar a pobreza apenas como uma categoria econômica, temos que tratá-la, acima de tudo, como uma categoria política. “Estamos lidando com um problema social” (SANTOS, 2009b, p. 18).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização tem levado as pessoas a se comprometerem ideologicamente com o capital, levando-as a uma competitividade excessiva, comprometendo toda a solidariedade orgânica e causando uma verdadeira escassez que aumenta, ferozmente, a pobreza no mundo. Como diz Santos (2008f), estamos diante de uma realidade perversa, na qual aflora os comportamentos extremamente competitivos de se manter no mercado de trabalho.

Esse movimento é fomentado arbitrariamente pelo sistema de informação, porque coisifica o trabalho humano, transformando o ser humano em um mero resíduo perante esse processo. Cada vez mais os lugares são requalificados para atenderem os interesses dos agentes hegemônicos da economia e da política. Essa é a feição geográfica da globalização em pleno meio técnico-científico-informacional.

A globalização se impõe de forma muito dura, pois segrega, fragmenta e gera escassez, cria dificuldades imensas de sobrevivência ao homem, principalmente pela competitividade do mercado e da vida cotidiana. É evidente que as condições técnicas deste período são favoráveis para sanar a toda e qualquer escassez, porém, o imperialismo capitalista insiste em se impor e consolidar o “deus” dinheiro como o centro do mundo (SANTOS, 1997). Daí o sistema financeiro se alarga por todo o território, normatiza tanto o território quanto a ação social principalmente quando fornece empréstimos bancários aos agentes do circuito inferior, como foi demonstrado nos capítulos deste trabalho.

Segundo Santos (2006, p. 18) “este mundo globalizado, visto como uma fábula erige como verdade certo número de fantasias, cuja repetição, entretanto, acaba por se tornar uma base aparentemente sólida de sua interpretação”. É uma ideologia que não cria nada, porém se apresenta como uma arma poderosa para manter o curso das criações efetivadas por grupos sociais hegemônicos, esta é uma marca atual do meio técnico-científico-informacional que politicamente é chamado de globalização, que para a grande maior parte da humanidade está se impondo como uma fábrica de perversidades: desemprego crescente, pobreza” (SANTOS, 2006).

Desse cenário surgiu uma verdadeira pulverização de atividades econômicas desenvolvidas pelos habitantes mais abastados na cidade. Por esse motivo se configura a relação entre a população pobre com o circuito inferior da economia urbana, é no circuito inferior que a população pobre da cidade encontra oportunidades de consumo e de emprego.

Os negócios não hegemônicos aumentam e se apresentam como uma verdadeira arte de sobrevivência dos mais pobres na cidade, é nesse sentido que o território se impõe como

abrigo e como possibilidade para as pessoas viverem. Esse movimento gera constantemente o acirramento da divisão social e territorial do trabalho, mas sobretudo ocorre um empobrecimento da sociedade. Em União isso se dá por meio da seletividade espacial, lugares com maior grau de infraestrutura e com mais equipamentos modernos, como é o caso da área central da cidade, e outros com menor grau, como nos bairros periféricos pesquisados.

O desemprego é um grande problema do período atual para as cidades, tanto que a grande maioria dos proprietários entrevistados nas quatro áreas, quando perguntados sobre a motivação para começar a atividade, relataram que o desemprego era o principal motivo. Mas também teve aqueles que começaram com a atividade por vontade de ter o próprio negócio e outros por quererem complementar a renda familiar. Nesse sentido, a investigação sobre o circuito inferior nas áreas central e periférica palmarina, ratifica a importância dos pequenos empreendimentos para a população pobre obter algum tipo de renda, principalmente porque nas cidades interioranas as atividades do circuito não moderno muitas vezes são a única forma de sobrevivência frente à escassez.

O trabalho no circuito inferior é mal remunerado, há mais trabalho intensivo. Essa realidade é mais severa na área mais periférica, uma vez que o salário pago aos trabalhadores não chega a ser o salário mínimo, como é o caso do bairro Nova Esperança. No geral, os proprietários dos estabelecimentos do circuito inferior não informaram com exatidão o quanto pagam aos trabalhadores, temendo algum tipo de fiscalização, nessa ocasião alguns disseram que pagavam por comissão de venda e outros um valor proporcional ao movimento semanal, por isso não sabiam ao certo o valor do salário.

A manifestação da pobreza por meio do circuito inferior se dá de maneira diferente na cidade, segundo Santos (2008c) existem dois tipos de circuito inferior, o central e o residencial. Em União dos Palmares, a área central apresenta resultados mais expressivos em detrimento das áreas periféricas quando analisamos variáveis: renda; compra e venda de mercadoria; emprego; organização; finanças. É na área central que o circuito inferior apresenta uma abrangência espacial maior, fazendo com que a cidade desempenhe um papel importante na rede urbana da região. Os bairros periféricos pesquisados, Roberto Correia de Araújo e o Nova Esperança de certo modo apresentam um circuito inferior também de característica central, visto que possuem abrangência que vai além do próprio bairro e até mesmo da própria cidade. Já o bairro Newton Pereira tem seu funcionamento voltado para atender exclusivamente a população do próprio bairro, ou seja, é 100% um circuito inferior residencial. Isso revela que quanto mais as atividades econômicas dependerem dos consumidores do próprio bairro, mais pobre é o lugar, pois gera mais escassez.

A partir da investigação sobre o comportamento e o funcionamento do circuito inferior nas áreas central e periférica, concluímos também que há uma intensificação da divisão territorial e social do trabalho, já que o nível da renda e o grau de infraestrutura é mais significativa no centro e, quanto mais distante do centro for o bairro, menor é a renda obtida e mais opaco é o território de equipamentos mais modernos, o que resulta numa maior valorização do solo urbano na área central, já que o valor dos aluguéis dos imóveis são bem elevados em detrimento das outras áreas.

Com relação a seletividade espacial e a escassez de infraestrutura, foi no bairro Robertão que verificamos um meio ambiente construído mais deteriorado e segmentado. Mas mesmo assim encontramos atividades econômicas praticamente em todas as ruas do bairro, até nas ruas mais carentes de pavimentação. Porém a maior concentração de atividades se dá nas principais ruas do bairro por apresentar melhores condições estruturais.

A participação do circuito inferior em circuitos espaciais de produção mais amplos ocorre devido à expansão do consumo nas classes pobres da cidade, mas não significa dizer que há uma redução da pobreza, principalmente por causa do avanço do sistema financeiro que acaba endividando os mais pobres.

A racionalidade do circuito inferior é dada pelos agentes hegemônicos, pelos pobres, numa relação de horizontalidade no território. Portanto, o circuito inferior não pode ser visto como uma economia informal, irracional ou ilegítima, pois funciona de acordo com uma lógica, acima de tudo é um sistema social porque envolve todas as dimensões em que a vida se dá.

Em suma, o circuito inferior nas áreas investigadas preserva muito das características originais, apresenta poucas modificações, mas podemos destacar dois elementos importantes. Primeiro, temos o uso das redes sociais (*Whatsapp, Facebook e Instagram*) na dinâmica de compra e venda de produtos, principalmente na mediação direta da relação pessoal entre cliente e vendedor. Isso ocorre em todos os bairros por causa do acesso facilitado aos aparelhos celulares smartphones. Esses novos elementos são resultado da difusão do meio técnico-científico-informacional, ainda que desigual e seletivo, atinge em graus distintos as diversas parcelas do território palmarino. Nesse sentido, ao mesmo tempo que a globalização acentua a pobreza urbana, contraditoriamente permite que a população mais pobre utilize esses elementos informacionais para potencializar a vida nos lugares, é uma verdadeira resiliência social.

Segundo, um dado novo é a formalização de muitas atividades do circuito inferior que vem ocorrendo nos últimos 16 anos no Brasil devido as políticas públicas adotadas pelo

Governo Federal. Esse é um dado novo para os agentes do circuito inferior por promover a sensação de legalidade e por também gerar alguma garantia de seguridade social. Quando comparamos as áreas pesquisadas, constatamos que existe mais atividades formalizadas na área central do que nas áreas periféricas. A questão da formalização é um tópico importante, mexe com o psicológico dos agentes, tanto que a maioria relatou que sempre que pode busca formalizar seu negócio.

O circuito inferior é importante porque é abrigo para milhares de trabalhadores, mesmo desprezado pelo poder político, já que não há nenhum investimento, é fundamental para a cidade de União porque gera renda e dinamiza a rede urbana com sua abrangência espacial que se dá em torno do setor econômico não moderno.

Destarte, o circuito inferior da economia urbana se apresenta de forma paradoxal, uma vez que, ao mesmo tempo que serve para manutenção e a reprodução da pobreza em União dos Palmares, também se impõe enquanto resposta ao circuito superior.

Dado seu potencial de dinamizar a economia da cidade e promover refúgio à população pobre para sobreviver, é fundamental que haja uma ação social movida pelo poder público em forma de solidariedade geográfica político-institucional que transforme a economia dos pobres em atividades menos dependentes do circuito moderno, valorizando, protegendo e otimizando as políticas públicas de proteção e revalorização das atividades do circuito inferior nas suas particularidades territoriais. Esse deve ser o caminho para redefinir o meio de sobrevivência da população pobre das cidades.

## REFERÊNCIA

ALMEIDA, E. P. de. **A metropolização-periferização brasileira no período técnico-científico-informacional**. 2000. 234 f. (Dissertação de Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 2000.

ANDRADE, M. C. de. **Usinas e destilarias das Alagoas: uma contribuição ao estudo da produção do espaço**. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 1997, 136p.

\_\_\_\_\_. **Modernização e pobreza: a expansão da agroindústria canvieira e seu impacto ecológico e social**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 1994, 250p.

\_\_\_\_\_. **A terra e o homem no Nordeste**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973, 226p.

ARROYO, M. A economia invisível dos pequenos. **In: Le monde diplomatique**. São Paulo, ano 2, n. 15, p. 30-31, outubro 2008.

ARROYO, M. Dinâmica territorial, circulação e cidades médias. **In: SPÓSITO, E. S., SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (organizadores). Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p.71-85.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação (SAGI). Disponível em: <http://mds.gov.br/bolsafamilia>. Acesso em junho de 2018.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cadastro Central de Empresas 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

\_\_\_\_\_. **Secretaria Municipal de Cultura**. 2016. Fotografia.

\_\_\_\_\_. Ministério das Cidades, Departamento Nacional de Trânsito – **DENATRAN**, 2016.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=270930&search=alagoas|unia-o-dos-palmares|infograficos:-historico>. Acesso em 18 de setembro de 2016.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2010**. Alagoas. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2000**. Alagoas. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1991**. Alagoas. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1980**. Alagoas. Rio de Janeiro: IBGE, 1982.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1970**. Alagoas. Rio de Janeiro: IBGE, 1972.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1960**. Alagoas. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1950**. Estado de Alagoas. Vol. XVIII, tomo 1. Rio de Janeiro: IBGE, 1955a.

CARVALHO, C. P. de. **Formação histórica de Alagoas**. 3. ed. rev. e ampl. Maceió: Edufal, 2015, 352p.

\_\_\_\_\_. **Análise da reestruturação produtiva da agroindústria sucroalcooleira alagoana**. 3. ed. Maceió: Edufal, 2009, 111p.

CATAIA, M. A. Território Político: fundamento e fundação do Estado. **Sociedade e Natureza**, Urbelândia, v. 23, n. 1, p. 115-125, abril, 2011.

CONTEL, F. B. Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. 2006, 232f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2006.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995, 95p.

\_\_\_\_\_. “A vida urbana em Alagoas: a importância dos meios de transporte na sua evolução”. In: **Terra Livre** – AGB. Janeiro/Julho n. 10, 1992, p. 93-116.

DIÉGUES JR, M. **O banguê nas alagoas: traços de influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional**. 3. ed., Maceió: EDUFAL, 2006.

FRAGOSO JÚNIOR, C. R., *et al.* Reflexões sobre a cheia de junho de 2010 nas bacias do rio Mundaú e Paraíba. **X Simpósio Regional Brasileiro de Recursos Hídricos. Fortaleza/CE. 2010**. Disponível em: <<http://www.ctec.ufal.br/professor/vap/Cheia2010.pdf>> Acesso em setembro de 2017.

GOTTDIENER, M. **A Produção Social do Espaço Urbano**. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, (ponta; 5), 312p.

GOTTMANN, J. A evolução do conceito de território. Tradução de Isabela Fajardo e Luciano Duarte. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, p. 523-545, 2012.

GOVERNO DO ESTADO DE ALAGOAS. **Programa da Reconstrução dos Atingidos pelas Enchentes**. Brasília – DF, 06 de outubro de 2010.

HUERTAS, D. M. **Território e circulação: transporte rodoviário de carga no Brasil**. São Paulo: 2013, 408f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

LE GOFF, J. **A História deve ser dividida em pedaços?** Tradução de Nícia Adan Bonatti. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, 152p.

LIRA, F. J. de. **Formação da riqueza e da pobreza de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2007, 320p.

MEDEIROS, D. A. de. **Financeirização do Território e Circuitos da Economia Urbana: Agentes de crédito, técnicas e normas bancárias.** Um exemplo em Alagoas. São Paulo: 2013, 276f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

MELGAÇO, L. de M. Por uma ciência do atrito: ensaio dialético sobre a violência urbana. **Geografias Artigos Científicos.** São Paulo: PUC, v. 1, n. 1, p. 98-110, 2005.

MINISTÉRIO DO INTERIOR. **Relatório preliminar de desenvolvimento local integrado do município de União dos Palmares.** Alagoas: 1971.

MONTENEGRO, M. R. **Globalização, Trabalho e Pobreza no Brasil Metropolitano: O circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém.** São Paulo: 2011, 303f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011.

\_\_\_\_\_. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização.** São Paulo: 2006, 203f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

MOREIRA, M.S.; SILVA, M.A. A enchente de 2010 em união dos palmares - al: os impactos socioambientais das áreas ribeirinhas. **REGET/UFSM,** Santa Maria, v. 15 n. 15, p. 2977-2989, out. 2013.

MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.** Tradução de Neil R. da Silva. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 741p.

POCHMANN, M. **Desenvolvimento, trabalho e renda no Brasil: avanços recentes no emprego e na distribuição dos rendimentos.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2010, 104p.

PREFEITURA DE UNIÃO DOS PALMARES. **Secretaria de Infraestrutura.** União dos Palmares – AL, 2017.

PREFEITURA DE UNIÃO DOS PALMARES. **Secretaria Municipal de Saúde.** União dos Palmares – AL, 2017.

PREFEITURA DE UNIÃO DOS PALMARES. **Plano Diretor Participativo Desenvolvimento Integrado (PDPDI).** União dos Palmares – AL, 2006.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993, 269p.

SANTOS, M. **Economia Espacial: Críticas e alternativas.** 2. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011, (Coleção Milton Santos; 3), 208p.

\_\_\_\_\_; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010, 476p.

\_\_\_\_\_ **A Natureza do Espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009a, 384p.

\_\_\_\_\_ **Pobreza Urbana.** 3. ed. São Paulo: Edusp, 2009b. 136p.

\_\_\_\_\_ **Pensando o Espaço do Homem.** 5. ed., 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009c, 96 p.

\_\_\_\_\_ **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo.** 5. ed. São Paulo: Edusp, 2009d, 136p.

\_\_\_\_\_ **Espaço e Método.** 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008a, 120p.

\_\_\_\_\_ **A Urbanização Brasileira.** 5. ed., 1. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008b, 176p.

\_\_\_\_\_ **O Espaço Dividido:** Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008c, 440 p.

\_\_\_\_\_ **Manual de Geografia Urbana.** 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008d, 232p.

\_\_\_\_\_ **Técnica, Espaço e Tempo:** Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008e, 176p.

\_\_\_\_\_ **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008f, 176p.

\_\_\_\_\_ O território e o dinheiro. **In: Território, Territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_ O papel ativo da geografia: um manifesto. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 103-109, 2000.

\_\_\_\_\_ **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997, 125p.

\_\_\_\_\_ O retorno do território. **In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (Org.). Território: globalização e fragmentação.** 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 15-20.

\_\_\_\_\_ Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método. Tradução de Maria Encarnação Vasquez. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, n. 54, p. 81-99, 1977.

SEPLAN – SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE ALAGOAS. **Estado de Alagoas.** Plano de ação do governo (1976 – 1979). Maceió, 1976.

SILVA, F. A. **A pobreza na Região Canavieira de Alagoas no século XXI:** do Programa Bolsa Família à dinâmica dos circuitos da economia urbana. Campinas: 2017, 321f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017.

\_\_\_\_\_. Política de Transferência Direta de Renda e Circuito Inferior da Economia Urbana em União dos Palmares – AL: Novas Interações Espaciais. **In: Anais Do XIV Simpósio Nacional De Geografia Urbana** – Universidade Federal Do Ceará – UFC, GT – 4: Economia Urbana, Trabalho, Comércio E Consumo. Fortaleza, 08 A 12 De Setembro, 2015, 23p.

\_\_\_\_\_; SOUSA, R. O processo de urbanização de União dos Palmares – AL e a diversificação/fragmentação recente de sua economia urbana. **In: Sociedade e Território**. Natal, v. 25, n. 1, p. 80-101, jan./jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **Da Banalização Técnica à Reestruturação do Circuito Inferior no Período Popular da História: uma Análise a partir do Circuito Espacial de Produção dos Cds e Dvds “piratas” em União dos Palmares**. 2012. 106f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual de Alagoas, Campus Zumbi dos Palmares. União dos Palmares, 2012.

SILVA NETO, A. L. DA. **O circuito inferior da economia urbana em São Miguel dos Campos – AL no período técnico-científico-informacional**. Maceió: 2016. 164f. Dissertação (Mestrado em geografia Humana). Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2016.

SILVA, I. L. da. et. al. Pobreza urbana em União dos Palmares; Reflexões a partir do seu processo de urbanização. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 1, 2014, Vitória/ES. **Anais do VII CGB – ISBN: 978-85-98539-04-1**. Vitória: AGB, 2014, p. 1-11.

SILVA, C. L.; PIMENTEL, M. A. L. **Uso do território: periferias e desigualdades na cidade de União dos Palmares – AL**. União dos Palmares: 2011. 82f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Estadual de Alagoas. União dos Palmares: 2011.

SILVA, K. de O. A periferização causada pela desigual urbanização brasileira. **In: Revista Urutágua**, Maringá, n. 11, Dez./Jan./Fev./Mar., 2007, pp. 1-10.

SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 55, vol. 22, Jan./Abr. 2009, pp. 65-76.

\_\_\_\_\_. Escala geográfica: da ação ao império? **In: Terra Livre**, n. 23, vol. 2, jul./Dez. Goiânia: AGB, 2004a, pp. 87-96.

\_\_\_\_\_. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas. **Cuadernos del CENDES**, vol. 21, n. 57, sep./dic., 2004b, pp. 1-21.

\_\_\_\_\_. Uma Situação Geográfica: do método à metodologia. **In: Revista TERRITÓRIO**, ano IV, n. 6, jan./jun. 1999, pp. 21-28.

SOUZA, S. L. DE. **A dinâmica do circuito inferior da economia urbana no bairro Roberto Correia de Araújo em União dos Palmares – AL**. 2016. 62f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual de Alagoas, Campus Zumbi dos Palmares, União dos Palmares, 2016.

SOUZA, M. A. A. DE. **Política e território: a geografia das desigualdades**. FORUM BRASIL EM QUESTÃO. Brasília, jun. 2002. Mimeo.

SPÓSITO, M. E. B. **Capitalismo e Urbanização**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2000, 80p.

TENÓRIO, D. A. O ciclo do algodão e as vilas operárias. In: TENÓRIO, D. A.; LESSA, G. L. **O ciclo do algodão e as vilas operárias**. Maceió: Sebrae, 2013, 144p.

XAVIER, M. A. de M. **Os elos entre os circuitos da economia urbana brasileira no atual período: Os atacadistas distribuidores e seu papel intermediador**. Campinas, 2009, 208f. Tese

(Doutorado em Ciências, Análise Ambiental e Dinâmica Territorial). Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

A COMPANHIA HIDRELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO (CHESF). Disponível em: <https://www.chesf.gov.br/SistemaChesf/Pages/SistemaGeracao/ComplexoPauloAfonso.aspx>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

**APÊNDICE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL**  
**INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE-**  
**IGDEMA**

Projeto de Pesquisa: Uso do território na cidade de União dos Palmares – AL: o circuito inferior nas suas áreas central e periférica

Pesquisador: Amistson Lopes da Silva  
 Profa. Dra. Eliza Pinto de Almeida – Orientadora

**Questionário**

Município: União dos Palmares/Alagoas

Número do questionário: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_

Ramo da atividade: \_\_\_\_\_

**Identificação do entrevistado.**

1 Idade: \_\_\_\_\_

2 Sexo:  Masculino  Feminino

3 Estado civil:  Solteiro(a)  Casado(a)

4 Grau de escolaridade:  Sem escolaridade  Ensino fundamental (1º grau) incompleto  Ensino fundamental (1º grau) completo  Ensino médio (2º grau) incompleto  Ensino médio (2º grau) completo  Superior incompleto  Superior completo  Mestrado ou doutorado  Não sei informar

5 Reside em União dos Palmares?  Sim  Não/ caso não, qual a cidade? \_\_\_\_\_

6 Caso sim, qual bairro você mora?  Centro  Periferia/Qual? \_\_\_\_\_

7 Dados do domicílio:  Quitado  Financiado  Alugado  Cedido

8 Caso alugado, qual o valor do aluguel?  Menos de R\$ 100,00  De R\$ 101,00 a R\$ 300,00  De R\$ 301,00 a R\$ 600,00  De R\$ 601,00 a R\$ 900,00  Mais de R\$ 900,00

9 Tem no domicílio:

TV \_\_\_\_\_  Rádio \_\_\_\_\_  Internet \_\_\_\_\_  Geladeira \_\_\_\_\_  Micro-ondas \_\_\_\_\_  Máquina de lavar \_\_\_\_\_  TV a cabo \_\_\_\_\_  Telefone fixo \_\_\_\_\_  Computador \_\_\_\_\_  Notebook \_\_\_\_\_  Carro \_\_\_\_\_  Ar condicionado \_\_\_\_\_  Motocicleta \_\_\_\_\_  Netflix \_\_\_\_\_  Freezer \_\_\_\_\_  Frigobar \_\_\_\_\_  Home Theater \_\_\_\_\_

10 Caso o estabelecimento não seja na própria residência. Como se desloca para o trabalho?  A pé  Moto própria  Moto táxi  Carro próprio  Transporte coletivo  Outros \_\_\_\_\_

11 Renda familiar (S. M. 2017):

Menos de R\$ 937,00  De R\$ 937,00 a R\$ 2.811,00  Mais de R\$ 2.811,00 a R\$ 4.685,00  Mais de R\$ 4.685,00

12 Quantas pessoas contribuem para a obtenção dessa renda familiar?

1 uma  2 duas  3 três  4 quatro  5 cinco  mais de 5 cinco

**Trajetória profissional**

13 No que você trabalhava antes? \_\_\_\_\_

14 Tinha carteira de trabalho assinada:  Sim  Não

15 Há quanto tempo você trabalha nessa atividade?  Menos de 1 ano  De 1 a 3 anos  De 3 a 5 anos  De 5 a 10 anos  Mais de 10 anos

**Trajetória da atividade**

16 Por que começou a atividade?  Desemprego  Complemento de renda  Vontade de ter o próprio negócio  Outros \_\_\_\_\_

17 O recurso financeiro utilizado para iniciar a atividade foi:  Próprio  Empréstimo

18 Caso tenha sido empréstimo, quem concedeu:  Agiota  Amigos/parentes  Banco

- 19 Você possui dívidas referentes a empréstimos bancários?  Sim  Não  
 20 Caso sim, qual Banco?  Banco do Brasil  Caixa Econômica Federal  Banco do Nordeste  Outro \_\_\_\_\_  
 21 Qual o valor do empréstimo?  Até R\$ 5.000,00  Mais de R\$ 5.000,00 a R\$ 10.000,00  Mais de R\$ 10.000,00 a R\$ 20.000,00  Mais de R\$ 20.000,00 a R\$ 30.000,00  Mais de R\$ 30.000,00

### Com relação à atividade

- 22 Quais os dias de funcionamento?  De segunda-feira a Sábado  Somente nos dias de feira  Outros \_\_\_\_\_  
 23 Por que funciona somente nos dias de feira? (Caso funcione somente nos dias de feira) \_\_\_\_\_

- 24 Possui CNPJ?  Sim  Não  
 25 Caso sim, como  MEI ou  Microempresa?  
 26 Quantas pessoas, além do (s) proprietário (s), trabalham neste estabelecimento? \_\_\_\_\_  
 27 Alguma pessoa tem carteira de trabalho assinada?  Sim  Não  
 28 Caso sim, quantas?  1  2  3  4  Mais de 4  
 29 Neste estabelecimento trabalha alguém da sua família (do proprietário)?  Sim  Não  
 30 Caso sim, quantos?  1  2  3  4  Mais de 4  
 31 Qual média de salário pago aos seus trabalhadores (S. M. 2017)?  Até R\$ 937,00  Mais de R\$ 937,00 a R\$ 2.811,00  Mais de R\$ 2.811,00 a R\$ 4.685,00  Mais de R\$ 4.685,00

### Movimento

- 32 Em relação aos fluxos de pedestres e carros:  Baixo  Médio  Alto  
 33 Qual o período do mês de maior movimento?  Início do mês  Metade do mês  Final do mês  
 34 A que você atribui essa variação? \_\_\_\_\_  
 35 Origem dos consumidores:  Próprio bairro  Outros bairros  Zona rural de União dos Palmares  Outras cidades \_\_\_\_\_  
 36 Em relação aos gastos com o estabelecimento, quanto paga de água? \_\_\_\_\_  
 37 Quanto paga de Luz? \_\_\_\_\_  
 38 Quanto paga de telefonia fixa? (Somente para os proprietários que têm essa despesa) \_\_\_\_\_  
 39 Qual a média mensal de lucro? (S. M. 2017)  
 Até R\$ 937,00  Mais de R\$ 937,00 a R\$ 2.811,00  Mais R\$ 2.811,00 a R\$ 4.685,00  Mais de R\$ 4.685,00  Não respondeu

### Em relação ao meio ambiente construído

- 40 A atividade é realizada:  Própria residência  Barracas  Carro móvel  Ponto exclusivo para a atividade alugado  Ponto exclusivo para a atividade próprio  Outros \_\_\_\_\_  
 41 Caso seja alugado, qual o valor do aluguel?  Até R\$ 100,00  De R\$ 101,00 a R\$ 300,00  De R\$ 301,00 a R\$ 600,00  De R\$ 601,00 a R\$ 900,00  De R\$ 901,00 a R\$ 1.200,00  De R\$ 1.201,00 a R\$ 1.500,00  De R\$ 1.501,00 a R\$ 1.800,00  De R\$ 1.801,00 a R\$ 2.100,00  Mais de R\$ 2.100,00  
 42 Qual a idade do imóvel?  Menos de 5 anos  De 5 a 10 anos  De 10 a 15 anos  De 15 a 20 anos  Mais de 20 anos  
 43 Foi construído para abrigar essa atividade?  Sim  Não  
 44 Caso não, qual era a função anterior:  Residencial  Comercial  Outra \_\_\_\_\_  
 45 Considera as condições do imóvel:  Ruim  Regular  Boa  Muito boa  Excelente  
 46 Já realizou alguma reforma no local?  Sim  Não. Caso sim, quando? \_\_\_\_\_  
 47 Que tipo de reforma? \_\_\_\_\_  
 48 Considera a localização do seu comércio adequada às atividades que realiza?  Sim  Não. Caso não, por quê? \_\_\_\_\_  
 49 Se sim, por quê?  Proximidade do mercado consumidor  Disponibilidade de mão de obra  Fácil acesso aos fornecedores  Disponibilidade / facilidade de tráfego dos meios de transportes  Acessibilidade aos serviços  Outros \_\_\_\_\_

50 Considera a infraestrutura do entorno: ( )Satisfatória ( )Regular ( )Ruim

51 Por que? ( )Acessibilidade para os meios de transporte ( )Pavimentação das ruas ( )Abastecimento de energia ( )Linhas telefônicas e de internet ( )Abastecimento de água e esgoto ( )Proximidade a outros estabelecimentos comerciais ( ) Outros \_\_\_\_\_

52 Qual a sua despesa fixa mais alta? \_\_\_\_\_

53 Possui concorrentes no bairro? ( )Sim ( )Não

54 Tem alguma despesa com propaganda? ( )Sim ( )Não

55 Caso sim, essa despesa é destinada à propaganda através de: ( )Panfleto ( )Rádio ( )Outdoor ( )Outros \_\_\_\_\_

56 Equipamentos utilizados diariamente na atividade: ( )Telefone ( )computador ( )Internet ( )Impressora ( )Scanner ( )Copiadora ( )Outros \_\_\_\_\_

Especificar o uso:

Telefone \_\_\_\_\_

Computador \_\_\_\_\_

Internet \_\_\_\_\_

Impressora \_\_\_\_\_

Scanner \_\_\_\_\_

Copiadora \_\_\_\_\_

Outros \_\_\_\_\_

#### **Crédito no abastecimento/compra de insumos e mercadorias**

57 As mercadorias e/ou insumos são comprados? ( )A intermediários ( )O proprietário se desloca para realizar as compras

58 Qual a origem das mercadorias e/ou insumos? ( )União dos Palmares ( )Outra cidade \_\_\_\_\_ ( )Outro estado \_\_\_\_\_

59 Qual a periodicidade das compras? ( )Semanal ( )Quinzenal ( )Mensal ( )Semestral ( )Anual

60 Quanto ao estoque, considera: ( )Suficiente ( )Insuficiente

Por que? \_\_\_\_\_

61 Quais as formas de pagamento utilizadas na compra das mercadorias e/ou insumos?

( )Dinheiro ( )Cartão de crédito/débito ( )Cheque ( )Boleto bancário ( )Nota promissória

62 Há atraso nos pagamentos das compras? ( )Sim ( )Não

63 Se sim, por quê? \_\_\_\_\_

#### **Crédito oferecido à clientela**

64 Quais as formas de pagamento disponibilizadas aos consumidores?

( )Dinheiro ( )Cartão de crédito/débito ( )Fiado ( )Cheque

65 Qual a forma principal de pagamento usada pelos consumidores?

( )Dinheiro ( )Cartão de crédito/débito ( )Fiado ( )Cheque

66 Tem despesa com aluguel da maquina? \_\_\_\_\_

( )Sim ( )Não Caso sim, qual o valor do aluguel? \_\_\_\_\_

67 Como controla o fiado? ( )Nota promissória ( )Caderneta ( )Outro \_\_\_\_\_

68 Com relação à inadimplência, considera: ( )Alta ( )Média ( )Baixa

69 Qual o critério utilizado para selecionar quem pode ou não comprar fiado?

70 ( )Aposentado ( )Conhecido ( )Todos os clientes ( )Outro \_\_\_\_\_

Outras informações: